

Luiz Guilherme Augsburger

**QUE PODE A AMIZADE?
MOVIMENTOS CARTOGRÁFICOS E EDUCAÇÃO EM
TERRAS DE CLAUSURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Ana Maria Hoepers Preve

Florianópolis
2017

A921q Augsburger, Luiz Guilherme

Que pode a amizade? : movimentos cartográficos e educação em terras de clausura / Luiz Guilherme Augsburger. – 2017.

209 p. ; 29 cm

Orientador: Ana Maria Hoepers Preve

Bibliografia: p. 195-209

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

1. Educação. 2. Amizade. 3. Cartografia. I. Preve, Ana Maria Hoepers. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 370 - 20. ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

Luiz Guilherme Augsburger

**QUE PODE A AMIZADE?
MOVIMENTOS CARTOGRÁFICOS E EDUCAÇÃO EM
TERRAS DE CLAUSURA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

Florianópolis, 3 de agosto de 2017

Banca de Defesa:

Dra. Ana Maria Hoepers Preve
Orientadora
PPGE/FAED/UDESC

Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia
PPGLit/UDESC

Dra. Gicele Maria Cervi
PPGE/CCEAL/FURB

Prof. Dr. Lourival José Martins Filho
PPGE/FAED/UDESC

A Sergio Luiz Augsburguer (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa através de bolsa de demanda social;

Ao Prof. Dr. Lourival José Martins Filho, cujo cuidado e acolhimento na leitura do texto foram importantes para a composição desta dissertação;

Ao Prof. Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia, figura ímpar para o acontecimento desta pesquisa em seu olhar e escuta singulares;

À amiga, Profa. Dra. Gicele Maria Cervi, por suas provocações e contribuições que se estendem muito além desta escrita acadêmica;

A minha orientadora e amiga, Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve pela maestria com que me ajudou a chegar a esta dissertação, mas também por me ter possibilitado, sugerido e provocado uma série de encontros com professores, lugares, matérias e textos, os quais, ainda que muitos não tenha sido capaz de me apropriar, em mim ainda reverberam.

À direção e aos demais funcionários do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis, que gentilmente acolheram a mim, às oficinas e, conseqüentemente, a esta pesquisa;

Aos mestres-loucos e pacientes-internos e participantes das oficinas do HCTP, sem os quais esta pesquisa não ganharia as dimensões que ganhou;

Aos membros do “Políticas de Educação na Contemporaneidade”, da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), que, apesar da distância, mantiveram-se sempre tão importantes ao desenvolvimento deste movimento cartográfico;

Aos membros do “Geografias de Experiência”, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mormente a Camila Verena Fernandes Barbosa e Michele Martinenghi Sidronio de Freitas, que estiveram comigo nas viagens ao HCTP e também fora dele, e a Danilo Stanke Ribeiro, parceiro de disciplinas, de escritas e de outros desafios do percurso de mestrado;

Aos familiares, que me acompanharam e apoiaram nesse processo: minha tia, Teresa Cristina Ehlke, que me acolheu quando cheguei em Florianópolis, minha irmã, Lara Sabrina Augsburg, minha mãe, Eliana Inácio Augsburg, e meu pai, Sergio Luiz Augsburg, com quem aprendi uma *amizade pelo saber*, que hoje me é tão cara.

Aos vários valiosos amigos, tão presentes de inúmeras formas; amigos dos mais antigos, como Izidione Antônio Miozzo Junior, aos mais recentes, como Helena Almeida e Silva Sampaio – a quem devo uma reviravolta final na escrita da dissertação –, passando por uma lista preciosíssima, cujos adjetivos precisos me faltam: André Procópio Gomes, Artur Weiduschath, Beli Bertalha, Celso Kraemer, Elaine da Silva, Letícia Rosane Manske, Helena Paula Zanin – com quem criei um carinho e cuidado único –, Mirele Corrêa, Philipe Ricardo Chiodini Müller. Amigos dos que se tem em bando, como a Trupe Perambula, aos que se tem só, de um jeito singular, como Sady Luiz Augsburg: amigo a quem sou infinitamente grato, alguém por demais importante para que esta dissertação e, fundamentalmente, para que este que vos escreve pudessem ser o que são – *devir o que devieram*;

A todos vocês, sou grato.

meus amigos
quando me dão a mão
sempre deixam
outra coisa

presença
olhar
lembrança calor

meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão

(LEMINSKI, 2013)

RESUMO

A partir da questão “que pode a amizade?” (não o que é, mas as potências de devir), este texto desenvolve uma série de movimentos cartográficos (pesquisar o devir) e processos de educação em terras de clausura (lugares que enclausuram em relação ao Fora – o Outro, devir). Assim, aqui, pesquisar não é encontrar uma resposta à pergunta que move a pesquisa, mas, é o próprio movimento promovido pela questão (que pode a amizade?) e pelos territórios habitados (terras de clausura e oficinas e...). Aqui, educar não é ensinar, mas, como as experiências do movimento, dos territórios e dos encontros formam um educador e um pesquisador. E a questão não é sobre a forma da amizade entre aqueles que habitam as terras de clausura, e sim, é sobre os limiares do pensamento, da experiência, do corpo, da palavra nestes lugares e com estas pessoas. O texto organiza-se em uma introdução e cinco seções (anotações teórico-metodológicas, registros de campo, cartas e ensaios sobre os materiais encontrados e a questão da amizade) que se interconectam em múltiplas possibilidades de ordenação de leitura. E deste modo abre à experiência de amizades outras – que se insinuam para além da identidade-diversidade, obrigatoriedade-eletividade, sujeição-liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade. Cartografia. Clausura. Devir. Fora. Educação. Hospital de Custódia e Tratamento. Oficina.

ABSTRACT

Dragged by the question “what can a friendship do?” (not what is it, but the power of becoming), this text develops a series of cartographic movements (to research the becoming) and process of education in enclosurelands (places that enclosure from the Outside – the Other, becoming). Thus, here, to research is not to find an answer to the question that moves the research, but it is the movement raised by the question (what can a friendship do?) and by the territories (enclosurelands and workshops and...). Here, to educate is not to teach, but how do the movement, territories and encounters experiences shape-up an educator and a researcher. And the question is not about the way of the friendship between whom inhabits enclosurelands, nonetheless, it is about the thought, experience, body and words thresholds in these places and with these people. The text is organized in an introduction and other five sections (theoretical and methodological notes, field records, letters and essays about the found materials and the question of friendship) interconnected in multiple reading order possibilities. And, thus, it opens to the experience of other friendships – that imply something beyond identity-diversity, obligation-election, subjection-liberty.

KEYWORDS: Friendship. Cartography. Enclosure. Becoming. Outside. Education. Custody and Treatment Hospital. Workshop.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
FAED	Faculdade de Educação
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
GRT	Grupo de Resposta Tática
HCTP	Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico
NAPS	Núcleo de Apoio Psicossocial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

0. MANUAL DE LEITURA.....	19
DAS SEÇÕES	19
DA TRAVESSIA	21
DA TERRA DE CLAUSURA.....	21
DO PERSONAGEM-AUTOR	22
DOS DEMAIS PERSONAGENS.....	22
DAS IMAGENS	23
DA VIAGEM	24
SEGUIR O COELHO, DE FORA PARA DENTRO DA TOCA....	27
CADERNO DE APRENDIZ: NOTAS DO OFÍCIO.....	41
QUE FAZ UM CARTÓGRAFO?	41
QUE FAZ UM OFICINEIRO?.....	53
DIÁRIO DE BORDO: REGISTROS DE VIAGENS AO HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO	59
PRELÚDIO – PRIMEIRO CONTATO.....	59
6.11.15 – PORTAS-PORTÕES-GRADES	59
28.3.16 – A MISSA DE PÁSCOA	63
4.4.16 – “A GENTE PODE EXPERIMENTAR, DESDE QUE NÃO SEJA ALGO PERIGOSO”	64
14.4.16 – O CLUBE DA AMIZADE	69
5.5.16 – VALE DAS GLÓRIAS.....	72
INTERLÚDIO – SEGUNDA LEITURA	81
12.5.16 – “UM GINGADO FORA DO ESQUADRO”	83
19.5.16 – LEMBRETES DA VIOLÊNCIA QUE HABITA ESSE LUGAR	87
2.6.16 – “SÓ FICA ÚTIL QUANDO A GENTE PEGA PARA USAR”	89
9.6.16 – SETE NOTAS	93
16.6.16 – UMA OFICINA DE DESOBJETOS	98
23.6.16 – UMA DESISTÊNCIA	103
30.6.16 – <i>HAPPENING</i>	106
6.7.16 – CARTAS A AMIGOS I.....	109
7.7.16 – CARTAS A AMIGOS II	113
27.7.16 – “LIBERDADE”	116
28.7.16 – UMA FESTA NO “INFERNO”	118
4.8.16 – O QUE ACONTECE QUANDO O ESPERADO NÃO ACONTECE?	121
11.8.16 – O SERMÃO DA AMIZADE	123
12.8.16 – A BANDA DE UM.....	124

2.9.16 – A BRICOLAGEM.....	125
16.9.16 – UMA DESPEDIDA.....	128
30.9.16 – UM EXERCÍCIO DE LISTAS.....	130
14.10.16 – POESIA, JOGAR COM AS PALAVRAS.....	131
28.10.16 – UMA POÉTICA DADAÍSTA.....	134
18.11.16 – ZERO EM DIDÁTICA.....	135
15.12.16 – FESTIM DIABÓLICO.....	137

**CARTAS A AMIGOS: NOTÍCIAS DAS TERRAS DE
CLAUSURA139**

CARTA A UM ARQUITETO.....	139
CARTA A UMA EDUCADORA.....	144
CARTA A UM PROFESSOR.....	150
CARTA A OUTRO CARTÓGRAFO.....	156
CARTA A UM POETA.....	163

SEGUIR O COELHO, DE DENTRO PARA FORA DA TOCA...179

O QUE SE PASSOU?.....	179
I.....	181
II.....	182
III.....	183
IV.....	185
O AVESSE.....	186
<i>CODA OU OUVERTURE?</i>	189

REFERÊNCIAS.....195

0. MANUAL DE LEITURA¹

DAS SEÇÕES

A presente dissertação é composta de *movimentos* (perseguições e caminhadas e mapeamentos e escritas e suítes e viagens e conversações e sinfonias e esburacamentos e processualidade e...), mais ou menos simultâneos, como modo de cartografar uma questão: **que pode a amizade?**

Estes *movimentos cartográficos* estão dispostos em cinco seções: “**Seguir o Coelho, de fora para dentro da toca**”; “**Caderno de aprendiz: notas do ofício**”; “**Diário de bordo: registros de viagens ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico**”; “**Cartas a amigos: notícias das terras de clausura**”; “**Seguir o Coelho, de dentro para fora da toca**”.



Seguir o Coelho, de fora para dentro da toca. Movimento que parte da imagem literária de Alice e do Coelho Branco de Lewis Carroll (2013) para dar passagem à perseguição da *questão da amizade*. É nesta seção que ganha forma e cor a questão que atravessa toda a pesquisa (que pode a amizade?) – *movimento da questão*.

Caderno de aprendiz: notas do ofício. Este movimento, em dois atos, busca dar visibilidade à caminhada em que a *cartografia* e a *oficina* ganham corpo enquanto ferramentas desta pesquisa. Em meio ao movimento conceitual de “que faz um cartógrafo”, utiliza-se de “cenas como ferramenta para descondensar a linguagem teórica, a tornar a narrativa menos densa (e abstrata) e mais conexa à concretude na qual se mistura às demais seções – *movimento das ferramentas*.

Diário de bordo: registros de viagens ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Este movimento registra as viagens ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) por meio de um diário de viagem, ao modo de Albert Camus (1988): “Trata-se, efetivamente, de um relato de viagem, do qual foi abolida qualquer

¹ Ou “Manoel de Desleitura”. Antes de uma introdução ao trabalho, trata-se de um crepúsculo a uma viagem-leitura.

reflexão que lhe seja estranha” (QUILLIOT, 1988, p.7). Assim, consiste este movimento em um conjunto de “anotações em estado bruto” (QUILLIOT, 1988, p.9). As (poucas) reflexões presentes aí são aquelas surgidas no momento da viagem e estão postas entre colchetes ([]). Ao longo do relato tanto a *forma* de relatar quanta a *matéria* do relato vão transformando-se, adaptando-se às necessidades da questão de pesquisa (em movimento), e.g., uma descrição extensivamente minuciosa das oficinas vai dando lugar aos “casos”² no intuito de se apreenderem as cenas em suas minúcias intensivas. Os relatos começam a desintegrar-se e a desfazer-se de certa linearidade: ainda que as viagens estejam dispostas cronologicamente, os relatos no interior de cada viagem vão formando camadas narrativas que se sobrepõem umas às outras – *movimento das viagens ao HCTP*.

Cartas a amigos: notícias das terras de clausura. Como epístolas de um viajante que deseja compartilhar com alguém querido o que há de mais interessante em suas andanças, as cartas a amigos são resultado do cruzamento daquilo que o cartógrafo carrega nesta viagem (notas do caderno, registros no diário, além outros matérias e encontros). Isto tudo é devorado e incorporado, no que as autorias se perdem e as referências se dissolvem em um discurso indireto à maneira de Deleuze, restando desta antropofagia cartográfica³ não mais que sinais sutis do processo: *guillemet* (« ») – quando sobram. É nesta elaboração cartográfica de missivas que as diversas matérias encontradas na viagem do cartógrafo tornam-se textos endereçados ao *Outro*, àquele que não vive as experiências dessa viagem, mas dela amorosamente recebe algo. É uma abertura da experiência da viagem para o amigo, enquanto personagem intelectual de um exercício de pensamento⁴. É composição de cartas (mapas, epístolas e de baralho) aos personagens do Outro (arquiteto, cartógrafo, educadora, poeta e professor) – *movimento de dar língua os afetos que pedem passagem*.

Seguir o Coelho, de dentro para fora da toca. Esta seção é um *ensaio* que *prolonga a perseguição da questão* até um ponto em que esse movimento redobra o Fora da clausura e algo atravessa o que se passou até seu avesso, uma *coda-ouverture*. Aqui, experimenta-se diversas

² O sentido de “caso” aqui relaciona-se com seu uso literário (em contos, novelas, romances) e não com seu uso técnico-científico (clínico, criminal, psicanalítico).

³ Sobre a relação entre “antropofagia” e “cartografia” cf. ROLNIK, 2014.

⁴ Sobre o amigo como personagem filosófico cf. DELEUZE; GUATTARI, 2005.

linguagens para dar passagem a conclusões inconclusas e inconclusivas, ponderações desponderadas e despudoradas, reticências finais... – *movimento do pensamento*.

DA TRAVESSIA

Feito movimentos em uma sonata, cada *movimento cartográfico*, aqui, começa (ainda que pelo meio) e termina (ainda que reticente), dando a cada qual certo grau de autonomia. De modo que um elemento comum *estético* (o movimento) e *temático* (a amizade) atravessa as seções sem necessariamente hierarquizá-las e/ou fazê-las indispensáveis umas às outras – entre elas propõe-se mais uma conexão rizomática do que uma linearidade arbórea (ou radicular) –, muito embora, cada seção não seja indiferente à outra e cada “bloco textual” reverbere no outro. Assim, a despeito da ordenação das seções, não há um modo único de se as percorrer, podendo cada leitura ser traçada a seu próprio modo (um percurso próprio, uma caminhada singular) através da pesquisa. Por fim, as seções funcionam menos como um holofote sobre a escuridão abissal, do que como fósforos acesos um em meio à total escuridão. As seções são pequenas luminescências viajantes – vaga-lumes. Vaga-lumes a uma experiência de leitura, fósforos riscados no risco de uma travessia por terras de clausura.

DA TERRA DE CLAUSURA

Ao longo da pesquisa a expressão “terra de clausura” emerge. Vale notar, então, que seu significado é menos o da clausura (fechamento ou situação de encerramento) institucional, é menos os muros de tijolos e cimento, do que a clausura do Fora, do que os muros que *encerram sobre si o Dentro* (*homo œconomicus* e biopolítica) ou *enclausuram o Fora* (loucura e doença mental). Terra de clausura é uma terra de niilismo que tenta, ostensiva, sub-repticiamente, extensiva e intensivamente, fechar-se às (des/re)dobras e às forças do Fora⁵. A terra de clausura também é conhecida por outros nomes: Larrosa (2014) a chamou de “limbo”;

⁵ As noções de “clausura” e “Fora” foram intensivamente inspiradas no escrito de Perter Pál Pelbart (2009), “Da clausura do fora ao fora da clausura”, assim como a de niilismo o foi em sua cartografia “O avesso do niilismo” (PELBART, 2016).

Baudelaire (2012), de “abismo”⁶, Italo Calvino (2003) e *Zacarias*⁷, de “inferno”; Kafka (2008), de “Castelo”; Pessoa (s/d), de “grande casa”; Huxley (1983; 2009), de “utopia”; e Foucault (2013) a incluiu nas “heterotopias”.

DA PERSONAGEM-AUTOR

O texto que se segue é redigido em primeira pessoa do singular. Todavia, não por qualquer crença em uma autoria da qual o *eu* seria portador, uma vez que é sabida a *função* que aí jaz (FOUCAULT, 2001a). É sabido também que esse *eu*, no fundo, guarda “muita gente”⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.9), posto que cada um (de nós) é vários. Bernardo Soares escreve: “Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia” (PESSOA, 1990, p.128). É para dar lugar a esta sinfonia que, não sem certo humor, usa-se aqui a primeira pessoa do singular como uma personagem (entre várias) e, também, “porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU.”⁹ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.9). Assim, o eu (personagem-autor) ora é cartógrafo, ora é viajante, ora é oficinairo, ora é amigo, ora é outra coisa ainda.

DAS DEMAIS PERSONAGENS

Neste texto há outras *personagens*, além da multiplicidade do “eu”, dispostas ao longo dos movimentos cartográficos. A diferenciação das pessoas ao longo da pesquisa tem propósitos estratégicos. Ao buscar-se manter o anonimato dos sujeitos, foram distribuídos *epítetos* para apenas

⁶ No original “*gouffre*”.

⁷ Cf. Diário de bordo.

⁸ No original: “*beaucoup de monde*”

⁹ No original: “*parce qu’il est agréable de parler comme tout le monde, et de dire le soleil se lève, quand tout le monde sait que c’est une manière de parler. Non pas en arriver au point où l’on ne dit plus je, mais au point où ça n’a plus aucune importance de dire ou de ne pas dire je.*”

sinalizar a partir de que máscaras e lugares estes sujeitos agem: agente de segurança, amigo, arquiteto, assistente social, cartógrafo, educadora, guarda, oficinheiro, paciente-interno, participante, poeta, professor, psicóloga. Foram distribuídos, outrossim, *pseudônimos* para facilitar a fruição das narrativas. Estes pseudônimos foram marcados em itálico.

Àqueles que estão sob regime de medida de segurança no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) dá-se, institucionalmente, a alcunha de “paciente” (dado o caráter hospitalar da instituição) e/ou “interno” (dado o caráter de enclausuramento da instituição). Aqui, para designar estas pessoas, quando sob regime exclusivo das dinâmicas do território-HCTP, usa-se o termo “paciente-interno” e, quando inseridas no território-Oficina, se as designa “participante” – de modo a dar expressão à sutil diferença de registro e relações que se dão entre estes dois territórios. Vale notar que o termo “participante” não é sinônimo de “sujeito participativo” (CERVI, 2013), indicando apenas aquele que faz *parte* das oficinas, sem que ele precise ser necessariamente *ativo* ou *participativo* nas oficinas; podendo inclusive quedar “a parte” das atividades, fazendo ‘apenas’ parte do espaço das oficinas.

DAS IMAGENS

Dentre os vários sentidos do vocábulo “imagem” aquele que parece dominante é a *representação visual de algo (seres, objetos, cenas etc.) com o auxílio de aparatos técnicos*. Se em um primeiro momento o presente texto aparenta carência de imagens, vale notar que aqui a visualidade da imagem é de outra ordem e o aparato técnico que se utiliza aqui é a escrita em suas diversas estéticas (poesia, narração, dissertação, correspondência, anotação, registro em diário, entre outras). Assim, as seções apresentam, conforme a necessidade de expressão do material implicado, contos, cenas, casos, movimentos, notas, números ou poema como *imagem*¹⁰.

DAS REFERÊNCIAS INTERNAS

¹⁰ Imagem menos no sentido de *imago* (representação) e mais no sentido de *figuras desfiguradas* (dramatização). Sobre a ideia de “figura desfigurada” cf. MACHADO, 2010.

Dada a relação rizomática supracitada entre as seções, utilizou-se o seguinte sistema para fazer referências internas ao texto: “Cf. *Seção, Parte, Subparte*.” Cada elemento é separado do anterior por vírgula (.). Em caso de mais de uma seção, parte e/ou subparte, estas estão separadas por ponto-e-vírgula (;). As seções são referenciadas de forma simplificada, apenas pela primeira parte (“Manual de Leitura”; “Caderno de aprendiz”; “Diário de bordo”; “Cartas a amigos”), salvo “Seguir o Coelho, de fora para dentro da toca” e “Seguir o Coelho, de dentro para fora da toca”, referenciados respectivamente “De fora para dentro da toca” e “De dentro para fora da toca”. E.g.: “Cf. De dentro para fora da toca.”; “Cf. Diário de Bordo, dia 2.6.16, O caso do barbeiro; dia 14.10.16, O caso das maneiras de sobrevivência.”; “Diário de bordo, dias 4.4.16; 5.5.16; 12.15.6.”; “Cartas a amigos, carta a uma educadora; carta a um professor.”

DA VIAGEM

Às pessoas que seguirem nesta leitura:

QUARTEL¹¹ LIVRE / Eu pus meu quepe na gaiola / e sai com o pássaro na cabeça / Então / não se saúda mais / perguntou o comandante / Não / não se saúda mais / respondeu o pássaro / Ah bom / desculpe-me eu acreditava que se saudava / disse o comandante / Está perfeitamente desculpado / todo mundo pode se enganar / disse o pássaro.¹²
(PRÉVERT, 1949, p.175)

¹¹ A palavra francesa “*quartier*” pode significar: “bairro”, “distrito”, “quarteirão”, “quartel”, “quarto”, “parte da cidade”, “subúrbio”, “vizinhança” ou ainda “zona”.

¹² No original: “*QUARTIER LIBRE / J’ai mis mon képi dans la cage / et je suis sorti avec l’oiseau sur la tête / Alors / on ne salue plus / a demandé le commandant / Non / on ne salue plus / a répondu l’oiseau / Ah bon / excusez moi je croyait qu’on saluait / a dit le commandant / Vous êtes tout excusé / tout le monde peut se tromper / a dit l’oiseau.*”

IBIS
REDIBIS
NON
PERIBIS
IN BELLO

SEGUIR O COELHO, DE FORA PARA DENTRO DA TOCA

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado de sua irmã e não ter nada para fazer: uma vez ou duas dava uma olhadinha no livro que a irmã lia, mas não havia figuras ou diálogos nele e “para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”

Então, ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que o esforço de ter de levantar e colher as margaridas, quando subitamente, um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de *muito* especial nisso, também Alice não achou *muito* fora do normal ouvir o Coelho dizer para si mesmo “Minha nossa! Minha nossa! Eu devo estar atrasado!” (quando ela pensou nisso depois, ocorreu-lhe que deveria ter achado estranho, mas na hora tudo parecia muito natural); mas quando o Coelho de fato *tirou um relógio do bolso do colete* e olhou-o, apressando-se a seguir, Alice pôs-se de pé e lhe passou a ideia pela mente, como um relâmpago, de que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca.

No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali.¹³ (CARROLL, 2013, p.1-2)

¹³ No original: “Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, “and what is the use of a book,” thought Alice, “without pictures or conversations?” So she was considering in her own mind, (as well as she could, for the hot day made her feel very sleepy and stupid,) whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a white

Alice está num empasse em relação ao que fazer. Estou num empasse em relação ao que escrever. Alice segue o Coelho quando não tem o que fazer, segue-o para sair do empasse. Sem saber o que escrever sigo uma Questão, sigo-a para sair de um empasse. Alice também o Coelho segue porque um pensamento-relâmpago a atravessa e uma curiosidade ardente se instaura nela. Sigo a Questão porque é justamente ela que me move a escrever, é essa questão, que corre apressada e atrasada, que me põe (ou impõe) as demais questões (inclusive de como começar a escrita); é ela que me atravessa como um relâmpago e faz meu corpo arder de curiosidade. Essa Questão, meu Coelho, é a Amizade.

*

**

Em revisitando minhas memórias, percebo que esse Coelho Branco com olhos cor-de-rosa já havia passado por mim algumas vezes antes de que eu decidisse persegui-lo. Quando menino, perguntava-me por que aquilo que as crianças ao meu entorno viviam enquanto amizade, como brincar na rua com os amigos, visitar, fazer trabalhos escolares ou dormir na casa de um amigo etc., por que essa coisa, que eram tão banais aos demais colegas em suas relações de amizade, eram-me ausentes.

O Coelho também parece ter passado apressado por mim, quando me lembro de perguntar-me por que me aprazia o caráter não-familiar das amizades que vivi quando cursando graduação em História¹⁴. Ainda que

rabbit with pink eyes ran close by her. There was nothing so very remarkable in that; nor did Alice think it so very much out of the way to hear the Rabbit say to itself, "Oh dear! Oh dear! I shall be too late!" (when she thought it over afterwards, it occurred to her that she ought to have wondered at this, but at the time it all seemed quite natural); but when the Rabbit actually took a watch out of its waistcoat-pocket, and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, for it flashed across her mind that she had never before seen a rabbit with either a waistcoat-pocket or a watch to take out of it, and, burning with curiosity, she ran across the field after it, and was just in time to see it pop down a large rabbit-hole under the hedge. In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again."

¹⁴ No primeiro semestre de 2008 matriculo-me no curso de graduação em História na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, colo grau de bacharel e licenciado em fevereiro de 2012.

o houvesse visto passar apressado, não notara seu colete, nem o que pronunciava; é só posteriormente, quando precisava elencar um tema para meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que passo a persegui-lo como questão de minha monografia¹⁵, orientada por meu amigo e professor Celso Kraemer¹⁶.

É-me presente na memória a imagem do momento em que me dei conta de que o colete do Coelho tem bolso e que este guarda um relógio: estava sentado na biblioteca da universidade, eu, um jovem estudante de História, a ler o último capítulo do livro “Amizade e Estética da Existência em Foucault” (ORTEGA, 1999). Não lembro porque cheguei ao texto, mas ele é catalisador do pensamento-relâmpago que me faz olhar para a amizade enquanto uma *questão*, que me faz o corpo arder de curiosidade, afeta-me de modo que preciso persegui-la. E se passo a andar em seu encalço, não o faço de um *começo*, mas pelo *meio* do movimento desta questão, “quando subitamente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo”: sabe-se lá de que lugar ele vem, sabe-se lá para que lugar ele vai...

Uma questão-Coelho, é preciso ressaltar, não é coisa fácil de se pegar, porque, em sua rapidez, escapa, devém. Preciso de fôlego e vigor para me manter em sua trilha e de atenção para notar suas mudanças de rota e de contorno. Quando a sigo, pela primeira vez, na biblioteca, ziguezagueando entre as estantes de livros, ela tem a forma mais clássica, como indica Deleuze (2006), de uma questão-Coelho (“que é”, “que é isso?”, “o que é aquilo?”): **que é a amizade?**

Porém à medida em que a vou seguindo, ela ganha novos traços. Saio do texto de Ortega (1999) e entro, atrás dela, em entrevistas dadas por Michel Foucault (2001b), cujos temas (estética da existência, amizade, homossexualidade, sexualidade, novas formas de subjetividade, processo de subjetivação) vão se colando ao Coelho, que logo tem outra feição: **que é a amizade na constituição de um modo de vida (outro)?**

A amizade ganha força e pelo caminho cruza com leituras e

¹⁵ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2011 sob o título de “Amizade disciplinar: uma problematização das estratégias de governo e da amizade no Iluminismo”.

¹⁶ Celso Kraemer, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e professor no Centro de Ciências Humanas e da Comunicação – CCHC e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da FURB e coordenador do grupo de pesquisa “Saberes de si”.

reflexões historiográficas (é preciso pensar a amizade na história). Cruzo, outrossim, com Zaratustra (NIETZSCHE, 2011) e seu Inimigo como o maior Amigo (é preciso pensar a ética do amigo¹⁷). Também passo por outros textos de Foucault que vão, de algum modo, compondo a perseguição do Coelho apressado¹⁸. A história, que é elemento forte no pensamento de Foucault e eixo da graduação que curso, afeta diretamente minha questão; arqueologia e a genealogia foucaultianas aparecem como ferramentas para auxiliar nessa perseguição: **qual a genealogia da amizade?**

Enveredo-me por outros textos de Ortega (2000; 2002), que fala em “genealogias da amizade” e amizade ética e política. Sou levado a outras sendas – já me sinto distante da pergunta de “que é amizade” –; todavia, é preciso passar a pensar em amizades, no plural; preciso pensar não *que é*, mas *como, onde, quando*; é preciso continuar seguindo. Simultaneamente, novas noções começam a fazer parte de meu vocabulário e a transformar o objeto perseguido, por exemplo, “governar”. Nem reinar, nem comandar, nem fazer a lei, mas: dispor e organizar os sujeitos (indivíduos, população, famílias etc.) em um meio (sociedade, escola, fábrica etc.), estratégias de poder e de saber que vão, na modernidade, passar especialmente pelo Estado. A esse processo, em que o governo que vai paulatinamente se concentrando nos aparelhos de Estado, Foucault chama de “governamentalização do Estado” (2009a). As estratégias desta forma de governo moderna agem em dois níveis: população e indivíduo, *omnes et singulatim* (todos e cada um) (FOUCAULT, 2001b). Interessa-me, então, saber como a amizade atravessa essas dimensões de governo – seja para corroborá-las, seja para fazê-las vazar: **como é a relação entre amizade e governo?**

O Coelho olha o relógio, ele tem pressa, está atrasado, e eu?, eu tenho alguns meses para elaborar um projeto de pesquisa que depois precisa tornar-se uma monografia; passo a perseguir o Coelho como meu

¹⁷ Infelizmente, é somente após a escrita da monografia que leio a obra de Passetti (2003), “Éticas dos amigos”, na qual potências libertárias da amizade são pensadas a partir das obras de Max Stirner, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.

¹⁸ Estes textos são: “As palavras e as coisas”, “Vigiar e punir”, “Microfísica do poder”, os três volumes de “História da sexualidade”, alguns cursos dados no Collège de France (1976, 1978 e 1979), textos espalhados ao longo dos dois tomos de “*Dits et Écrits*”.

trabalho de conclusão de curso. Onde estudar a amizade? Por onde experimentar uma genealogia da amizade? Eis que sou levado aos textos “*Qu’est-ce que le Lumières?*” (FOUCAULT, 2001b) e “O que é a crítica?” (FOUCAULT, 2000), a questão-Coelho ganha nova forma justamente passando por textos que são questões (“*Qu’est-ce que le...*”, “O que é a...”, a perseguição tem dessas graças). Deparo-me com a ideia de uma “ontologia crítica de nós mesmo”¹⁹ (FOUCAULT, 2001b, p.1396), “uma ontologia do presente” que interroga “sobre o que somos nós em nossa atualidade”²⁰ (FOUCAULT, 2001b, p.1506); através de uma mirada ao passado, buscar em suas rupturas e diferenciações elementos para compreender o atual. Isso! Sinto aproximar-me da questão. Outro presente que o texto me dá é a relação entre *aufklärung*²¹ e modernidade: é no século XVIII, enquanto ponto de ruptura entre *ancien régime* e modernidade, que vou buscar elementos para pensar a governamentalidade moderna; é na importância do Iluminismo para a formação da modernidade e nas lacunas que creio haver sobre a amizade neste período/movimento²² que pergunto: **quais as relações entre a amizade, presente em textos iluministas, e a governamentalidade moderna, emergente no século XVIII?**

Através de uma pesquisa em textos de pensadores iluministas, tento ir ao encontro de respostas a minha problemática, contudo, por mais que encontre entre a amizade, presente naqueles texto, uma consonância tanto com a *aufklärung* (o projeto de formação do sujeito moderno iluminista), quanto com as formas de governo que se estabelecem na Europa setecentista (AUGSBURGER, 2011), por mais que encontre algo que se possa chamar “resposta”... Ainda não alcanço a questão que

¹⁹ No original: “*ontologie critique de nous-même*”

²⁰ No original: “*une ontologie du présent*” e “*sur ce que nous sommes dans notre actualité*”

²¹ Opta-se aqui pelo o uso da expressão alemã “*aufklärung*”, posto que esta designa ao mesmo tempo o movimento Iluminista e o processo de esclarecimento pelo qual o indivíduo sai de sua “menoridade” intelectual e assume a *sapere aude* (coragem de saber) e passa a fazer uso de seu próprio entendimento, o que implica um sujeito que se sujeite apenas à Razão e a ela se sujeite de bom grado – processo esse componente relevante para compreender o movimento das Luzes.

²² À época, o único grande estudo historiográfico sobre amizade no período das Luzes que encontro é de Anne Vicent-Buffault (1993), intitulado “Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX”.

persigo... Por mais que sinta que mergulho na toca de coelho, sem mesmo pensar em como voltar, ainda não consigo alcançar o Coelho Branco de olhos cor-de-rosa. Após a escrita, queda, inquieta, a pergunta: **...e a amizade hoje?** E mais: **qual a relação atual da amizade na (auto)constituição dos sujeitos?**

Cursar um mestrado e nele desenvolver uma pesquisa soa-me como um bom meio de manter-me no encaicho dessas perguntas, todavia, a perseguição da questão-Coelho tem seus desvios e imprevistos...

*
**

A toca de coelho dava diretamente em um túnel e, então, aprofundava-se repentinamente, tão repentinamente que Alice não teve um momento sequer para pensar em parar antes de se encontrar caindo em um poço bem fundo.

Ou o poço era muito fundo ou ela caía muito devagar, pois tinha muito tempo, conforme descia, para olhar ao seu redor e para desejar saber o que iria acontecer a seguir. Primeiro, ela tentou olhar para baixo e compreender para onde estava indo, mas estava escuro demais para ver alguma coisa; então, ela olhou para os lados do poço e percebeu que ele era cheio de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali viu mapas e quadros pendurados em cabides. [...]

Para baixo, para baixo, para baixo. Essa queda *nunca* vai chegar ao fim? “Eu adoraria saber quantas milhas eu cá até agora”, ela disse em voz alta. “Eu devo estar chegando em algum lugar perto do centro da terra. Deixe-me ver: devo ter descido umas quatro mil milhas, eu acho...” (você vê, Alice aprendeu um monte desse tipo de coisas nas lições em sala de aula, e pensou que seria uma oportunidade *muito* boa para exibir seu conhecimento, ainda que não houvesse ninguém ali para a ouvir, continuava a ser uma boa prática falar aquilo.) “...Sim, deve ser mais ou menos a distância correta... Mas fico pensando em que Latitude e Longitude estou?” (Alice não tinha a mínima ideia do que era Latitude, ou mesmo Longitude, mas ela pensou que eram boas palavras para se dizer.) [...]

Caindo, caindo, caindo. Não havia nada mais a fazer, então Alice começou a falar novamente. “Dinah vai sentir muito a minha falta esta noite, eu acho!” (Dinah era a gatinha). “Espero que eles lembrem de dar-lhe leite na hora do chá. Dinah, minha querida! Eu queria que você estivesse aqui comigo agora. Não há ratos no ar, eu temo, mas você poderia pegar um morcego, e eles são tão parecidos com os ratos, você sabe. Mas será que os gatos comem morcegos?” E aqui Alice começou a ficar sonolenta e continuou falando para si mesma, de uma maneira sonhadora. “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?”, e às vezes “Morcegos comem gatos?”, você vê, como ela não conseguia responder a nenhuma das questões, não importava muito de qual modo ela as colocava. Sentiu que estava cochilando, e começou a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah, e falava com ela bem seriamente, “Então, Dinah, diga-me a verdade: você alguma vez já comeu um morcego?”, quando subitamente, thump! thump!, caiu sobre uma pilha de gravetos e folhas secas e a queda acabou²³. (CARROLL, 2013, p.2-3)

²³ No original: “*The rabbit-hole went straight on like a tunnel for some way, and then dipped suddenly down, so suddenly that Alice had not a moment to think about stopping herself before she found herself falling down what seemed to be a very deep well. Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time as she went down to look about her, and to wonder what was going to happen next. First, she tried to look down and make out what she was coming to, but it was too dark to see anything: then she looked at the sides of the well, and noticed that they were filled with cupboards and bookshelves: here and there she saw maps and pictures hung upon pegs. [...] Down, down, down. Would the fall never come to an end? “I wonder how many miles I’ve fallen by this time?” she said aloud. “I must be getting somewhere near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think—” (for, you see, Alice had learnt several things of this sort in her lessons in the schoolroom, and though this was not a very good opportunity for showing off her knowledge, as there was no one to listen to her, still it was good practice to say it over) “—yes, that’s about the right distance—but then I wonder what Latitude or Longitude I’ve got to?” (Alice had not the slightest idea what Latitude was, or Longitude either, but she thought they were nice grand words to say.) [...] Down, down, down. There was*

Alice cai. Eu caio. Logo após o fim da graduação, pouco depois de iniciar a lecionar em uma escola pública, por motivos de saúde, tenho de me afastar do projeto de cursar um mestrado. A queda de Alice parece ser uma espécie de pausa em movimento, um estado de aparente imobilidade, um movimento relativo no qual ela, de fato, não para – seja porque continua a cair até alcançar o chão, seja porque sua mente não para: ela olha, ela pensa, ela age –; perguntas novas vêm ao encontro dela ao longo desse movimento. Em minha *queda*, a perseguição parece ficar em suspenso, ao menos aquela estratégia de perseguição através do mestrado o fica. A aparente imobilidade na qual me insiro não me faz de fato parar: nesta espécie de pausa (que dura aproximadamente um ano), tenho de me afastar da academia e do trabalho, porém sou levado por minha curiosidade a (re)encontrar Deleuze – as estantes de livros na parede estão cheias, também as paredes estão repletas de quadros e mapas...

*
**

Entro na obra de Deleuze por “Foucault” (2005), texto sobre a filosofia do autor homônimo ao nome do livro. As problemáticas que encontro aí envolvem-me e sou arrastado para outros textos e tomo gosto por algo ali – existe alguma coisa naquele modo de pensar o pensamento, de fazer análise, de operar conceitos, de lidar com a ontologia, que me atraí, que compõe comigo: o “devir”, a “diferença”, o “rizoma”, a “dobra”, o “nomadismo”, a “cartografia”, entre outros conceitos que

nothing else to do, so Alice soon began talking again. “Dinah’ll miss me very much to-night, I should think !” (Dinah was the cat.) “I hope they’ll remember her saucer of milk at tea-time. Dinah, my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, I’m afraid, but you might catch a bat, and that’s very like a mouse, you know. But do cats eat bats, I wonder?” And here Alice began to get rather sleepy, and went on saying to herself, in a dreamy sort of way, “Do cats eat bats? Do cats eat bats?” and sometimes, “Do bats eat cats?” for, you see, as she couldn’t answer either question, it didn’t much matter which way she put it. She felt that she was dozing off, and had just begun to dream that she was walking hand in hand with Dinah, and was saying to her very earnestly, “Now, Dinah, tell me the truth: did you ever eat a bat ?” when suddenly, thump! thump! down she came upon a heap of sticks and dry leaves, and the fall was over.”

encontro nestes novos textos, potencializam minha corrida atrás da questão-Coelho, que corre, “Minha nossa! Minha nossa!”.

Nestas andanças volto a atravessar o texto de Suely Rolnik (2014), “Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo”, no qual vejo a cartografia, enquanto modo de pensar e de pesquisar, operando – é bem verdade que o primeiro encontro com o livro dá-se ainda quando estou na escrita da monografia, porém era ‘tarde demais’, naquele momento, para que eu pudesse incorporar o que leio a minha escrita; tento, experimento, mas ainda muito aquém de qualquer coisa que se possa chamar de uma “cartografia”. Todavia, encanto-me com o modo de fazer cartográfico, noto aí uma capacidade de tocar algo tão iminente e tão fugaz como o é o devir (especialmente da amizade, dos amigos), como o são as linhas de fuga que são traçadas nos mapas atuais, nas “transformações contemporâneas do desejo”.

Esse estado de queda produz certa desorientação, “em que Latitude e Longitude estou?” (CARROLL, 2013, p.2), o que permite arriscar algumas reorientações, permite arriscar dizer “algumas palavras”, fazer novas perguntas: **é possível cartografar a amizade? Quais linhas de fuga se traçam através das amizades? Quais as capturas ocorrem através da amizade?**

Porém, os efeitos da *queda* parecem produzir certa “sonolência”, não consigo responder a nenhuma das questões, não importa muito de qual modo as coloco – quase cochilando, quase sonhando quando subitamente, thump! A queda acaba... Recuperado da doença, posso voltar à ideia de cursar um mestrado como maneira de manter-me na perseguição da questão sobre a amizade. É neste momento que, por indicação de minha amiga e coordenadora do grupo de pesquisa do qual faço parte, Giceli Cervi²⁴, leio a tese: “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação” (PREVE, 2010) – onde tenho meu primeiro contato com o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP)²⁵:

²⁴ Giceli Maria Cervi, graduada em Pedagogia e mestre em Educação pela FURB, doutora em Ciências Políticas pela PUC-SP, professora no Centro de Educação, Arte e Literatura – CCEAL e no PPGE da FURB, coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/FURB e do grupo de pesquisa “Políticas de Educação na Contemporaneidade”.

²⁵ Cf. Diário de bordo, Prelúdio.

Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), manicômio judiciário ou apenas hospital são os nomes usados como sinônimos no interior da instituição penal para se referir ao lugar dentro do sistema prisional destinado às pessoas que cometeram crimes e apresentam transtorno mental. No sistema penal brasileiro é considerado inimputável o praticante de um crime incapaz de apreciar o caráter ilícito do crime que cometeu, ao contrário dos imputáveis que sabem das responsabilidades ao cometer um delito. Aos criminosos inimputáveis não se aplica punição e sim medida de segurança. A medida de segurança é instituída no Código Penal brasileiro como uma medida especial para esses criminosos específicos tratados socialmente como doentes mentais perigosos ou loucos criminosos (PREVE, 2010, p.41).

O local é um misto de prisão, hospital e manicômio destinado àqueles que cometeram crimes e apresentam algum transtorno mental; minha curiosidade por este lugar é-me sensível, mas ainda não me faz *arder* o corpo.

Em pouco tempo entro no mestrado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação de Ana Preve²⁶, sem ter ainda um *locus* para minha pergunta: **como amizade e educação se relacionam hoje?**

A tomar “educação” em um sentido amplo, busco menos aquilo que se realiza na escola e aos moldes da escola (escolarização), do que a potência de uma “experiência” (LARROSA, 1998; 2017), de um “encontro”²⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 1980), de um não (a *esse modo*) e de uma pergunta (por *outro modo* – por uma abertura). “Oficina”, palavra-chave no trabalho de Ana Preve e do grupo de pesquisa

²⁶ Ana Maria Hoepers Preve, graduada em Biologia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, professora no Departamento de Geografia e no PPGE da Faculdade de Educação – FAED/UDESC, coordenadora do grupo de pesquisa “Geografias de experiência” e membro da Rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”.

²⁷ No original: “*rencontre*”.

“Geografias de experiência”²⁸, emerge como uma possibilidade “abrir a janela” (LARROSA, 2014, p.75).

Nesta altura da corrida, noto que algo em mim quer seguir minha questão através de *limiaries*, enquanto “limites [históricos] que nos são postos e prova de sua ultrapassagem possível”²⁹ (FOUCAULT, 2001b, p.1359) e enquanto algo “menor”³⁰ (DELEUZE; GUATTARI, 1980), não no sentido qualitativo ou quantitativo da palavra, mas como aquilo que não é modelo, que não atua como força de captura e controle; *menor* tido como potência de fuga e criação. Busco por aquilo que está no limite, as *potências menores*: criança, louco, delinquente, mulher... Aí pergunto: **como amizade e educação se relacionam nos limiaries?**

Em busca de um lugar propício para a pesquisa, procuro conhecer as atividades do “Geografias de experiência”, no que vislumbro o HCTP como um local que, eu suspeito, possa ser exatamente a porta pela qual o Coelho que enalço seguiu. HCTP é um lugar que já conheço por meio do texto de Ana Preve (2010)³¹ e que me atrai enquanto lugar de pesquisa, mas que até então não havia encontrado ensejo para adentrar. Por sugestão de Ana, acompanho uma oficina para captar as possibilidades do lugar, para sentir se algo ali me instiga a pesquisá-lo. E depois da primeira experiência de acompanhamento de oficina, segue-se outra e mais outras, e logo não só acompanho, mas proponho oficinas.

Doravante, seja quando acompanho ou quando coordeno as oficinas, passo a buscar estar naquele espaço (HCTP) como quem quer vivenciá-lo, fazendo das idas a campo um meio de habitação e produção de um lugar em que vestígios e traços de amizade possam ser mapeados e a questão perseguida, espaço onde as potências possam ganhar alguma expressão. Destarte, aos poucos, a questão do “como é” torna-se

²⁸ Grupo de pesquisa coordenado pelas professoras doutoras Ana Maria Hoepers Preve e Karen Rechia (doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas), o grupo “Geografias de experiências” faz parte do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – LEPEGEO e da Rede de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, tendo como membros, principalmente, graduandos em Geografia e pós-graduandos em Educação pela FAED/UEDESC.

²⁹ No original: “*limites [historiques] qui nous sont posées et éprouve de leur franchissement possible.*”

³⁰ No original: “*mineur*”.

³¹ Cf. Diário de bordo, Prelúdio.

insuficiente; é ainda componente do Coelho, porém não abarcar mais a força do objeto. O Coelho Branco faz-me perguntar pela *potência* da amizade, da educação e do devir; o “como *é*” dá lugar ao “que *pode*” e nestes novos meandros a Questão toma a forma de: **que pode a amizade?**

À medida que me aproximo do Coelho posso perceber mais detalhes: o cheiro do pelo, a textura do colete, o tiquetaquear do relógio – quase vejo as horas, *quase*. A questão agora se desenha como: **que pode a amizade aí, neste tipo de instituição? Quais as potências e limites da amizade em uma instituição onde o controle é extensivo e intensivo?**

Enfim: **que pode a amizade onde tão pouco parece possível?**



A caminhada segue, as oficinas seguem, a habitação e o pouso e o acompanhamento³² seguem. O coelho que parecia estar a poucos centímetros de ser apanhado... Escapa! Vou mudando de tamanho (de forma, de conteúdo...?) junto com as oficinas para continuar na perseguição da Questão. Adentramos “grandes casas”³³, que ora parecem dum tamanho intransponíveis, ora parecem de um tamanho sufocante; e vazamos pelas janelas³⁴. Tudo para perseguir a Questão. E no meio disso? Há aulas no meio do caminho, no meio do caminho há uma qualificação, no meio do caminho há encontros. Encontros com professores que me dão aula neste período, reencontro com professores que se tonaram amigos³⁵,

³² Cf. Caderno do aprendiz.

³³ Cf. Diário de bordo; Cartas a amigos, Carta a um arquiteto.

³⁴ Cf. Diário de bordo; Carta a amigos, Carta a uma educadora; Carta a um professor.

³⁵ Entre estas figuras ressalto o nomes de Gicele Maria Cervi, a quem muito devo em minha formação acadêmica, intelectual e pessoal; de Lourival Martins Filho, professor em cujas aulas pude exercitar os contornos da pesquisa em campo e da escrita da dissertação; de Wladimir Antônio da Costa Garcia, cujas aulas foram para mim experiências ético-estéticas e não raro produziam acontecimentos do pensamento; e, por fim, porém não menos importante, de minha orientadora Ana Maria Hoepers Preve, com a qual tive conversações sempre ricas em provocações e desafios, mas também em auxílio e cuidado com a pesquisa e comigo. Todos estes, membros da banca de qualificação e defesa desta dissertação, na qual seus apontamentos e sugestões ajudaram nos movimentos cartográficos desta pesquisa.

há encontros com professor de uma palavra ou de um gesto³⁶, que produziram acontecimentos dos quais nunca me esquecerei na vida de minhas retinas... Tudo isso vai transformar o modo de perceber a Questão, o modo de perceber a perseguição. O Coelho dá forma à pesquisa na medida em que *se transforma*, mas também *me transforma* e ao modo de perceber o que *é pesquisar*.

A pesquisa não é mais tomada como a captura do Coelho, mas, antes, como a própria *perseguição* – **movimentos cartográficos**. A educação não é tomada como aquilo que ensino com as oficinas, é tomada como a potência de uma experiência em mim através da habitação desses territórios; é a formação de um educador, de um oficineiro, de um pesquisador, de um cartógrafo nesta viagem – **educação em terras de clausura**. A questão já não é mais sobre os limiares daquele lugar nem sobre as amizades entre aquelas pessoas, mas, antes, é sobre os limiares do pensamento, da experiência, do corpo, da palavra naquele lugar e com aquelas pessoas. O que passa é, sobretudo, como este movimento cartográfico e esta educação em terras de clausura fizeram exercitar o pensamento (enquanto prática de criação da realidade, de elaboração de uma estética da existência) e permitiram recolocar a questão: **que pode a amizade?**

**

Ora, se conto tudo isto não é para responder ao leitor que pergunta: “o que se passará?”. E sim, para recolocá-lo no *meio* dessa experiência de pesquisa através da pergunta: “o que se passou?”.

³⁶ Entre esses professores de uma palavra e de um gesto, quer-se aqui destacar dois nomes em especial: Daniel Lins, por suas palavras certeiras sobre os cuidados em uma pesquisa com transtornados mentais e sobre a questão da gagueira da língua; palavras que, desde nossa breve conversação, reverberaram e ainda reverberam nesta pesquisa e fizeram deslocar o modo de se pôr aqui a questão da amizade. E Jorge Larrosa por seu gesto diligente de “fechar a porta”, fazendo com que eu, mais do que *compreendesse* o que é uma experiência, a *experenciasse*, fazendo com que algo se passasse a esta pesquisa, fazendo com que eu percebesse uma “janela a abrir”.

CADERNO DE APRENDIZ: NOTAS DO OFÍCIO

QUE FAZ UM CARTÓGRAFO?

Movimentos cartográficos. Perseguição, viagens, escrita, *phylum* maquínico: cartografia. Cartografia, arte do cartógrafo. Porém: o que faz um cartógrafo?

Dá “língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2014, p.23). A frase é curta, entretanto de alta densidade. Quebro-a, esmiúço-a e a recomponho.

Dar língua a **afetos** que pedem passagem... Sim, *afetos*. Entretanto, afeto aqui não é sinônimo de benquerença, simpatia ou afeição, embora possa estabelecer com estes alguma relação. Quando falo em afeto digo da capacidade inerente aos corpos de afetarem e serem afetados e com isso fortalecerem-se ou se enfraquecerem, construírem-se ou se destruírem. **Afeto: aquilo que na relação entre corpos os potencializa ou despotencializa.** E digo *corpo* e não *organismo*. Enquanto este designa um conjunto de órgãos dispostos e organizados por funcionalidades, aquele remete a materialidades de limiares e multiplicidades, a agenciamentos de partículas e intensidades (heterogêneas) que, no corpo, ganham consistência por meio de uma estabilidade. Esta estabilidade não é a do *Ser*, daquilo que permanece, é heraclítica (*panta rhei*), é dinâmica, é uma estabilidade na qual há movimentos e forças de troca e de produção entre *Dentro, Fora e Limiar* (do corpo) – a esta forma de estabilidade Simondon (2005) dá o nome de “metaestabilidade”³⁷, uma estabilidade cujos elementos constituintes incluem a variação e a entropia.

Cena 1. Um braço humano. *Zoom in.* A imagem torna-se um recorte do braço: os pelos finos e claros antes pouco visíveis agora estão em destaque, formam uma relva flava. *Zoom in.* A irregularidade dos pelos está exposta, todo o quadro da visão está preenchido pelo tecido poroso, a pele. *Zoom out.* Vejo, em um plano geral da cena, que a luz forte que ali ilumina vem do sol, que torna o dia quente, escaldante. Sob o sol, alguém sentado à beira-mar em busca de alento para o calor da cena. *Zoom in.* O foco é outra vez a pele, que transborda os limites do quadro, aquilo que parecia estático à distância revela-se em pleno vapor nesta

³⁷ No original: “*metaestabilité*”

escala; a pele transpira – o interior daquele corpo precisa estabilizar sua temperatura “interna” e, porque interage com o *Fora* e o *Dentro* do corpo, põe-se em movimento através do *Limiar*, a pele, que retorna o movimento de desestabilizar o meio “externo” – o calor entra pela epiderme pondo em movimento o “interior” do corpo que se estabiliza por meio da secreção de gotículas de suor que, atravessando a pele e depositando-se sobre ela, absorvem o calor do corpo aquecido, devolvendo a energia térmica ao meio “exterior”. Um ciclo de troca de energia – metaestável.

Corpos e não organismos. Corpos individuais (eu, tu, ele), corpos coletivos (nós, vós, eles), e também isso e aquilo, corpos parciais, corpos plenos, duas pedras que se chocam, uma manada que debanda, um sujeito que estaca, mas também, uma festa em que pessoas entram e saem, ficam e vão, trazem e levam coisas (materiais e imateriais), um levante que ocupa um prédio público e impede o fluxo da ordem, que, todavia, agencia internamente uma estabilidade entrópica, sempre mantendo troca entre Dentro, Fora e Limiar, e que talvez se desintegre e deixe de existir, seja porque parou o movimento, seja porque precisou seguir movendo-se. Corpo e não *organismo*. Um organismo, tendo um órgão subtraído, ou melhor, tendo subtraída uma função, não funciona e (mais dia menos dia) deixa de existir; um corpo (sem órgãos) subtraído (ou aditado) não deixa de existir, torna-se outra coisa. **Corpo: agenciamento de partículas e intensidades de naturezas diferentes.**

O cartógrafo, deste modo, precisa traçar longitudes e latitudes dos corpos, como quem traça um mapa: a *longitude* de um corpo concerne ao conjunto de partículas que pertencem a um corpo sob dada *relação*, sendo estes conjuntos também parte uns dos outros segundo os agenciamentos que os definem, são as relações de movimento/repouso, de velocidade/lentidão que agrupam uma infinidade de partes compondo, decompondo ou modificando os corpos; enquanto a *latitude* de um corpo concerne aos *afetos* de que um corpo é capaz segundo tal grau de potência ou segundo os limites desse grau; às *relações longitudinais* de composição do corpo correspondem *intensidades latitudinais* que aumentam ou diminuem a potência de agir do corpo – “[a] *latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação.*”³⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.314,

³⁸ No original: “*La latitude est faite de parties intensives sous une capacité, comme la longitude, de parties extensives sous un rapport.*”

grifos dos autores).

Dar língua a afetos que pedem passagem... Afetos são o que Deleuze (1969) chamou de “incorporais”, são “acontecimentos” e como tais não *existem* (ex-sistir, ser para o exterior), como os substantivos e adjetivos; mas *insistem* (in-sistir, ser no interior), como os verbos. Deste modo, os afetos precisam de “matérias de expressão”³⁹ (DELEUZE; GUATTARI, 1980) nas quais possam *insistir*, corporificar-se, encarnar-se, expressar-se, territorializar-se. À *expressão* do afeto Rolnik dá o nome de “máscara” e...

[...] a máscara (o artifício) é a realidade nela mesma: não há nada que seja “o verdadeiro”, no sentido de autêntico, originário – nem em cima, nem embaixo, nem atrás, nem no fundo da máscara. A “procura pelo verdadeiro, aqui, perde todo o sentido: revela-se como *falso problema*. A única pergunta que caberia é se os afetos estão ou não podendo passar; e como. (ROLNIK, 2014, p.36, grifos da autora)

A máscara dá língua aos afetos e nesse caso não há nenhum rosto *por trás* da máscara. Há inversão da relação corriqueira: uma máscara *antes* do rosto, uma “cabeça” que *antecede* o rosto; o rosto sucede à máscara na medida em que ele não é senão uma máscara *rostificada*. De modo que o...

rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente. [...] Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos⁴⁰. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.205-6)

³⁹ No original: “*Matières d’expression*”

⁴⁰ No original: “*Le visage n’est pas une enveloppe extérieure à celui qui parle, qui pense ou qui ressent. [...] Un enfant, une femme, une mère de famille, un homme, un père, un chef, un instituteur, un policier ne parlent pas une langue en général, mais une langue dont les traits signifiants sont indexés sur des traits de*

O rosto é isso que permite identificar os traços significantes, permite significar (de modo específico) os signos da máscara a partir de uma subjetividade (específica), de modo a inserir estes signos em uma determinada relação de significação-subjetivação. O rosto implica relações de saber-poder específicas, embora não-individuais, particulares embora não-singulares – o rosto está sempre pronto a generalizar-se. O rosto não é o corpo, ele é uma superfície com traços, linhas, rugas, formas *sobre* o corpo. “O rosto só se produz quando a cabeça [...] para de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma para de ter um código corporal polívoco multidimensional”⁴¹ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.208); descodificada do corpo, a cabeça (ou a máscara) é sobrecodificada como rosto, uma *rostificação*. Essa rostificação não é um processo de aproximação por semelhança (identificar algo a um modelo), é mais inconsciente e maquínico e opera por sobrecodificação das partes descodificadas: processos de poder, muito particulares para cada rosto, de significação e subjetivação, que, por conseguinte, produzem formas de expressão determinadas e que buscam controlar o código corporal polívoco multidimensional, i.e., disciplinar os corpos, desfazer a corporeidade, caçar os devires, levar a desterritorialização a outro nível de modo a produzir-se “uma *única* substância de expressão.”⁴² (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.222, grifo meu).

Cena 2. Em uma de minhas idas ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) converso com um dos agentes de segurança. Ao explicar em que consistem minhas atividades ali, o agente em farda negra impecável alerta-me: “*Eles são todos loucos*” – um discurso sobre aqueles que habitam o HCTP.

Cena 3. Em uma das oficinas que realizo no HCTP, enquanto arrumo as mesas e bancos, um paciente-interno, em seu uniforme (camisa branca, calça laranja), aproxima-se e diz: “*Deixa-me ajudar-te, porque aqui só tem louco*”. Rio internamente. Penso: como poderia um louco *diagnosticar* outro? Como poderia um louco *proteger*-me da loucura? – um discurso sobre aqueles que habitam aquelas terras.

visagéité spécifiques.”

⁴¹ No original: “*Le visage ne se produit que lorsque la tête cesse de faire partie du corps, lorsqu'elle cesse d'être codée par le corps, lorsqu'elle cesse elle-même d'avoir un code corporel polyvoque multidimensionnel*”.

⁴² No original: “*une seule substance d'expression.*”

Na “Cena 2”, a máscara ou a cabeça, como aquilo que dá expressão ao corpo, do *agente de segurança* torna-se rosto, ele é *policial e/ou carcereiro*; sua frase é compreendida de um modo específico, seu enunciado evoca um discurso em que o “louco” é encarcerado em um *status* de incapacidade e de perigo, enclausurando a desrazão em uma experiência de fechamento e cristalização das forças do Fora (PELBART, 2009); e ele, carcereiro, garante esse encerramento (FOUCAULT, 2009b) e, policial, garante a segurança (FOUCAULT, 2009a). Na “Cena 3”, a máscara do *paciente-interno* rostificada como *doente mental e/ou criminoso* quebra-se (ou ao menos trinca), meu riso interno denuncia-o; seu gesto de aviso e auxílio, “*aqui só tem louco*”, faz romper o rosto que generaliza para abrir espaço a singularizações que querem repetir (a diferença) e não apenas generalizar (a identidade) – os afetos pedem passagem⁴³.

De modo semelhante ao processo de rostificação, cujo efeito é tornar uma cabeça/máscara um rosto, o processo de *paisageificação* torna o meio uma paisagem; ao ponto em que rosto e paisagem se implicam em uma espécie de redundância na qual um permite a reterritorialização do outro – o Outro é circunscrito em um território e inscrito em uma identidade. E, se a rostidade atua sempre de maneira biunívoca (Homem-mulher, Adulto-criança, Sujeito racional-louco...), a relação paisagem-rosto também o faz (Prisão-presos, Manicômio-louco, Escola-escolar...). Entrementes, parece-me importante frisar que a noção de “território” se diferencia da noção de paisagem, ainda que estejam conectadas. O território seria, destarte, um *meio* territorializado, um meio no qual se traçam marcas qualitativas e expressivas de um *povoamento*: um território só o é quando habitado, são os modos de habitar um território que o fazem território (DELEUZE; GUATTARI, 1980) e é na medida em que essas expressividades e habitações do território são organizados de modo a garantir a reprodução de um modelo e/ou a dominação das forças de desterritorialização, é na medida que se intenta *cristalizar um território* (e seu povoamento) em uma espécie de representação pictural estática, é aí que ele se faz paisagem.

Dar língua a afetos **que pedem passagem...** Os afetos que *pedem*

⁴³ Outros momentos de (des)rostificação podem ser encontrados ao longo das viagens ao HCTP, cf. Diário de Bordo, dia 2.6.16, O caso do barbeiro; dia 14.10.16, O caso das maneiras de sobrevivência.

passagem são aqueles que não podem mais (plenamente) expressar-se através das máscaras, são aqueles que já não mais se colam (parcial ou integralmente) às máscaras, são afetos a liberarem-se, como na “Cena 3”. Como liberar esses afetos? Ora, se os rostos (e por redundância as paisagens) fazem essa regulação da expressão e, por conseguinte, a domesticação dos afetos; se a rostidade faz os afetos significarem e subjetivarem com prescrição e por reprodução; não seria preciso *desfazer* os rostos para liberar os afetos, devolvendo-os (e juntamente suas relações com a máscara e com o território) ao devir? Como, então, desfazer os rostos? Bem-humorados, Deleuze e Guattari (1980, p.230) respondem: “procurai⁴⁴ [...], conheci vossos rostos, não os desfareis de outro modo, não traçareis de outro modo vossas linhas de fuga”⁴⁵.

Traçar linhas de fugas (que pode a amizade?) passa por procurar, investigar, conhecer os rostos e paisagens que me cercam, que me compõe, que se colam a mim, ou nos quais estou colado. Nesta direção, traço dois blocos de questões como estratégia para essa investigação: um bloco que abarca um plano mais global, a sociedade contemporânea; outro, que abarca um plano mais local, o HCTP:

Bloco de questões 1 – nessa terra de clausura chamada “sociedade contemporânea”: Qual a paisagem contemporânea da amizade? Como é o rosto do amigo hoje? Que território habitam os amigos atualmente?

Bloco de questões 2 – nessa terra de clausura chamada “HCTP”: O que escapa à paisagem, aos rostos e ao território da amizade contemporânea? Se escapa, como escapa? Quais linhas de fuga são

⁴⁴ O verbo francês “*chercher*” pode ser traduzido tanto por “procurar algo ou alguém”, quanto por “tentar fazer algo” e ainda se aproxima de “investigar” (*rechercher*).

⁴⁵ No texto original os verbos imperativos estão conjugados na segunda pessoa do plural (*vous*), mais ou menos correspondente ao pronome “vós” da língua portuguesa. Na tradução brasileira do texto, feita por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, os verbos imperativos estão conjugados na terceira pessoa do singular, uma vez que o pronome “*vous*”, mais usual que o “vós”, torna mais palatável a frase em português, sem se perder certa impessoalidade presente também no “*vous*”. Todavia, opto aqui por manter a segunda pessoa do plural com o fino propósito de acentuar a solenidade do tom com que escrevem Deleuze e Guattari e com isso manter certo humor que aí jaz. No original: “*cherchez vos trous noirs et vos murs blancs, connaissez-les, connaissez vos visages, vous ne les déferrez pas autrement, vous ne tracerez pas autrement vos lignes de fuite*”.

traçadas? Quais partículas soltas de afetos podem ser captadas? Quais as desterritorializações e reterritorializações que operantes?

Tais questões não são colocadas porque busco respondê-las, ao contrário, são estratégias de movimento. É a partir delas, é na perseguição delas, é com elas que o cartógrafo aqui viaja. Originalmente a perseguição destas questões estava organizada em quatro seções, duas para o primeiro bloco, duas para o segundo⁴⁶. Entrementes, no caminhar da pesquisa, esta partição foi dissolvendo-se (abandonou-se isto, rearranjou-se aqui, decompôs-se aquilo) e o texto ganhou a forma atual, de modo que ambos os blocos são transversais a toda a pesquisa – talvez, de modo mais expressivo (ou intensivo), se os perceba nas seções: “Diário de bordo: registros de viagens ao hospital de custódia e tratamento psiquiátrico” e “Cartas a amigos: notícias das terras de clausura”.

Como perseguir os Blocos de questões? Para tal tarefa não me utilizo de um conjunto de regras que dirige um procedimento organizado, lógico e sistemático de pesquisa de acordo com um projeto; não uso aparelhos que reproduzam uma imagem dada de antemão; um “decalque”⁴⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 1980), seja essa reprodução feita por uma estrutura que sobrecodifica o decalque, seja por um eixo genético que suporta a reprodução do decalque. Ao mergulhar nas intensidades que lhe são contemporâneas, o pesquisador (ex)põe sua atenção às linguagens que encontra para devorar “as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (ROLNIK, 2014, p.23) A cartografia, em produzindo um mapa – desenho que é feito no próprio movimento de transformação da paisagem cartografada –, vai desenhando seus limites e elencando suas ferramentas e linguagens no próprio processo de pesquisa. Para esta cartografia, então, vou, ao longo do processo de pesquisa, elencar algumas estratégias de ação: **pousar no movimento**⁴⁸, **habitar**

⁴⁶ Numa primeira versão desta dissertação, à perseguição do “Bloco de questões 1” correspondiam duas seções, suprimidas após a banca de qualificação (“Mapas estratigráficos” e “Retratos de rostos e paisagens”) e, à perseguição do “Bloco de questões 2”, as seções (“Diário de viagem do cartógrafo” e “Cartas a amigos”).

⁴⁷ No original: “*calque*”.

⁴⁸ A expressão “pousar no movimento” é inspirada na ideia de “pouso” presente no escrito “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo” de Virgínia Kastrup (2015).

um território⁴⁹; **acompanhar processos**⁵⁰; **suspensão-escuta**⁵¹.

Explico-as (em uma dada ordem por questões operativa e não por qualquer relação hierárquica entre elas). A cartografia faz mapa, o mapa faz (parte do) rizoma, um rizoma possui “sempre múltiplas entradas”⁵² (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.20) e deste modo o cartógrafo nunca começa seu trabalho por um *começo* ou por um ponto, ele entra em um campo de relações que não está estático a sua espera, ao contrário, o pesquisador entra pelo meio, lida com vetores, em um lugar que se encontra em movimento – ainda que relativo –, de modo que cartografar exige entrar no *meio* ou no *entre* desse movimento.

Cena 4. Uma gaivota, plumagem branca, dorso negro, a sobrevoar uma porção de mar, aproveitando as correntes de ar quente e os ventos para deslocar-se com desenvoltura e leveza. Do alto de seu voo, ela nota uma embarcação pesqueira, percebe que ali existe uma chance de descanso para suas asas e de alimento para seu estômago. Inclinando seu corpo ela faz uma curva descendente em direção à nau; a ave aproxima-se, desacelera, pousa no alto do mastro e segue com a embarcação, sulcando a cerúlea planície oceânica.

Logo que principio a cursar o mestrado sou apresentado às atividades do grupo de pesquisa “Geografias de experiência”⁵³; sobrevoos os locais de atuação do grupo: entre outras coisas estão as atividades no HCTP e, ao saber que o grupo realiza oficinas lá, percebo uma possibilidade de entrada – algo ali atrai meu faro e provoca-me enquanto pesquisador (lascas de afeto), nesse momento, desacelero e pouso.

⁴⁹ A expressão “habitar um território” é inspirada no trabalho de Alvarez e Passos (2015), “Cartografar é habitar um território existencial”.

⁵⁰ A expressão “acompanhar processos” é inspirada na pista de Pozzana e Kastrup (2015), “Cartografar é acompanhar processos”.

⁵¹ A estratégia de “suspensão-escuta” é inspirada nas ideias de “suspensão” e “escuta” expostas por Jorge Larrosa ao longo das atividades do evento “Elogio da Escola” (2016).

⁵² No original: “*toujours à entrées multiples*”.

⁵³ Grupo de pesquisa coordenado pelas professoras doutoras Ana Maria Hoepers Preve e Karen Rechia (doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas), o grupo “Geografias de experiências” faz parte do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – LEPEGEO e da Rede de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, tendo como membros, principalmente, graduandos em Geografia e pós-graduandos em Educação pela FAED/UEDESC.

Cartografar aqui é *pousar no movimento*.

Que faço ao pousar no movimento? Ao assumir o gesto do pouso preciso notar que algo acontece; perceber que não se trata apenas de entrar no local de pesquisa, mas de realizar uma parada que me permita acompanhar e seguir os movimentos que se dão nesse espaço que adentro. Pousar no movimento é inserir-me em um território e “[o] território é, ele próprio, lugar de passagem”⁵⁴ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.397), um lugar de movimentos. Todavia, não basta que eu pouse nesse território, não basta que eu aja como um observador afastado do território e daquilo que o povoa; especialmente porque a cartografia está ligada a uma *invenção*, mais do que a uma *descoberta*; está relacionada ao labor de um artesão, de modo que a cartografia demanda de mim “uma percepção *háptica*, mais do que *óptica*.”⁵⁵ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.598, grifo do original), enquanto essa se dá à distância – no olhar há uma distância entre o olho e aquilo que ele percebe –; aquela, “tátil”, percebe justamente pelo contato – não há espaço *entre* a pele e o objeto tocado. É justamente por meio da elisão do espaço *entre* sujeito e objeto que busco perceber e, para perceber hapticamente, preciso mais do que observar o território, preciso mais do que apenas *estar* lá.

Cena 5. Um par de gaivotas, cada qual pousada em uma extremidade do mastro de uma embarcação de pesca, em busca de alimento. A **primeira** gaivota observa a movimentação de longe apenas esperando que algum peixe caia sobre o convés, às costas de um tripulante distraído, para agarrá-lo com o bico e logo então voar para longe do barco saciando-se com seu prêmio. Além de certa antipatia da tripulação esta gaivota não colhe mais que o peixe que procura; está no navio, porém sempre distante do navegar. A **segunda** gaivota não apenas observa, ela passa a interagir com os movimentos ali presentes: toma algum peixe que se debate no convés, mas também segue à frente do navio a indicar locais de cardume, descansa sobre o mastro, mas outrossim assinala ventos proveitosos ao velejar da nau. Além de certa simpatia da tripulação a gaivota passa a *navegar* e a nau, por sua vez, passa a *gaivotear*: gaivota, navio e tripulação devêm, juntos em bloco.

As oficinas não são programas elaborados previamente e executados com dureza, também as idas ao HCTP não se restringem às

⁵⁴ No original: “*Le territoire est lui-même lieu de passage*”

⁵⁵ No original: “*C'est une perception haptique, plutôt qu'optique.*”

minhas oficinas. As entradas no lugar incluem além de minhas oficinas, a participação nas oficinas de outros oficineiros, bem como na participação de outras atividades pertencentes à dinâmica do lugar – como rodas de música na despedida de um paciente, a festa junina do Hospital ou ainda as assembleias internas⁵⁶. E as oficinas buscam possuir uma abertura ao outro, um espaço de prática de liberdade, um lugar de aprendizado, sem hierarquias. Na “Cena 5” a segunda gaivota não apenas está *na* ou *com a* embarcação, mas *a habita*; nas idas ao Hospital busco não apenas estar no espaço ou com as oficinas, mas habitá-los. Cartografar aqui é *habitar um território*.

Que faço ao habitar um território? Não aceito as distinções binomiais entre produção de conhecimento (teoria) e produção de realidade (prática), nem intento a execução de normas técnicas, antes, engajo-me nesse lugar em que sujeito e objeto de pesquisa se relacionam e busco tornar-me disponível às experiências e aos afetos que povoam esse meio.

Cena 6. Sentados em bancos, divididos em dois times, estamos jogando mímica (como parte de uma oficina no HCTP). A ideia parecia-me muito interessante, porém o mesmo apreço não parece tocar os demais participantes e, pouco a pouco, eles vão deixando o refeitório, onde a oficina acontece, restando apenas três participantes, que também não querem mais jogar. “Fim da oficina”, penso. Entretanto, o que acontece é que os três não deixam o espaço e começamos a conversar – e seguimos conversando por quase uma hora. Nesta conversa dois deles deixam ver (ou ao menos, entrever) vários traços de sua relação, de sua vida.

A habitação se prolonga da oficina à conversa. A oficina de algum modo não acaba, deixo-a seguir pelo caminho que o momento vai sugerindo e nisto vou captando as lascas de afeto que procuro. Todavia, “[h]á uma distinção entre quem se deixa levar por passividade e obediência a determinadas regras e aquele que, por curiosidade e estranhamento, se lança a perder tempo com o cultivo de uma experiência.” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p.138) Não se trata de um *laissez-faire*, mas sim de uma atenção ao que o momento pede – ao que acontece *ali* onde algo fracassa. Trata-se de habitar o território. Os territórios, todavia, não são elementos prévio às cartografias, à habitação, “[a]s cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e

⁵⁶ Cf. Diário de bordo.

indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro.” (ROLNIK, 2014, p.46), é na habitação do território que ele se constitui e que se pode perceber suas expressões e dimensões, quais intensidades e relações o compõe. E na cartografia (como implicada em uma filosofia da diferença, como inserida em uma postura política e ética, mas também ontológica que vê no devir-diferença, e não no ser-mesmo, a dinâmica da realidade), a composição indica *processualidade*, o território implica *movimento*: “[s]empre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso.” (POZZANA; KASTRUP, 2015, p.56) Pousar no movimento, habitar um território demanda seguir esse devir do real. Cartografar aqui é *acompanhar processos*.

Que faço ao acompanhar processos? Ocupo-me de acompanhar a produção da realidade (expressão dos afetos, elaboração de discursos, composição de subjetividades, exercícios de poderes...) enquanto algo processual, entendendo-a em seu devir, e

“entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (ROLNIK, 2014, p.66, grifos do original).

E nesse labor de expressão (*dar língua a...*), menos como uma sequência encadeada e mais como uma teia, acompanhar processos faz retornar ao pouso no movimento, haja vista que, acompanhando os processos, tenho de, por vezes, afastar-me e voltar a pousar em outro/no movimento, acompanhar outras intensidades, como na “Cena 6” – a cartografia exige atenção, exige que eu perceba as necessidade de reconfiguração, de reorientação das ações, as necessidade de voltar a me afastar ou me aproximar, de pousar ou arremeter de um movimento, demandas de seguir este ou aquele processo. Acompanhar processos também retorna ao exercício de habitação do território uma vez que aquele não é sinônimo de observar, acompanhar é mover-se pelo espaço (extensivo e intensivo), é habitar o território enquanto processo e enquanto local onde processos se desenrolam. “E o que ele [cartógrafo] quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.” (ROLNIK, 2014, p.66) – três estratégias, um tríplice-movimento não linear: pousar-habitar-

acompanhar.

Por fim, para pousar no movimento, para habitar um território, para acompanhar processos é preciso uma sensibilidade de *suspensão-escuta*. Essa dupla-postura de pesquisa é um modo de, por um lado, atualizar a desrostificação (e despaisageificação) no tríplice-movimento da pesquisa e, por outro lado, de seguir as singularidades das matérias com as quais lido muito além das viagens – prolongando-se, e.g., na transformação das vivências (Diário de bordo) em escrita (Cartas a amigos), ou, outrossim, na transformação das oficinas (enquanto prática discursiva e não discursiva – o que pode uma oficina?⁵⁷) – e que redundam no tríplice-movimento.

Cena 7. Um professor, hirtó, em frente à sala, narra uma história aos alunos: “*Contam as más línguas que, durante a Guerra Civil Espanhola, havia entre os anarquistas uma prática ‘educativa’ curiosa. Ela consistia em esculpir na madeira um santo e, então, queimá-lo...*”.

Se se entende suspender e escutar como posturas de estudo, então isso demanda seguir as frases de um texto, as falas ou os gestos de um participante como um artesão segue o veio da madeira. Deixar primeiro um pensamento, uma sensação elaborar-se, ganhar corpo, tomar forma *antes* de des-formá-la, *antes* de se apropriar dela ou destruí-la. De algum modo, a *escuta* cria um respeito e uma sensibilidade à matéria, antes de profaná-la⁵⁸. E, para escutar, é preciso suspender uma série de ruídos, de discursos, de rostos, de paisagens, de informações, de opiniões, de identidades, de subjetivações, de saberes, de poderes, de Mesmos, de Seres. Suspender de modo temporário e abstrato, é claro, talvez de modo parcial e precário, mas ainda assim exercitar uma suspensão daquilo que não deixa ouvir os afetos que pedem passagem, aquilo que não pode se expressar em meio ao superfluxo que impede uma experiência. Suspender-escutar é uma postura, mais ou menos ativa, de se expor àquilo que se realiza nas cenas “3” e “6”, é aquilo que duplamente se apresenta

⁵⁷ Sobre esse prolongamento dos limites da oficina cf. AUGSBURGER; CERVI, 2016; CORRÊA, 2000; CORRÊA, G. C.; PREVE, 2011; PREVE, 2010.

⁵⁸ Sobre esta sensibilidade de pesquisa Larrosa (2014, p.78) escreve: “O enorme rinoceronte se detém. Levanta a cabeça. Recua um pouco. Vira para um lado e investe como um aríete, com um só chifre de touro blindado, enraivecido e cego, em arranque total de investigador positivista. Nunca acerta o alvo, mas sempre fica muito satisfeito com sua razão, com sua metodologia, com seus resultados e com sua força.”

na “Cena 7”⁵⁹.

Essas estratégias cartográficas (tríplice-movimento e dupla-postura) compõe aqui, fundamentalmente, o que Deleuze e Guattari (1980) chamaram de “*phylum* maquínico”: uma abertura às necessidades da matéria-força com que se trabalha, uma atitude de seguir os fluxos em vez de reproduzir formas – em suma, cartografar. Tais componentes do *phylum* maquínico, não os elejo de antemão feito parte de um projeto; chamo-os a compor os mapas conforme o próprio movimento cartográfico vai fazendo-os funcionar, conforme vão permitindo desenhar o mapa desta pesquisa – que pode a amizade? O mapa “faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”⁶⁰ (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p.20), é diante desses aspectos que vou escolhendo as estratégias, as máquinas de composição desses movimentos cartográficos; é diante disto que as vou inventando, experimentando, mantendo-as ou as abandonando-as em função de conseguir com elas traçar mapas, *dar línguas aos afetos que pedem passagem*. É por este percurso que vou dando consistência a uma cartografia, que vou experimentando uma educação em terras de clausura...

QUE FAZ UM OFICINEIRO?

Educação em terras de clausura. Caminhar, anotar, jogar, seguir um *phylum* maquínico: oficina. Oficina, arte do oficinairo. Porém: o que faz um oficinairo?

Em uma palavra: oficina. Todavia, não qualquer oficina, ou melhor, não de *qualquer jeito*. A oficina, como tomada pelo “Geografias de experiência” e consequentemente por esta pesquisa, caracteriza-se pela “abertura aos mais diversos temas de estudo, a não limitação de faixa etária aos participantes, seu constante estado de *work in progress*, a não hierarquização dos saberes nem das funções [...] e sua não

⁵⁹ A presença da escuta é visível em vários momentos das viagens ao HCTP, todavia fica bem evidente em “Exercitar a escuta”, cf. Diário de bordo, dia 11.8.16.

⁶⁰ No original: “*Elle fait elle-même partie du rhizome. La carte est ouverte, elle est connectable dans toutes ses dimensions, démontable, renversable, susceptible de recevoir constamment des modifications.*”

compulsoriedade” (CORRÊA, G. C., 2006 p.28). É difícil precisar nela alguns limites (e.g., sua duração e sua forma), pois que a intensidade e extensão exatas são dadas no do próprio ato de realização das oficinas e a partir daquilo que as circunstâncias concretas implicam. Outra dificuldade das oficinas é delimitar de modo genérico e prévio quem são seus participantes, já que faz parte da lógica delas que se reúnam “em torno do tema de estudo professores com seus alunos, pais e filhos, alunos do ensino fundamental com estudantes universitários, as merendeiras da escola, presidiários, estrangeiros, integrantes de centros comunitários” (CORRÊA, G. C., 2006, p.28) – e mais, atravessa a oficina um vetor de desrostificação, àqueles que participam, enquanto participam da oficina, sucede uma espécie de borramento dos rostos, suspensão das identidades. Esta abertura permite encontros com pessoas, livros e outras dimensões da experiência de educação talvez não tão tangíveis com metodologias programáticas – certas vezes não são somente os pacientes-internos do HCTP que participam das oficinas, pessoas que acompanham ‘de fora’ as oficinas (psicólogas, assistentes sociais, outros pesquisadores, agentes de segurança...) são incluídas, chamadas a partilhar do processo ‘de dentro’ dele. Em uma suma: “oficinas são composições” (PREVE, 2011, p.51).

Meus primeiros contatos com este tipo de oficina são através da tese de Ana (PREVE, 2011) e dos textos de Guilherme Corrêa (2000; 2006) – um dos primeiros a trabalhar e elaborar estes ‘modos’ de oficiar. Depois da leitura destes textos, depois das primeiras impressões – nada abstratas, já que ambos os textos apresentam a oficina de modo bem vivo e ligado a experiências concretas dos autores –, meu segundo contato com as oficinas já é dentro do HCTP, quando em 2015, logo após entrar no mestrado, acompanho uma oficina⁶¹ de Michele Freitas⁶². A oficina encanta-me e, como meio de habitar aquela terra de clausura, passo a acompanhar as demais oficinas de Michele; também passo a acompanhar as oficinas de outra oficineira que atua no HCTP, Camila Barbosa⁶³. Vou auxiliando-as e participando, ao fim de 2016 são dez oficinas

⁶¹ Cf. Diário de bordo, dia 6.11.15.

⁶² Michele Martinenghi Sindronio Freitas, graduada em Geografia e mestre em Educação pela UDESC, foi bolsista CAPES e membro do grupo de pesquisa “Geografias de experiência”.

⁶³ Camila Verena Fernandes Barbosa, graduanda em Geografia pela UDESC, foi bolsista de iniciação científica da pesquisa “Outras topografias”, é bolsista do PIBID – Geografia e membro do grupo de pesquisa “Geografias de experiência”.

acompanhadas⁶⁴.

Segundo Guilherme Corrêa (2006, p.27), “um dos pontos mais importantes da oficina, como estratégia em educação, é a ligação do oficinairo com o tema que escolhe. [...] Não há necessidade de ater-se à sua especialidade ou área de conhecimento”. Michele⁶⁵, graduada em Geografia e mestranda em Educação na época, propõe oficinas sobre arte e intervenção urbana, Camila, graduanda em Geografia, propõe oficinas de “outras topografias”, onde exercita uma geografia não propriamente escolar, e anteriormente a minha entrada no HCTP propusera oficinas de fotografia. Doravante, movido pelo que vivencio e pelas questões que (per)sigo, também passo a propor minhas oficinas. As perguntas, postas por Ana, que precederam à elaboração das oficinas são: “de que gostas?”, “o que te interessa?”. Todavia, minhas oficinas não começam quando as ‘projeto’, elas começam muito antes quando participo das oficinas de Camila e Michele; e, mesmo no momento em que a oficina acontece no HCTP, ela sempre começa pelo meio – rizoma, cartografia, nomadologia⁶⁶. Ela está sempre *pousando em um movimento*, um movimento que começa muito antes dela, posto que quando pensamos em uma proposta, quando chegamos no HCTP, lá já muita coisa acontece antes de entrarmos no recinto em que a oficina se realizará (a reverberação de outra oficina⁶⁷, de um participante em outro⁶⁸). E nesse começar pelo meio, proponho, então, oficinas de jogos – ao fim de 2016, são um total de 10 oficinas propostas. Para realizá-las, em vez de um projeto, no sentido mais estrito do termo, uso-me de “cartas de ação”: em vez de um processo com etapas programadas, vou lançando mão das “cartas” que carrego como meio de produzir uma terra em que algo possa acontecer⁶⁹. É a partir das situações que se apresentam que vou usando (ou deixando de usar) as “cartas” como um jogador (com cartas ‘nas mãos’ ou ‘nas mangas’ ou, ainda, ‘à mão’⁷⁰). Oficinas de jogo, como um jogo.

⁶⁴ Cf. Diário de bordo.

⁶⁵ Suas experiências no HCTP compõem sua dissertação: “O lambe-lambe como potencializador de aprendizagens em fuga” (FREITAS, 2016).

⁶⁶ Sobre “nomadologia” cf. DELEUZE; GUATTARI, 1980, especialmente o platô “1227 – *Tratê de nomadologie : la machine de guerre*”, p.434-527.

⁶⁷ Cf. Diário de bordo, dias 14.4.16; 12.5.16.

⁶⁸ Cf. Diário de bordo, dia 23.6.16.

⁶⁹ Cf. Cartas a amigos, carta a um professor.

⁷⁰ Cf. FLUSSSER, 2007.

Primeiro, uso jogo no sentido mais óbvio da palavra e levo ao Hospital um jogo chamado “Kablam!”⁷¹, cujo desafio consiste em empilhar peças de madeiras de diversos formatos, pesos e tamanhos sem que elas caiam. Em mim o tema dos jogos parece se articular com o da inutilidade – para que serve um jogo? –, assim passo a jogar com a própria (ideia de) oficina – para que serve uma oficina? – e passamos a produzir objetos inúteis (inutensílios e desobjetos⁷²), tornar a oficina um espaço/tempo inútil – para que serve o que se produz na oficina? A inutilidade aparece em vários momentos ao longo das experiências com as oficinas, leio-a nas escrituras dos próprios participantes, e.g., o descanso sob a árvore de *Frederico*⁷³; e, em alguns casos, ligando-se diretamente à amizade: “*ocasiões*”⁷⁴ – momentos de ócio e prazer compartilhados com amigos.

O movimento de elaboração das oficinas começa a transbordar os limites dos oficineiros, as oficinas começam a se articular; começamos, Camila, Michele e eu, a nos aproximar e a pensar as oficinas juntos, por vezes estendendo uma na outra. Jogo com a ideia de jogo (jogar, brincar, tocar – *to play, spielen, jouer...*) – que pode um jogo? Jogo também com a oficina de Camila, que trabalha com os participantes a construção, em uma folha de papel pardo, de um lugar por eles nomeado: “Vale das Glórias”. Propomos uma série de oficinas de elaboração de cartas, jogamos com a realidade, jogamos com o Vale das Glórias: as cartas simulam situações, articulam-se ali as noções de jogo e geografia e real e imaginário e... Experimentando a consistência do jogo, proponho uma oficina de mímica, como sugerido por Michele; depois, a partir da indicação de um dos participantes, proponho um jogo de cartas.

Em dado momento as experimentações nas oficinas vão formando um *crescendo*, até o ponto em que elas se “desintegram” – uma oficina que propomos (Camila, Michele e eu) começa com a ideia de uma oficina de invenção de nomes (pseudônimos) para lidar com necessidade de manter, em nossas pesquisas, o nome dos participantes anônimos; pela pouca quantia de pessoas, passamos a propor um *happening* (um violão, um bongô, conversas e músicas); por fim, a oficina culmina em um

⁷¹ Jogo criado por Guilherme Blauth, educador e desenvolvedor de uma série de jogos voltados à educação.

⁷² Cf. Diário de bordo, dias 2.6.16; 16.6.16.

⁷³ Cf. Diário de bordo, dia 16.6.16, O caso do desenho em lápis preto.

⁷⁴ Cf. Diário de bordo, dia 5.5.16.

*acontecimento*⁷⁵, em que aquilo que se passa ali já não tem mais nome (e não parece precisar ter), aqueles que estão ali já não têm mais rostos (paciente, professor, interno, mestranda, louco, oficineiro, aprendiz, graduanda, criminoso, historiador, delinquente, geógrafa, doente mental...), a paisagem (Complexo penitenciário, HCTP, refeitório, oficina...) desfaz-se em um espaço liso, um vacúolo de não-comunicação, uma dobra do Fora, uma festa – um átimo de devir. Como já haviam indicado Guilherme Corrêa e Ana Preve (2011, p.196):

Como estratégia em educação distinta da escolarização, mas que surge das escolas, a oficina evolui como que para a sua desmaterialização, para um ponto em que dela não seja mais desejável dizer nada. Não mais um sistema identificável, apreensível, avaliável...

As oficinas também se transformam por meio dos ‘tamancos’ lançados à máquina-oficina⁷⁶ – sabotagens, reajustes, experimentos. Gestos, frases e ações dos participantes diante dos quais as oficinas ‘falham’ – falham enquanto projeto, mas funcionam enquanto projétil, experimentamos um *désœuvrement*⁷⁷ das oficinas: entre o desintegrar e inoperar, elas devêm – entram num estado informe de criação viva e potente de experiências em educação e de movimentos cartográficos e de habitação de território e...⁷⁸

Minhas oficinas seguem, entre oficinas das outras oficineiras, festas juninas e apresentações artísticas, proponho jogos inúteis: eles elaboram listas, listas feitas pelo puro exercício de fazê-las; proponho jogos com as palavras listadas, proponho jogos com palavras – a oficina versa sobre poesia, brincamos de ser poetas, exercitamos poemas, ler, copiar, inventar –, jogamos com sentidos, emoções, significados; jogamos com a razão e a desrazão – oficina de poesia em que participam mesmo os que não sabem nem ler nem escrever, um dadaísmo coroadado, uma gaguejar da língua. E sigo (ou seguimos) jogando: jogamos com a

⁷⁵ Cf. Diário de bordo, dia 30.6.16.

⁷⁶ Cf. Diário de bordo, dia 5.5.16.

⁷⁷ Cf. De dentro para fora da toca, O avesso e *Coda* ou *Ouverture?*.

⁷⁸ Sobre este processo de inoperância das oficinas cf. Diário de bordo, dias 5.5.16; 2.6.16; 16.6.16; 4.8.16; 16.9.16.

didática e com as expectativas (suspendemo-las), assistimos a um filme francês (VIGO, 1933), fugas e o inesperado acontecem – a sensibilidade deles ao filme é surpreendente⁷⁹ – e esta experiência nesta terra de clausura vai reverberando naquilo que acontece em minhas viagens por outras terras de clausura, na caminhada do texto, pela escrita das cartas, pelo exercício do pensamento, na perseguição do Coelho – e as experiências nesta terra de clausura vão recolocando a questão (que pode a amizade?) e vou experimentando movimentos cartográficos...

⁷⁹ Cf. Diário de bordo, 18.11.16.

DIÁRIO DE BORDO: REGISTROS DE VIAGENS AO HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

Prelúdio – Primeiro contato

Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), instituição penal destinada às pessoas que cometeram crimes e apresentam transtorno mental, o que as torna inimputáveis, i.e., sujeitos incapazes de apreciar o caráter ilícito do crime que cometeram. Aos inimputáveis não é aplicada punição e sim medida de segurança – uma medida especial para aqueles tratados, socialmente e clinicamente, como doentes mentais perigosos ou loucos criminosos. Meu primeiro contato com esta instituição é através da tese de Ana Preve⁸⁰, “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação”⁸¹, antes ainda de iniciar o mestrado. Não é apenas uma leitura, nem é a leitura de um texto *sobre* o HCTP; de algum modo, aquela escrita – que perpassa uma experiência de seis anos de oficinas no local – produz em mim o efeito de estar naquele lugar, não como quem o vê do exterior, do alto, de longe, mas como quem anda pelos corredores, senta-se com os pacientes-internos e (quase) participa das oficinas; sinto-me lá, ainda que não tenha de fato pisado naquela instituição. O efeito da escrita e o efeito da leitura são decisivos, eles instigam-me a entrar naquele local, não só através do texto, mas fisicamente – medra em mim uma curiosidade de vivenciá-lo de outros modos, quero vagar por aqueles territórios que a tese me apresenta, tão inóspitos e assépticos, por um lado, contudo, tão ricos e potentes, por outro. Quero ter minhas histórias para contar, ou melhor, meus mapas para traçar das viagens àquela terra de clausura.

6.11.15 – Portas-portões-grades

Sexta-feira, oficina proposta por Michele, das 14h às 15h.

⁸⁰ Ana Maria Hoepers Preve, graduada em Biologia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, professora no Departamento de Geografia e no PPGE da Faculdade de Educação – FAED/UEDESC, coordenadora do grupo de pesquisa “Geografias de experiência” e membro da Rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”.

⁸¹ PREVE, 2010.

Hoje Michele⁸² proporrá uma oficina de Lambe-lambe⁸³ e *Blackout Poetry*⁸⁴, continuando sua oficina anterior (23.10.15) da qual não pude participar. Comigo trago alguns livros de poesia na mochila para a oficina, também carrego muita curiosidade de conhecer aquele lugar com meus próprios olhos. Encontramo-nos, Michele e eu, em frente ao muro do Complexo Penitenciário, dentro do qual fica o HCTP, por volta das 13h30; ela vem caminhando, o trânsito congestionado fê-la desistir do ônibus e seguir parte do trecho a pé, eu já estou ali, parado, sem saber nem por onde entrar. Esta é minha primeira entrada no Hospital e eu não conheço os protocolos, apesar de imaginá-los – são imagens construídas a partir de experiências em outras instituições com caráter burocrático (escola, hospital, universidade etc.), mas também a partir de filmes, livros e, obviamente, de meu primeiro contato com o HCTP através da Tese de Ana. Michele, por sua vez, parecia familiarizada com os procedimentos – não como quem não os nota mais, mas como quem sabe o caminho das pedras ou as palavras-chave para adentrar o lugar. Ela fala com a guarda na guarita, que interfona para algum responsável do HCTP e nos deixa seguir. O movimento, como um todo, é simples e fácil ante ao que eu esperava de um lugar (burocrático e disciplinar) como este. Seguimos, com guardas abrindo (e fechando) algumas portas-portões-grades, até chegarmos à ‘sala das psicólogas e das assistentes sociais’.

Adentro o HCTP propriamente. [Uma sensação encharca-me a alma por completo, feito onda na beira da praia que se lança sobre a areia seca, penetrando-a, depois escorrendo e retraindo-se para o mar. Sensação que volta a avançar em um movimento de ir-e-vir, repetido e incansável. Esta sensação-onda vem inundar meu corpo-areia, ativa a memória do estranhamento, do desconforto e da tensão que senti quando, pela primeira vez – ao menos a primeira vez que me lembro –, adentrei uma

⁸² Michele Martinenghi Sindronio Freitas, graduada em Geografia e mestre em Educação pela UDESC, foi bolsista CAPES e membro do grupo de pesquisa “Geografias de experiência”.

⁸³ “Lambe-lambe”, ou apenas “Lambe”, é uma forma de arte de rua que consiste na produção de cartazes (elaborados com colagem, pintura, desenho, entre outras técnicas) que depois são afixados com cola em áreas urbanas como muros e postes.

⁸⁴ “*Blackout Poetry*” é um estilo/técnica poética na qual o texto é criado a partir do apagamento ou da extração de palavras de um texto (de poesia ou prosa) já existente, restando na folha apenas as palavras que forma o novo poema.

escola, porém não como aluno, a primeira vez que adentrei uma escola como filho-da-diretora – uma mistura de estrangeiro e conterrâneo. Não é a mesma sensação de entrar na escola onde estudava (a qual, de modo geral, me era bem familiar), mas a de entrar na escola onde minha mãe ocupava o cargo de diretora, ‘*Dona Eliana*’, e apesar das seguranças e regalias que isso me proporcionava, aquele ambiente era-me hostil, sentia-me estrangeiro na escola. Só me sentia bem ali quando encontrava um canto e uma bola para me refugiar e brincar sozinho, quando conseguia habitar um pedaço daquele lugar, coisa que no HCTP (ainda não havia acontecido).

Dentro da sala das psicólogas, que já conhecem Michele, sou apresentado e conversamos um pouco antes de começar a oficina, elas são muito gentis e receptivas às atividades da oficina e conosco, oficineiros. [Outra sensação-onda: meu corpo-areia empapado ativa outra memória, outra vez uma lembrança escolar. Recordo-me da primeira em vez que adentrei uma escola como professor, ainda era graduando, fazia parte do estágio obrigatório; mesmo que ainda fosse aluno de graduação, dentro da escola agora eu não era mais aluno, era outra coisa, um (quase) professor, e esse não era o lugar que sabia ocupar dentro da escola, sentia-me sem os códigos, sem as palavras-chave. Em suma, por hora, sinto que há algo de familiar entre estes lugares da memória e do atual, entre as estruturas escolares e do HCTP, de algum modo eu me sentia *estrangeiro* em todos eles]. Nesta conversa com as psicólogas, Michele articula uma possível saída de campo com alguns dos pacientes-internos, poucos, para a afixação de lambes no muro de uma escola da comunidade, onde Michele havia conseguido autorização para a colagem.

Dali vamos em direção ao refeitório, lugar onde eram realizadas as oficinas. Logo que saímos da sala somos apresentados a um agente de segurança como oficineiros que trabalharão com os pacientes-internos. “*Vocês têm uma bomba aí?*”, pergunta-nos jocosamente apontando para nossas bolsas. “*Não*”, respondemos rindo. Continuamos a andar para o refeitório, no caminho, mais portas-portões-grades, algumas trancadas, algumas apenas fechadas, outras abertas; umas levavam-nos de um corredor a outro, umas desembocavam em pequenos pátios onde internos pegavam sol, outras selavam os aposentos onde os pacientes dormiam. [Ao logo desse trajeto, não me sinto mais tão afetado pelo lugar (ou não me deixo mais afetar tanto), mas ainda assim afetos, ondas, sensações mostram-se inevitáveis, fazem-me oscilar entre imagens de escola e prisão].

Chegamos ao refeitório: paredes de azulejo branco, chão de piso branco, teto de forro branco e, dispostas em duas fileiras, mesas e bancos – brancos. Ali Michele, enquanto os participantes vão chegando, prepara o material de trabalho, abre sua mochila (de viagem) e sua “maleta da oficina cartógrafa”⁸⁵. [O que iremos produzir? Sei do que se trata a oficina, mas não faço ideia de como Michele pretende desenvolvê-la]. Ela inicia então a oficina com uma fala sobre o que é o lambe-lambe e, enquanto vai abrindo e dispondo sobre a mesa as produções da última oficina, ela explica quais os tipos de lambe, discorre sobre o tema que eles propõem/expõe, aborda a questão da representação implicada nas palavras, fala das intervenções nas ruas que se utilizam dessas produções e, por fim, apresenta a *Blackout Poetry*.

Feita a revisão, partimos para a atividade. A proposta é produzir uma dessas poesias (de subtração, de roubo, de esquecimento) a partir das bulas de medicamentos⁸⁶ que fazem parte da vida dos pacientes-internos. Eles parecem não saber o que ou como fazê-lo. “*É só tirar das páginas as palavras que não queremos, como se fosse uma sala cheia de objetos, da qual tiramos os indesejados, restando apenas o que se quer*”, explicamos. “*Ah! Entendi?*”, ecoa a resposta. Alguns seguem a proposta riscando as bulas de seus remédios em busca de poesias escondidas. Outros, utilizando a variedade de materiais dispostos sobre a mesa, fazem

⁸⁵ Nome dado pela oficina a sua maleta de oficina (FREITAS, 2016)

⁸⁶ Entre os medicamentos utilizados listo: Ácido Valpróico (cápsula de 250 mg, comprimido de 500 mg), Bromazepam (comprimido de 6 mg), Carbamazepina (comprimido de 200 mg), Carbonato de Lítio (comprimido de 300 mg), Clonazepam (comprimido de 2 mg), Cloridrato de Anitruotilina (comprimido de 25 mg), Cloridrato de Biperideno (comprimido de 2 mg; solução injetável intramuscular de 5 mg/mL), Cloridrato de Clorpromazina (comprimido de 25 mg e 100 mg; solução injetável intramuscular de 5 mg/mL), Cloridrato de Fluxetina (cápsula de 20 mg), Cloridrato de Imipramina (Comprimido de 25 mg), Cloridrato de Ziprazidona (cápsula de 40 mg e 80 mg), Decanoato de Haloperidol (solução injetável intramuscular de 50 mg/mL), Diazepam (comprimido de 10 mg), Enantato de Flufenazina (solução injetável intramuscular de 25 mg/mL), Fenitoína (comprimido de 100 mg), Fenobarbital (comprimido de 100 mg), Haloperidol (comprimido de 5 mg; solução injetável intramuscular de 5 mg/mL), Maleato de Levomepromazina (comprimido de 25 me e 100 mg), Midazolam (solução injetável de 5 mg/mL), Olanzapina (comprimido de 5 mg e 10 mg), Risperidona (comprimido de 1 mg, 2 mg e 3 mg), Sertralina (comprimido de 50mg).

colagens, escrevem textos, ouvem a conversa dos agentes que vigiam a oficina e conversam sobre a notícia de um buraco negro que havia expelido um objeto. “*É um buraco branco*”, explica um dos participantes, uma vez que o buraco negro “*engole*” tudo, até mesmo a luz; este buraco, por expulsar coisas, deveria ser um “*buraco branco*”, e, ao fim da explicação, o participante põe-se a escrever sobre o assunto. Enquanto isto, alguns participantes desenham e pintam, outros passeiam pelo refeitório, interessados no que ocorre nas mesas, ou apenas vagando pelo espaço. Vendo a movimentação desses participantes, Michele mostra-lhes os outros materiais de desenho e pintura que ela traz em sua maleta. Um dos participantes interessa-se pela lata de tinta *spray*, Michele logo estende-lhe um pedaço de papel e convida-o a experimentar o uso do *spray*. Eles parecem apreciar aquele momento, rindo, concentrando-se em suas produções, observando os trabalhos dos outros, vagando.

A oficina vai das 14h às 15h, pois logo o café será servido no refeitório e temos de recolher nossas coisas e partir. Despedimo-nos das pessoas que deixamos para trás, atrás das portas-portões-grades, levo, porém, algumas inquietações comigo. [Tenho a sensação de que neste dia o lugar me afeta tanto que registro mais sobre ele do que sobre as pessoas lá dentro ou sobre a oficina propriamente.]

28.3.16 – A missa de páscoa

Segunda-feira, assembleia com técnicos e pacientes-internos/missa de páscoa, às 9h.

A convite/pedido da instituição vou ao HCTP para participar de uma das assembleias com os pacientes-internos, onde poderei ser apresentado a eles antes de iniciar minhas atividades com oficinas neste ano. Assim, marco com uma das psicólogas, por e-mail, uma data: segunda-feira, dia 28 de março às 9h.

Como combinado chego no horário no Hospital, a psicóloga com quem troquei e-mails recebe-me com a notícia de que, devido à Páscoa no domingo anterior, nesta segunda-feira haverá a “missa de Páscoa” e a assembleia não será realizada; ela lamenta não ter conseguido avisar-me antes. Assim sendo, minha participação na assembleia é adiada para a segunda-feira seguinte (4.5.16). Despeço-me e vou em silêncio. [Em minha mente certa inconformidade agita-se com a relação entre instituições laicas e eventos religiosos. Dar prioridade a uma missa? Ainda cancelando algo que *me* parece importante, uma assembleia com

os pacientes-internos, onde suponho que eles possuam direito de fala e tenham a possibilidade de debater sobre o espaço, sobre suas necessidades etc.? De fato, não sei como é essa assembleia, nem mesmo como eles percebem-na, quicá a missa é-lhes um espaço mais interessante do que eu o julgo ser].

4.4.16 – “*A gente pode experimentar, desde que não seja algo perigoso*”
Segunda-feira, assembleia com técnicos e pacientes-internos, das 9h às 10h.

Chego às 9h no Hospital, os procedimentos para entrar já vão perdendo seus mistérios. Sou recebido cordialmente pela psicóloga e pelos demais técnicos da instituição; apresento-me brevemente aos funcionários antes de irmos ao local da assembleia, a saber, o refeitório.

Essa é a segunda vez que adentro o HCTP. Vou da entrada até refeitório acompanhando a equipe técnica e, no trajeto, sem parar de andar, tento observar as instalações e captar o que posso. A arquitetura dos corredores ainda me remete à escola, porém aqui as celas/salas são menores, vejo apenas aquelas individuais – chamadas de “cubículos” –, cerradas por espessas portas de madeira com uma pequena janela gradeada que deixa entrever o interior. As grades lembram-me a prisão. [Apesar de só ter visto uma prisão por gravuras e vídeos, sinto o contraste entre os corpos quentes e o cimento frio daqueles dormitórios]. No percurso vejo poucos pacientes-internos nos quartos e corredores, sua maioria está nos pátios e um pequeno número deles (menos de dez) aguarda-nos no refeitório sentados em um conjunto de bancos que formam um quadrado. Eles ocupam apenas três dos quatro bancos; o banco vazio, próximo a uma das paredes, parece reservado à equipe, que senta nele ao entrar (apenas uma enfermeira e o chefe de segurança sentam-se em outro banco). Sem saber o que *devo* e o que *posso* fazer, tento acompanhar o fluxo.

Um “*Bom dia*” dá início à sessão, nem todos respondem verbalmente, porém, ao menos, anuem com a cabeça em silêncio. O protocolo da assembleia é o seguinte: (1) leitura de uma mensagem inicial; (2) conversa sobre a mensagem inicial; (3) comunicação de recados técnicos para os pacientes-internos; (4) inscrições dos pacientes-internos para a escrita de cartas; (5) inscrições dos pacientes-internos para atendimento odontológico; (6) inscrições dos pacientes-internos para atendimento jurídico; (7) listagem de manutenções necessárias nas

“enfermarias”⁸⁷; (8) comunicação de recados gerais pelos pacientes-internos; (9) outras informações, o que inclui minha apresentação. Esse protocolo é executado duas vezes (duas assembleias por segunda-feira).

Nesse primeiro grupo do dia a mensagem inicial é lida por uma das psicólogas, sua voz se esforça em alcançar cada canto do refeitório, e, se seu bom-dia foi tranquilo e suave, agora as palavras tentam adquirir um tom mais peremptório ou imponente. O texto lido, de autoria desconhecida, chama-se “Milho Bom” e conta a história de um fazendeiro que ganha todos os prêmios dos concursos de milhos. Um jornalista que o entrevista, ao saber que ele compartilha suas sementes com os vizinhos, pergunta curioso porque o agricultor o faz, visto que competia com eles. O fazendeiro responde que a polinização do milho se dá com auxílio do vento, que leva o pólen de uma plantação a outra, e que, assim, se os vizinhos cultivarem milho de qualidade inferior à sua, isso degradará a qualidade de seu próprio milho. Para colher bom milho, então, ele tinha de ajudar os vizinhos a cultivar “milho bom”. A moral, que me parece clara, é, após a leitura do texto, reiterada pela explicação dos técnicos que coordenam a assembleia: é preciso ajudar o próximo para que *se* possa colher bons frutos, ou milhos. À explicação segue-se a pergunta: “*Alguém tem algo a dizer?*”. [O que ainda se pode dizer dada a situação? A mim não parece haver o que eles possam dizer que não seja ou uma redundância, ou uma afronta à moral da história, que nesta situação de relações de poder e saber desequilibradas, seria facilmente arrastada para a redundância ou para o campo da impotência e/ou da invalidade daquilo/daquele que afronta]. O que vejo acompanhar a pergunta, *de fato*, é, primeiramente, um breve silêncio e, posteriormente, pacientes-internos que começam a arriscar algumas palavras: palavras que ratificam o discurso das psicólogas. [São ecos, frases que reiteram o senso comum, nada parece desafiar a norma, eles parecem ter entendido a mensagem, sabem repeti-la, inclusive a moral da história não parece ser nova para eles dada a prontidão com que respondem]. Em meio a isso, quando o assunto é “bons frutos”, um dos pacientes-internos sugere uma nota dissonante: “*Dá para enxertar uma parreira de uva em uma parreira de maracujá...*”. Aqueles que conduzem a conversa não dão muita atenção à fala e seguem ouvindo os outros pacientes-internos, mas ele retoma a dissonância: “*Eu já vi fazerem, lá no sítio. Você pega uma ponta, corta e*

⁸⁷ “Enfermaria” é o nome dado aos quarto-celas-leitos coletivos.

emenda na ponta da outra e ela cresce...”. Um dos técnicos, então, responde à fala, com tom de advertência: “*A gente pode experimentar, desde que não seja algo perigoso*”. [A fala do paciente-interno intriga-me pelas relações que faz, pelo vácuo que produz – não me é possível simplesmente ligar a história, enquanto metáfora, enquanto um ensinamento moral, ao que ele diz; preciso segui-lo em seu desvio; é como se ele mesmo fizesse um enxerto discursivo, falas de naturezas distintas cruzando-se, pontas (soltas) com pontas (soltas), e algo brota! – naquela fala desvairada, desvela-se a ‘imagem’ de uma potência: mistura de heterogeneidades que desabrocham, o cruzamento de diferenças como força criadora. Outra coisa que me surpreende é o que a tal fala faz germinar no técnico, i.e., o modo como ele reage ao comentário do paciente-interno. Aquela fala desviante apanha-me despreparado por fazer medrar algo ali onde me parecia impossível que semelhante coisa pudesse vingar... E o que vinga nas palavras do técnico soa-me profundo e muito ‘revelador’: pode-se experimentar, desde que não seja perigoso; e o perigo não me parece estar na fala do paciente-interno, mas sim emerge da *instituição-em-nós* que atravessando os corpos ecoa na resposta: “*A gente pode experimentar, desde que não seja algo perigoso*].

A toda essa conversa seguem-se recados relativos ao funcionamento interno do Hospital, o que não produz reações consideráveis nos pacientes-internos ali presentes. Depois disto uma das técnicas faz a listagem daqueles que querem escrever cartas, dos que querem atendimento odontológico e daqueles que querem atendimento jurídico; além disto, o chefe da segurança anota quais são as demandas de manutenção nas enfermarias (são coisas como torneiras quebradas, chuveiros e ventiladores que precisam de reparo), o número de queixas não é maior do que três, as quais parecem-me demandas recentes e de simples resolução.

É aberto, então, espaço para que os pacientes-internos deem recados concernentes ao “coletivo”. Alguns pacientes-internos iniciam recados (coisas de ordem do cotidiano), aqueles que coordenam a assembleia assinalam, então, que estes são recados “pessoais”, este não é o momento para tais recados e indicam que outro momento seria dado para tais recados. Eis que nenhum recado “coletivo” é dado.

Por fim, uma rodada de falas e recados por parte dos demais presentes e membros da equipe. Primeiro um professor (de Educação Física), que havia entrado enquanto a assembleia já estava em andamento, parabeniza os pacientes-internos presentes que se têm empenhado nas

atividades físicas (não obrigatórias) de controle de peso. É neste momento também que me apresento. [Com um frio na barriga e na cabeça as perguntas: o que dizer? O que pode lhes interessar saber sobre mim e sobre o que pretendo fazer no HCTP? Como dizê-lo?]. Um pouco tenso e um pouco reticente, como quem está sentindo o terreno e medindo as reações, digo que sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, que trabalho com oficinas e “*educação fora da escola*” e que estou ali para conhecer um pouco deles e desse espaço que é o HCTP. Um dos pacientes-internos deseja-me boas-vindas e eu agradeço a cordialidade. A psicóloga que acompanha as oficinas que já acontecem aqui, lembra que Camila⁸⁸ e Michele já realizam oficinas e que também fazem parte do mesmo grupo.

Em sequência a primeira assembleia é encerrada, o primeiro grupo de pacientes-internos sai, outro grupo, chamado pelo professor a partir de uma lista, entra e senta-se nos bancos desocupados.

Com um bom-dia a nova assembleia inicia-se e, desta vez, quem faz a leitura da mensagem do dia é o professor. Antes que a leitura seja iniciada um dos pacientes-internos pede que se leia com voz alta pois ele está “*meio surdo*”. Então, sentado no banco com a coluna verticalmente hirta, os antebraços horizontalmente tesos e o olhar reto para a folha que continha o texto, o professor lê o mesmo texto da assembleia anterior, em alto e bom tom e em uma cadência sólida.

Questionados sobre a mensagem do texto, a ‘resposta’ inicial é do paciente-interno “*meio surdo*”: “*Queria ter um vizinho desses!*”. Um dos técnicos ensaia uma resposta dizendo: “*Talvez você tenha, mas seus olhos estão fechados para...*”. “*Está vendo meus olhos fechados?*”, retruca o paciente-interno, com muito humor e arregalando os olhos. [Sinto nele uma mistura peculiar de comicidade e afronta]. “*Não esses olhos, outros olhos, os olhos da alma*”, o técnico fala. Outro paciente-interno atravessa a conversa dizendo: “*Quem planta o bem, colhe o bem*”. [Além daquilo que nesta fala é redundância da história lida, ela soa-me no mínimo irônica, uma vez que estamos no interior de uma instituição que pune quem “*plantou o mal*”. É difícil para mim não sentir vibrar a perfídia da moral serpenteando por aquelas palavras, “*Quem planta o bem, colhe o*

⁸⁸ Camila Verena Fernandes Barbosa, graduanda em Geografia pela UDESC, foi bolsista de iniciação científica da pesquisa “*Outras topografias*”, é bolsista do PIBID – Geografia e membro do grupo de pesquisa “*Geografias de experiência*”.

bem”, inoculando culpa naqueles corpos já, em parte, avariados pelos medicamentos, pelos discursos médicos, pela arquitetura da instituição, pelo regime de clausura e violência (que vai desde o modo como as relações se hierarquizam, até o modo como os gestos reiteram o controle, passando pela liberdade restringida, senão alienada) deste tipo de lugar, deste modo de vida que se leva aqui].

Enquanto meus pensamentos e sensações fluem, o professor aproveita o ensejo criado e conta uma história de quando ele era bombeiro salva-vidas e seu bem, de ter salvo duas meninas de um afogamento no mar, foi retribuído, anos depois, por um outro bem, uma carona para dada pelos pais das meninas, quando eles encontraram o professor – na época ainda salva-vidas – a pedir carona na rodovia. Ele também conta como “planta o bem” em gestos de dar pratos de comida a moradores de rua que encontra nas mediações de sua casa. Neste ínterim a equipe técnica complementam a lição indicando que “*Sempre é tempo para recomeçar*”.

Os demais momentos, mais burocráticos, ocorrem de modo muito semelhante ao que se passou na primeira assembleia, inclusive recebo outro “*Seja bem-vindo*” – todavia, desta vez minha apresentação é, para mim, mais tranquila, sinto-a mais fluida e menos receosa, sinto que já posso pisar com um pouco mais de firmeza neste solo estrangeiro. Após minha apresentação, a psicólogas outra vez menciona que já há oficinas em andamento no HCTP e que para participar basta pedir ali ou no dia da oficina. Ela indica, como exemplo, que o paciente-interno “*meio surdo*” já está participando das oficinas, quando se questiona, quase como que pensando em voz alta, por que ele não havia estado na última oficina. Ela mesma, em seguida, lembra-se que o motivo foi o de ele estar “*fechado*”. [Suspeito o que a palavra “*fechado*” signifique naquele contexto, porém não vejo ensejo para perguntar a alguém o seu significado.] O paciente-interno reage à lembrança deste fato um tanto quanto transtornado, e, levantando-se, reclama do fato de ter sido “*fechado*” – junto a esta indignação outros desabafos: ele diz ter sido desrespeitado dentro do HCTP, sem mencionar quem o teria feito ou o que exatamente teria acontecido; menciona ter sofrido pressão em casa para voltar ao Hospital quando este fizera uma saída temporária na Páscoa. A psicóloga acalma-o e segue a assembleia, que não dura mais que alguns minutos.

Ao fim, sigo com psicóloga até sua sala, onde conversamos sobre as assembleias, o HCTP, as oficinas e minhas entradas (futuras) na instituição. Sobre minhas oficinas, explico à psicóloga que elas ainda não estão *prontas*, que vou acompanhar as outras oficinas em andamento (de

Camila e Michele), pois isso me ajudará muito na elaboração das minhas. Pergunto também o que significa exatamente a expressão “fechado” e ela explica-me que se trata da medida de manter o paciente-interno “*trancando sob acompanhamento quando ele apresenta algum risco a sua própria integridade ou a integridade dos outros*”. Ela diz-me que agora a equipe que trabalha ali é mais “*tolerante*” e “*negocia*” com os pacientes-internos, especialmente no que concerne aos agentes de segurança. Ela também me informa que, por questões burocráticas e de segurança, a sequência das oficinas dependerá de uma reunião com o diretor do HCTP e conosco (Ana, Camila, Michele e eu).

Despeço-me e vou-me embora [com algumas ideias em mente: talvez, para cartografar os espaços e as amizades, seja possível colaborar com a oficina de Camila, que trabalha com elaboração de um *lugar* construído pelos próprios participantes – um lugar desenhado em uma folha de papel pardo, que pode produzir um exterior intensivo em um interior extensivo, eles *habitam* outro espaço ainda que sem sair da instituição].

14.4.16 – O Clube da Amizade

Quinta-feira, oficina proposta por Camila, das 9h às 11h, e reunião com o diretor do HCTP, das 11h às 12h.

Chego no Hospital, Camila já me espera junto com a psicóloga. Esta última lembra-nos da reunião com o diretor do HCTP, hoje logo após a oficina, e informa que, diferentemente do habitual, ela não poderá permanecer conosco ao longo de toda a oficina.

Encaminhamo-nos os três ao refeitório e vou observando as “enfermarias” [o nome ainda me é incomodo, o que vejo são celas]. No interior de cada uma delas, um colchão sobre a cama, que se funde ao chão e à parede que toca a lateral do leito; mais ao fundo emerge do piso uma pia – todo o cenário, do lençol à cerâmica, é de um branco amarelado saturante. Às vezes, há caixas com alguns pertences, entretanto, normalmente, só há travesseiros e cobertas. Nas portas de madeira espessa, que selam as celas, há uma janela gradeada, na altura dos olhos, que dá visão ao interior daqueles espaços fechados. Acima da janela, um pedaço de papel identifica os quartos, com um número, o nome do paciente-interno, que dorme ali, e se ele está “fechado” (ou não). [No fundo, tenho a sensação de que não há nada dentro daqueles cubículos; tudo foi extraído, exaurido, inclusive meu olhar, que tenta penetra o

quarto enquanto passo, e, ao mesmo tempo, aqueles lugares saturados, esgotados parecem tão cheios que, a cada cela, não posso ver senão o *mesmo*, quartos que parecem iguais, vazios em série, abarrotados do igual. São celas – claustrofóbicas, assépticas, esvaziantes e esgotantes. O que diferencia aqueles cubículos uns dos outros? Só os números? Os números não os diferenciam, apenas classifica-os e organiza-os permitindo controle; a diferenciação parece ocorrer em outro nível, é preciso outro olhar, outra escuta, *hápticos*: nas colagens na paredes (às vezes só há os vestígios das colagens), nos rabiscos, nas ranhuras, nas minúcias, nos *acidentes*⁸⁹ e nos modos de habitar aquele reduzido espaço – mas isso tudo é muito fugaz neste olhar possível agora, enquanto passo pelos corredores, em direção ao refeitório, rápido demais para poder captar as diferenciações]. As enfermarias estão quase sempre vazias de pacientes-internos e trancadas neste horário, além disto, a pequena janela das portas não facilita a visão do interior com maior minúcia.

À meia altura de um dos primeiros corredores vê-se de cada lado uma porta, feita de grades de metal. No meio do corredor um agente de segurança, sentado numa cadeira, chama os pacientes-internos listados para participarem da oficina. Assim que passamos por estas portas que abrem (ou encerram) para pátios, um dos pacientes interpela-nos por não ter sido chamado. Verificamos (Camila e eu) e o nome dele está na lista, foi um equívoco do agente, suponho. O paciente-interno é liberado para a oficina e nos acompanha até a entrada do refeitório dizendo, “*É sabotagem... É boicote!*”, várias vezes.

Chegamos à entrada do refeitório. A porta está trancada. Enquanto esperamos um dos agentes abri-la, vamos conversando com os participantes que já nos aguardam e com os que vão chegando, que parecem animados com a oficina. A porta é aberta, entramos e organizamos o lugar para a oficina, formando um quadrado de bancos com um espaço vazio no meio. Camila inicia propriamente a oficina apresentando-me, depois rememora as atividades que eles iniciaram no encontro anterior (31.3.16), estende no meio de todos um papel pardo onde está o mapa criado naquele encontro anterior e, espalhando materiais de desenho e pintura, convida os participantes a continuarem a construção

⁸⁹ “Acidente” é tomado aqui em um sentido aristotélico designando um aspecto casual ou fortuito de uma realidade e portanto irrelevante na compreensão da essência/transcendência de algo.

do lugar.

Para mover à construção, Camila sugere questões (Onde se vai morar? Quais os nomes dos lugares? Há comida? Como se a consegue? De onde ela vem?), a partir das quais se desenha uma “área rural”, uma “estação hidrelétrica”, um “centro de tratamento de esgoto”, uma “igreja”, um “cemitério”, um “mercado”, uma “fazenda”, umas “árvores frutíferas”, uns “animais” e um lugar chamado: “Clube da amizade”.

Não posso dizer ao certo o que é esse “Clube da amizade”, pois no momento em que ele e seu nome são criados um dos pacientes está a conversar comigo. [Sinto que ele precisa falar, algo pede passagem, ouço-o.] Ele fala da vida fora do HCTP, onde, creio, ele quer estar. Ele conta-me que foi preso por causa de “R\$2, dois socos e uma mordida”. Enquanto ele narra sua história, tento conectá-lo ao trabalho da oficina e pergunto se ele gostaria de trabalhar em alguma coisa – já que várias vezes ele fala em trabalho –, mas ele me diz não ter um trabalho “preferido”. [Parece-me haver nele também uma falta de vontade de desenhar ou uma resistência em fazê-lo. Ele parece não querer participar diretamente, mas ao mesmo tempo ele permanece ali, ainda que não seja obrigado a isto]. Outro participante, por sua vez muito entusiasmado, desenha e responde prontamente às perguntas e sugestões de Camila e do resto do grupo. Os demais vão aderindo à construção pouco a pouco, alguns respondem as perguntas e, empolgados, desenharam; outros permanecem em silêncio e desenharam; há ainda aqueles que apenas permanecem calados e há aqueles que se vão, deixando o refeitório e o oficina para trás – ora sem qualquer explicação, ora dizendo: “*Eu vou só tomar água*” sem voltar mais.

O nome deste lugar que está sendo criado sobre o papel pardo ainda não foi decidido. Um sugere “*Deus está vivo*”. Outro diz “*Caminho de Deus*”. Um terceiro indica o nome “*Universo Mundial*”. São ideias, mas não há um acordo e o lugar não recebe um nome definitivo. As coisas do lugar vão ganhando nomes e ao tentar escrever “hospital” alguém escreve “HOP”, esquecendo a letra “s”, mas o erro logo torna-se uma sigla, segundo eles: “*Hospital Onorário (sic) Público*”, em que “*onorário*” significa “*agora*”. O cemitério chama-se “*Cemitério da Saudade*”, o rio chama-se “*Rio dos Prazeres*”, o lago, “*Lago Field Equation*” (equação de campo), nome dado por *Alberto*⁹⁰ (o participante que elaborou a hipótese

⁹⁰ Os nomes reais dos pacientes-internos foram substituídos por nomes fictícios inventados por eles próprios, em alguma das oficinas, ou pelo autor, quando o

do “*Buraco Branco*” na oficina de 6.11.15). Surge, então, a questão do dinheiro: haverá? Eles afirmam precisar de dinheiro para comprar as coisas no mercado, mas ainda não sabem onde trabalharão para arranjar o dinheiro.

Já é hora do almoço e precisamos ir. Recolhemos os materiais de desenho, dobramos o mapa, ajeitamos as mesas, tudo com a ajuda de alguns participantes que ainda permanecem conosco até aqui. Despedimo-nos dos que ficaram, seguimos para fora, despedimo-nos dos agentes e vamos ao encontro da psicóloga para seguirmos à reunião com o diretor.

A reunião ocorre em outro prédio, ao lado, logo na entrada do complexo penitenciário, onde fica a parte administrativa do HCTP. Estão presentes: o diretor, a psicóloga que nos acompanha, o chefe da segurança, uma enfermeira, Ana, Camila, Michele e eu. A direção da instituição mostra-se aberta a ideias e ao diálogo com o “Geografias de experiências”⁹¹; simpáticos a nossas atividades, autorizaram inclusive a execução de uma oficina de grafite e a utilização de um dos muros internos de um dos pátios do HCTP para a grafiteagem; demonstram apenas preocupação em garantir a segurança e manter certos cuidados durante as atividades no pátio. A reunião finda-se e partimos.

5.5.16 – Vale das Glórias

Quinta-feira, oficina proposta por Camila, das 9h às 11h.

Chego ao complexo penitenciário pouco antes das 9h para a oficina, na qual Camila pretende dar continuidade à construção e habitação do lugar, ainda sem nome, que estavam criando no mapa. Haja vista que hoje não seremos acompanhados pela psicóloga, que já nos havia comunicado sua ausência, logo entramos no HCTP e entregamos nós mesmos a lista com os nomes dos pacientes-internos que poderiam

paciente-interno não o inventou.

⁹¹ Grupo de pesquisa coordenado pelas professoras doutoras Ana Maria Hoepers Preve e Karen Rechia (doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas), o grupo “Geografias de experiências” faz parte do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – LEPEGEO e da Rede de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, tendo como membros, principalmente, graduandos em Geografia e pós-graduandos em Educação pela FAED/UDESC.

participar da oficina, pedindo que estes sejam chamados.

Enquanto aguardamos no corredor os participantes da oficina, um paciente-interno convida-nos a ver o grafite feito na oficina da semana anterior, na qual Michele levou um amigo grafiteiro para elaborar com os participantes um desenho e pintá-lo na parede interna de um dos pátios. É este grafite que o paciente-interno quer mostrar-nos. Ele guia-nos até o pátio onde está a imagem, perguntamos ao agente se podemos acompanhá-lo pátio a dentro e, com sua anuência, adentramos o espaço: é uma quadra de futebol de cimento, não coberta e, anexo a ela, uma área com aparelhos para exercício físico e alongamento. O paciente-interno segue rápido em direção ao muro e aponta o grafite dizendo que a ideia foi dele, *“mudaram um pouco do que eu falei, mas a ideia do coração é minha”*. Na parede branca, de textura irregular pelo salpico, figura um coração vermelho, com contorno preto bem marcado; atravessando obliquamente o coração, uma espada azul; das laterais do coração saem asas brancas com detalhes em azul; algumas manchas esféricas verdes ainda adornam o desenho, ao lado do coração, e, um pouco mais abaixo, duas joaninhas, uma vermelha com manchas pretas à direita e outra verde com manchas pretas à esquerda. Um belo desenho. O paciente-interno conta-nos que o oficineiro convidado somente fez os contornos e que foram eles que pintaram o desenho. [O desenho parece-me ainda mais belo, uma vez que, além de não serem profissionais nesta arte, os pacientes-internos têm de superar a dificuldade de manuseio das tintas oriunda dos efeitos dos medicamentos que tomam diariamente].

Todavia, não é o grafite que mais me afeta ali, mas o modo como aquele espaço (o pátio) é ocupado, como ele se torna povoado de corpos trajados em uniformes brancos e alaranjados [nos limites de uma área física, fazem-na variar naquilo que não é o “extensivo”, mas nos modos de usar o espaço, as velocidades desses usos, as relações que estabelecem no e com o lugar, as forças que os pacientes-internos fazem circular ali; enfim, como aquele espaço em sua extensão torna-se um território de intensidades]: alguns pacientes fazem uso dos aparelhos de exercício; nos bancos de cimento que ladeiam uma das laterais da quadra, outros esticam seus corpos ao sol; outros estão sentados com olhares ora perdidos, ora atentos aos movimentos daqueles que estão na quadra. Esses, no entanto, não jogam bola, nem praticam nenhum esporte que eu (re)conheça; os pacientes-internos vagam alheios pelo campo, arrastam seus corpos aleatoriamente, em um perambular de diferentes cadências, de ritmos variados e inconstantes – porém, o que no fundo mais me chama a atenção

é o que fazem alguns poucos pacientes-internos que caminham de uma extremidade a outra da quadra, trave à trave, a velocidade do andar varia entre eles, contudo o movimento é o mesmo: um ir-e-vir, repetitivo, incessante. [Essa cena angustia-me, eles parecem reproduzir o comportamento de animais enjaulados há muito, andando em círculos na jaula por não terem espaço, por não terem como sair – aqueles humanos (e portanto animais) não têm saída e, se sua ‘jaula’ é espaçosa, ela não parece ter um efeito menos perturbador neles, ou melhor, em mim; o modo como eles vagam pasma-me, parece tão sem sentido, não consigo para de pensar no que os leva a caminhar assim – por quê? Sem resposta, (ad)miro-os.] Algo em mim quer continuar a observá-los, ficar mais tempo ali para compreender como aquelas pessoas habitam *aquela* território, todavia, infelizmente, tenho de voltar ao refeitório, preciso, com Camila, ir à oficina.

Com a ajuda dos participantes abrimos espaço, colocando mesas e bancos para os lados, dispomo-nos em círculo e, a pedido de Camila, fazemos um alongamento. “*Cada um em seu ritmo, em seu limite*”, ela acautela. Após o alongamento, estendemos o mapa sobre duas mesas dispostas lado a lado. Lá fora uma música sertaneja em alto volume de certo modo compete com a oficina. Camila e um dos participantes explicam resumidamente aos participantes novos do que se trata aquele mapa e aquela oficina, para daí iniciarmos o trabalho de habitar aquele lugar.

Num primeiro passo, Camila propõe eleger um nome ao lugar a partir, do seguinte procedimento: primeiro uma rodada de sugestões de nomes, depois uma rodada de votação. Na primeira rodada são sugeridos vários nomes (“*Um bom lugar para se viver*”, “*Planeta dos prazeres*”, “*É preciso saber viver*”, “*Vale das Glórias*”, “*Legalilândia*”, “*Universo Mundial*” e “*Universo Paralelo*”), porém um dos participantes, *Pedro*, parece não aderir à dinâmica, não aderir ao menos à lógica que esperávamos, pois ele, malgrado as explicações de Camila, só sugere nomes de lugares já existentes (“*São Francisco do Sul*”, “*Concórdia*” e “*Jaborá*”). [A máquina emperra, como fazê-la voltar a funcionar?]. Camila acaba aceitando suas sugestões. [Sinto que ela precisa que todos participem, que todos sugiram ao menos um nome para que, no final, um nome seja escolhido de forma coletiva.] Porém, este mesmo participante desvia o assunto e conta a história de como chegou ali: ele morava com o pai numa região rural, possuíam em sua casa uma horta da qual, segundo ele, uma vizinha amiúde roubava legumes e verduras. Um dia, para

impedi-la, ele trancou o portão e, quando seu pai chegou em casa e viu o que ele fizera, foi pedir explicações ao filho. “*Daí nós começamos a discutir*”, Pedro conta, “*e de repente eu senti umas coisas estranhas assim ao redor de mim. Aí eu fui lá, peguei a foice e acertei meu pai aqui*”, sinalizando a parte de trás do pescoço, “*e outra... Foram duas. Aí, quando vi, meu pai estava morto*”. Ele segue contando que foi preso e que, depois que lhe “*deram remédio na prisão*”, ele fora transferido ao HCTP. Estou mudo, mas atento à história; Camila também tem a atenção direcionada ao que ele nos conta e, antes que ele prossiga, ela o interrompe, retomando o tema e recolhendo umas últimas sugestões de nomes.

A segunda rodada, a de votação, parece mais simples: Camila lê todos os nomes sugeridos e, um por um, os participantes escolhem um nome, “*mas não pode votar no seu*”, sugere um dos participantes, “*porque senão cada um vota no seu, né?*”, a ideia é acatada e a votação começa. O início transcorre como esperado, [seguindo o bom espírito democrático] cada uma dá seu voto. Entretanto, logo no terceiro participante, *Miguel*, a lógica de votação não funciona. [A máquina emperrar outra vez.] Em vez de escolher um dos nomes listados o participante sugere um novo nome. Camila logo anota-o e repete a *Miguel* a pergunta: “*Qual dos nomes, então, você escolhe?*”. A resposta é a sugestão de outro nome. O nome é anotado outra vez e a pergunta é refeita: “*Mas qual dos nomes você escolhe?*”. Outra vez uma nova sugestão de nome é a resposta. [A dinâmica de *criar* nomes para o lugar parece muito mais atraente a *Miguel* do que a de escolher um nome; e ele parece uma fonte inesgotável de nomes prontos a serem lançados, apenas aguardando a pergunta de Camila]. Várias tentativas, várias repetições da pergunta e várias vezes uma “não-resposta” [Aquilho é uma *não-resposta* ao que esperamos, ao que “se espera”, não é uma *resposta negativa*, como quem se recusa a votar – o que ainda permitiria o funcionamento da votação –, ao mesmo tempo, ela é uma resposta, pois que é sempre ativada pela pergunta, é o *movimento* do participante em nossa pergunta, uma resposta capaz até de travar o movimento (dialético) da escolha por votação].

Temos de seguir na votação, ainda que frustrados pelo ocorrido e com algum custo, conseguimos chegar a um número reduzido de nomes entre os quais se vai escolher o nome final. Para evitar que as dificuldades da votação anterior se repitam, proponho que os nomes mais votados sejam lidos um a um e que cada participante levante a mão para aquele que gostar mais. Por fim conseguimos chegar à escolha de um nome final,

a saber, “Vale das Glórias”. [O *cidadão-em-nós*, todavia, está um tanto decepcionado: vários participantes não votam, vários impedem a lógica eleitoral de funcionar, alguns parecem não se ‘colarem’ ao processo de votação que ali se desenrolou, e quando Camila anuncia o nome vencedor, todos parecem aceitá-lo de bom grado, todos parecem estar de acordo.]

Em seguida Camila propõe, distribuindo folhas a cada participante, que eles respondam a duas perguntas: Quais atividades você gostaria de fazer no Vale das Glórias? Quem você levaria para o Vale das Glórias? Um dos pacientes põe-se à parte em outra mesa e começa a desenhar em sua folha, sem responder as perguntas, apenas quer desenhar. [Outra ‘não-resposta’?] Vago pelo espaço observando-os e suas atividades, reparo nas mãos de um deles, ela está cheia de marcas, cortes cicatrizados, violências indeléveis na pele, mas também histórias (sabe-se lá de que natureza) gravadas na derme, memórias materializadas no corpo. Nas mãos de outro o que chama a atenção é o tique, um dos dedos se move involuntariamente mais ou menos teso em direção ao centro da palma enquanto ele se concentra para escrever ou para falar, quase que marcando o compasso do pensamento. Sento-me e anoto coisas em uma folha dada por Camila. [Escrevo notas, escrevo porque preciso, quase como um tique; escrevo ideias e percepções e nesse momento noto que meu pé, apoiado nos artelhos, move-se freneticamente para cima e para baixo.] Volto a caminhar pela sala, observo o que se passa. De repente o participante sentado à parte corta o silêncio: “*Estou com vontade de ir embora. Chega de cadeia, meu Deus!*”. Sua entonação é consideravelmente suave, mas a frase é forte e seu rosto carrega um descontentamento manifesto. Aproximo-me dele e pergunto: “*Não quer mais ficar aqui?*”. “*Não. 32 anos aqui*”, ele diz. Espantando e incrédulo pergunto: “*Quanto?!*”. E ele repete: “*32 anos*”. Pergunto se ele já não deveria ter saído e ele me diz: “*Já era para ter saído faz tempo! Eles ficam amarrando a gente*”, e explica que sempre há empecilhos, coisas que devem ser resolvidas – um local adequado para abrigá-lo fora dali que nunca está pronto, prazos que são sempre prorrogados –, “*Dizem, ‘daqui a um mês vai estar pronto’, daí passa um mês e ninguém fala mais nada*”. E nesse processo, pelo que diz, ele já está mais tempo nessa prisão do que ele poderia ficar em uma cadeia de fato. [Para o paciente-interno de maneira geral, o que vai determinar seu tempo de permanência no claustro psiquiátrico não é apenas o parecer de um médico especialista da área, mas também a existência de outras condições materiais bem específicas e raras, a saber: de um local que lhe dê o suporte adequado para uma vida fora do Hospital – e que ao mesmo

tempo garanta a segurança social –, além de um certo interesse da parte de alguém (um parente ou outro responsável) em tirá-lo dali.]

Os demais participantes finalizam suas repostas e começamos uma rodada para socializá-las: um deles, respondendo a primeira pergunta, começa a descrever como seria seu dia no Vale das Glórias, escreve como seria seu dia-a-dia:

Acordar de manhã, pegar pinhão, esquentar dois copos de café, após o café lavar o rosto no riacho, passear a cavalo, ir à igreja, eu que não gosto de passar ao lado da igreja porque tem um cemitério, não gosto de ir lá, sou saudável, depois de tudo isso, tenho de trabalhar no tratamento de esgoto até 12h15min, depois durmo um pouco até às 13h30min, depois volto à estação de tratamento para trabalhar até às 17h, depois vou dormir, rezo ou vou à igreja, faço sempre isso, como uma monotonia; aos finais de semana vou ao clube.

Em suas próprias palavras trata-se de sua “rotina”. Os outros listam atividades como: deliciar-se com banhos de rio, caminhadas e jogos, querem descansar, ir à igreja orar, colher e comer frutas. Intriga-me o fato de quase todos dizerem que querem trabalhar e, por isso, questiono um deles sobre por que trabalhar, se ele gosta de trabalhar, por que escolheria tal ou tal emprego; as respostas indicam que trabalhar é algo necessário e óbvio, mas não deixam claro a mim por que é preciso trabalhar, nem por que eles querem trabalhar – já que o trabalho não obrigatório –, todavia o trabalho está aí, sempre presente.

Ainda compartilhando as respostas da primeira pergunta: “*Quais atividades você gostaria de fazer no Vale das Glórias?*”, Miguel dá-nos outra ‘não-resposta’. Em sua folha não há nenhum texto ou lista de atividades propriamente ditos, há um desenho (a planta de uma casa de três andares) e três composições de letras que formam respectivamente: “coci”, “caca” e “mina”. Camila indaga se essas são as respostas para as perguntas, ele pensa um pouco e diz: “*É castelhano*”, e, apontando para as palavras, traduz: “*cosa, casa e mina. É castelhano. Vocês não sabem castelhano?*”. [Rio em silêncio, divirto-me ao ver a máquina emperrar pela terceira vez. “Coisa”, “casa” e “mulher”, tão óbvio para ele, somos nós que não temos as ferramentas para entendê-lo, para decifrar seus códigos.] Por fim, com insistência e ajuda de Camila, Miguel responde às

duas perguntas: sua atividade será construir uma *casa* para onde ele levará *coisas* que ele precisa e sua *mulher* para morar com ele. [A máquina volta a funcionar (sobrecodificando?).]

Começamos então uma rodada de exposição das respostas à segunda pergunta: “*Quem você levaria para o Vale das Glórias?*”. Eles falam de levar a família (ora a família nuclear, ora um rol de parentes) para morar consigo; além disso também os amigos são frequentemente elencados entre aqueles que se quer levar ao “Vale das Glórias”; um dos participantes quer também levar seus cachorros.

Após ouvirmos as respostas de todos, uma terceira pergunta de Camila: “*O que vocês não levariam ao Vale das Glórias? O que vocês não querem junto com vocês nessa nova vida, nesse local aqui?*”. Um diz: “*Eu quero levar minha alma e meu corpo*”. “*Mas o que você não quer levar?*”, reitera Camila. Miguel diz do outro lado: “*As coisas que eu não levaria para o paraíso!*”. “*Mas o que você não levaria ao paraíso?*”, Camila instiga-o e ele se põe a anotar no papel (suas palavras em castelhano). Aproximo-me dele e pergunto: “*O que é o paraíso?*”. “*É um lugar bom, em que não falta nada, nada para as pessoas, nada para a convivência*”, ele responde. “*E existe paraíso?*”, questiono. “*Se existe? Existe*”, ele diz-mo. Então, pergunto, “*Onde?*”, e ele, prontamente, diz-me que é difícil explicar, mas que há um paraíso aqui na Terra e que temos que “*chegar lá*”, temos que “*ter alcance*”, “*ter a oportunidade*”. [As palavras que ele tem parecem um tanto quanto desajustadas, não dão conta de expressar o que ele parece querer dizer, é como se ele fosse roubando palavras e discursos, roubando para ir além, dizer algo que é difícil, algo que é escorregadio ou que ainda não tem lugar. A cada pergunta algo parece transbordar, vazar, deslizar, uma fala e/ou um gesto que escapam ao esperado/esperável.] Um dos participantes, João, interpela-me sobre o curso que faço, a duração de uma graduação e de um mestrado, a dificuldade em passar no vestibular, repondo-lhe e ele volta a anotar no papel suas respostas.

Depois de elaboradas as respostas começamos todos a socializá-las. Eles listam: violência, tristeza, rancor, ódio, inimigos, guerra, armas – coisas materiais e imateriais que não querem no Vale das Glórias. A partir dessa última questão desenrola-se uma longa e fluida conversa, especialmente sobre o tema “guerra”. Miguel questiona se de fato há guerra no HCTP, ao que outro responde com uma risada e um longo “ô”. Os participantes entreolham-se, quase todos parecem consentir que há guerra. Pedro lança: “*Se não se lesa, não se vive*”. Miguel discordante diz

que não acha que ali há guerra, pois, guerra “*é entre países, com armamentos de fogo, armamentos pesados, bastante morte*”, de modo que os pequenos conflitos dentro do HCTP não são guerra, “*violência existe em todos os lugares, é normal. Guerra é outra coisa*”, ele explica.

João retoma, apenas comigo, o assunto interrompido do vestibular; dou-lhe espaço e ele explica-me que tem interesse em entrar para uma faculdade, que terminará naquele ano o terceiro ano do ensino médio e que, assim sendo, poderá prestar vestibular. Enquanto conversamos não consigo acompanhar a conversa do resto do grupo. Quando retorno à conversa do grupo o assunto segue com o Vale das Glórias e o modo como o habitaremos. Eles vão apontando os lugares que criaram e nomearam e, quando passam pelo Clube da amizade, pergunto o que eles fazem lá dentro e Camila complementa: “*Qual a necessidade, dentro desse lugar que vamos morar, de ter um ‘Clube da amizade’?*”. “*Divertimento*” é a primeira resposta – e essa resposta reaparece na fala de vários deles –, falam também em jogos, filmes, baladas. Eu emendo: “*Para que se precisa de amizade aí dentro?*”. Rapidamente um deles, Mario, responde que é sempre bom ter amizade. Pedro retruca: “*Eu já vejo que amizade não é bom. O bom é cada um para si, cada um para si é que se vive... Viver junto dá um problemão*”. Silêncio. Pergunto se alguém mais concorda com essa ideia e Miguel diz: “*Cada um para si? Cada um para si não. Tem que ter um pensamento bom.*”. Ele segue dando o exemplo de que um bom prefeito é aquele que ajuda a cidade, ajuda os pobres fazendo casa e outras coisas que nos auxiliam, fala da solidariedade de viver em grupo: “*Isso não é viver cada um para si, é se ajudar, eu ajudo você, você ajuda ele...*”. Alguém interrompe-o perguntando se ele trabalhava como faxineiro antes de entrar no HCTP e, antes que sua narrativa sobre solidariedade e vivência coletiva se esvaia, o Miguel trata de responder brevemente que sim e voltar ao que dizia: “*Então a pessoa não pode falar assim ‘é cada um por si’*”. “*Isso é viver em comunhão*”, afirma Camila. “*Compartilhamento*” diz Paulo. “*O que a gente compartilha com nossos amigos ou com a família?*” perguntamos, Camila e eu. A primeira resposta é de Paulo: “*As ocasiões*”. E ele segue em uma longa exposição de que, para ele, os amigos compartilham “*um passeio no campo, pode até ser a cavalo. Compartilham um jogo de cartas, um dominó, assistem a um jogo de futebol, vôlei, handebol na televisão*”. Paulo também diz que com a família se compartilha as mesmas coisas e que, aliás, “*o amigo, no meu ponto de vista, faz parte da família*”, embora não seja qualquer amigo, pois ele faz uma ressalva, “*precisa ser um amigo que nunca pecou,*

porque é difícil um ser humano que aceite e tolere a inimizade". Ele segue exprimindo que é preciso manter o perdão, manter o ato de perdoar, porém faz a observação de que há momentos e fatos que não são possíveis de se perdoar: "*Vou dizer pra ti, se um amigo me der uma facada eu jamais vou perdoá-lo*", e segue, "*Acho que todo ser humano é racional, nenhum ser humano aqui é irracional, todo mundo sabe o que é certo e o que é errado*", finalizando, "*todo mundo é bem esclarecido!*". Alguns ali anuem com a cabeça, outro ficam em silêncio, olhares são trocados e Paulo, ainda movido e motivado pela pergunta, fala: "*Inimizade eu não levaria para lugar algum!*". Pergunto o que fazer quando se tem que estar em um lugar em que há inimizade. "*Tipo uma cadeia?*", ele pergunta. Confirmo e ele afirma que é preciso "*manter-se firme e forte, sempre orando para Deus, pedindo ajuda, porque o lugar é complicado e Deus está sempre presente para proteger cada um de nós e toda a sociedade*". [Todos e cada um, *omnes et singulatim*⁹², ouço.] O assunto parece instigá-lo, Paulo tem muito a dizer e assim segue explicando que as inimizades acontecem lá onde não se está apenas com a família ou com as pessoas que seguem e buscam o mesmo ideal, como é o caso da prisão: nela se está compulsoriamente e é onde há "*desentendimento*". Segundo ele, ainda, é preciso proteger-se dos inimigos e de seus ataques. Camila, então, pergunta como alguém pode proteger-se desses ataques. Pedro atravessa a pergunta como a frase: "*O meu problema é que peguei cadeia e, quando estava na cadeia, deram-me remédio, senão eu não precisaria tomar remédio*", e segue dizendo, "*Daí da cadeia eu vim para cá, que é quase uma cadeia... É uma cadeia, né? É igual. A diferença são as injeções que eles dão, mas isso aí é espiritual, é o sexo do homem e da mulher, que não se excluem, as injeções não têm efeito nenhum*". [Sinto-me em escrito kafkiano, as conversas parecem poder, a qualquer momento, desviarem-se para um caminho totalmente inesperado, as frases e gestos apontam para coisas imprevisíveis, pulos aleatórios, movimentos brownianos⁹³. Um discurso que parece se encaminhar para uma zona conhecida dá um salto e, feito um tamanco de madeira lançado em meio às engrenagens, sabota as expectativas, empena o funcionamento confortável dos oficineiros. É preciso estar pronto para reajustes, ouvir o que se passa com

⁹² Cf. FOUCAULT, 2003.

⁹³ "Movimento Browniano" ou "*pedesis*" é o movimento aleatório das partículas suspensas em um fluido, resultante da sua colisão com átomos rápidos ou moléculas no gás ou líquido.

atenção para saber como seguir e dar o próximo passo.]

Em seguida, *Paulo* retoma a questão da violência e da proteção: “*Falando mais disso aí...*”. Ele diz que é preciso se precaver, pois quem faz mal uma vez fará outras vezes e por isso é preciso reagir. “*Mas é possível reagir sem violência? É possível não reagir a uma situação de agressão?*”, questiona *Camila*. A resposta de outro participante da oficina é seca e rápida: “*Não*”. Um deles aproveita o ensejo para contar uma história na qual foi abordado e assaltado, ou melhor, ele foi obrigado a assaltar lojas para que o criminoso que o abordara não o esfaqueasse – as narrativas que se seguem têm um ‘quê’ de absurdo e são sempre muito cômicas e com temas violentos. É ouvindo essas histórias que alcançamos o fim da oficina, a hora do almoço se aproxima, despedimo-nos dos participantes que ainda estão ali, a ajudar-nos a colocar as coisas no lugar, e deixamos o prédio. Pouco antes de sairmos do complexo, uma técnica da instituição que vai em direção ao HCTP aborda-nos e pergunta se somos “*do pessoal do grafite*”, respondemos que sim, e ela, então, parabeniza-nos pelo trabalho com os pacientes-internos, agradecemos e seguimos para fora dos muros.

Interlúdio – Segunda leitura

Entre as oficinas que acompanho e a proposição de minha primeira oficina no HCTP, decido fazer uma segunda leitura de “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação”⁹⁴ em busca de pistas para minha investigação. O que encontro são mais do que pistas. O vigor de fazer-me imergir naquela realidade através das palavras ainda está lá e é ainda mais intenso – as imagens escritas mesclam-se e ganham potência com aquilo que experimentei nas viagens ao HCTP; os espaços e os corpos agora têm outras forças, criam novas relações e provocam outros afetos. Rabisco, grifo, anoto, marco, escrevo e colo, volto, penso, rabisco, grifo... Sigo adiante e mais fundo. Até que chego ao capítulo “...e outras histórias”⁹⁵, onde encontro-me com “uma mulher dançando”, com “um submarino”, com uma “carta ao juiz”, com a questão “será que louco tem volta?”, encontro-me com “mandalas”, com “coelhos”, com “Estrela” e

⁹⁴ PREVE, 2010

⁹⁵ As referências entre aspas que se seguem neste parágrafo são de histórias narradas no capítulo “...e outras histórias” (PREVE, 2010, p.137-67).

outras histórias. Esses encontros afetam-me. Afetam meu corpo de tal modo que por vezes não posso simplesmente seguir a leitura, simplesmente não posso seguir sem uma pausa, sem um respiro. Os encontros são intensos. Tento compartilhar uma das histórias com uma amiga, mas não consigo chegar ao fim, a garganta seca e as palavras encalham. Volto a ler só e em silêncio, volto às mandalas desenhadas por “Águia”, um dos pacientes-internos do HCTP: um andarilho que tem seu modo de existência roubado, cerrado nas paredes desta instituição; um *ex*-andarilho, pois a dependência dos medicamentos o impede de sê-lo como um dia foi. *Águia* passa a desenhar mandalas para poder sobreviver no território fechado que habita, fá-lo para manter-se indo e em assim fazendo vai longe – inventa, resiste e existe ali onde a vida (enquanto força criadora), às vezes, parece não (mais) habitar. A potência destes encontros, aquilo que movem, são-me caras agora, não as posso ignorar. A potência que vejo, naqueles corpos, naqueles acontecimentos, de vir na difícil condição em que se encontram é revigorante, inspiradora, porém, também, dura e dolorida – toca-me no que sinto, no que penso, no que sou, em suma, afeta-me: potencializa meu corpo, transforma-o.

Se minha primeira leitura me instigara, deixando-me curioso e a quer habitar aquele lugar, esta segunda leitura produz em mim uma espécie de necessidade, agora não apenas *quero*, mas *preciso*: preciso habitá-lo, traçar mapas, seguir inventando – com estes corpos, com essas potências. Decido que preciso elaborar uma oficina, na qual possa explorar, seguir as potências destes corpos, de nossos *encontros*⁹⁶. Estando eles em um duplo lugar social de “inutilidade” (e *désœuvrement*) – loucos e criminosos, constantemente despotencializados pelo saber e pelo poder através das várias dobras do “inútil” –, decido que minha oficina será de inutilidades, jogar com o inútil em sua positividade. Todavia, em vez de um projeto, no sentido mais estrito do termo, minhas oficinas serão compostas de propostas de atividades que chamo de “cartas de ação”. Desta maneira, em vez de um processo com etapas programadas, vou lançando mão das “cartas” que carrego como meio de produzir espaços/tempos de inutilidade. É a partir das situações que se apresentam que vou usando (ou deixando de usar) as “cartas” de forma estratégica, como um jogador com cartas ‘nas mãos’ (ou ‘nas mangas’ ou,

⁹⁶ “Encontro” aqui designa menos as “reuniões” de pessoas do que as afetações singulares dos corpos; cf. Caderno de aprendiz, Que faz um cartógrafo?.

ainda, ‘à mão’⁹⁷), durante o desenrolar das oficinas.

12.5.16 – “Um gingado fora do esquadro”

Quinta, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: uma caixa contendo um jogo chamado “Kablam”⁹⁸, que consiste em uma variedade de pedaços de madeira; três modos distintos de jogá-lo (o empilhamento, a ponte e o boneco); e a conversa sobre o que se produz em uma/nessa oficina.

Entro no HCTP carregando uma bolsa contendo uma caixa de papelão ocre e a cabeça com ideias para a condução da oficina. Michele acompanhará a oficina e também fará registros para sua pesquisa. Enquanto aguardamos que os participantes sejam chamados por um dos agentes, descemos o corredor até a altura das portas dos pátios pequenos (internos), um em cada lado do corredor. Nos pátios ficam vários pacientes, uns caminham de um lado ao outro, outros, em bancos de cimento, deitam-se ou sentam-se para pegar sol. Olhamos para dentro e, ao nos verem, alguns pacientes-internos se aproximaram para conversar. Em meio à conversa, vamos percebendo que alguns deles, que têm interesse em participar, não estão nomeados na lista e, enquanto nenhum agente chega para chamá-los, Michele vai até a lista para adicionar novos nomes.

No refeitório, arrumamos duas mesas, dispondo-as lado a lado com quatro bancos ao redor, onde os participantes que vão chegando tomam lugar. Apresento-me, pois alguns ali não me conhecem ainda, e no momento em que vou falar da oficina, *Alberto* pergunta-me se esta oficina tem relação com a oficina de grafite. Respondo que, de certo modo, elas estão ligadas, mas, antes mesmo que eu possa desenvolver minha explicação, ele, com o dedo em riste, diz que quer fazer uma reclamação. Ele diz que o grafite se trata de uma “*incitação à violência*” ali dentro do Hospital. Ainda que em sua composição o grafite foi pensado como um coração com uma chama no topo, que significariam o amor de Cristo, com duas asas nas laterais, a liberdade, e uma espada, a justiça, atravessando-o diagonalmente; para *Alberto* o grafite é uma clara incitação à violência.

⁹⁷ Sobre esse jogo de palavras com ideia de na/à mão cf. FLUSSER, 2007.

⁹⁸ Jogo criado por Guilherme Blauth, educador e desenvolvedor de uma série de jogos voltados à educação.

E o que parece deixá-lo ainda mais indignado é que aquilo está sendo feito no interior de uma instituição como o HCTP. Michele, que fez parte da oficina de grafite, diz-lhe que “*é só não interpretar assim*”. Miguel também vem em defesa do grafite dizendo que é preciso olhar as coisas boas do grafite, “*não é para praticar o que está no desenho, é para usar a inteligência*” e refletir sobre coisas como a violência. Michele tenta explicar também que se trata de uma construção coletiva com um significado pensado pelo grupo, mas o participante indignado não suspende suas reclamações e diz que por ele o desenho conteria a inscrição “*coração de Jesus Cristo*”. Michele afirma que essa é justamente a ideia do participante que propôs o coração – que a aquele fosse o coração de Jesus Cristo –, entretanto o participante continua indignado. Sem parecer dar muita atenção às explicações dadas, Alberto diz que a violência está em se atravessar o tal coração (de Cristo) com uma espada; “*incitação à violência*”, ele repete várias vezes. Agora é a psicóloga, que nos acompanha, que busca defender o grafite dizendo que é a violência de fora que precisamos evitar, que é isto que está representado ali. Miguel também retoma sua alegação de que o desenho está ali para nos fazer pensar. Os demais participantes apenas observam, eu também. Michele aproxima-se de mim e diz que nunca havia pensado naquela interpretação da imagem. Nenhuma das palavras, por fim, é capaz de dissuadir o participante de que aquilo não é uma “*incitação à violência*”, todavia ele se senta. Um dos outros pacientes diz-nos que ele já andava incomodado com outras coisas havia uns dias.

Retomo a oficina, puxo a caixa de papelão de dentro da sacola e a coloco sobre a mesa, todos a olham curiosos. Digo que trouxe um jogo e pergunto se eles “*topam jogar*”. Apenas Alberto, ainda incomodado, diz que “*depende do jogo*”, pois se se tratar de outra “*incitação à violência*” ele não aceitará jogá-lo e não ficará. Digo que, se o jogo for para ele uma incitação à violência, ele obviamente não precisa ficar, no que ele já se levanta, sai do refeitório e deixa a oficina, antes que eu pudesse explicar como funciona o jogo. Tanto alguns participantes, como Michele e eu tentamos pedir que ele fique para ao menos conhecer o jogo, mas nada o detém. Alguns participantes desaprovam a atitude do participante, alguns nada dizem, um ainda diz rindo, “*Hoje ele está indignado*”.

Sem mais comentários, digo aos participantes que o nome do jogo que trouxe é “Kablam” e pergunto se eles sabem o que este nome significa. Um arrisca “*tenda*”, outro “*cultura africana*”, olham-se e riem. Explico, então, que “Kablam” é o barulho de algo caindo. Abro a caixa

do jogo e mostro que dentro há várias peças de madeira – peças sem um padrão, pedaços distintos de galhos, lascas, ripas, frações de bambu, diversas sementes, enfim, restos (de madeira) aparentemente inúteis, tornados um jogo. Explico então as regras: sobre uma mesa, três peças quaisquer são colocadas a certa distância para formar uma base sobre a qual empilha-se as demais peças, isto sem que as novas peças encostem na mesa e, o mais importante, sem deixar tudo cair – *kablam!*

Espalho as peças na mesa e, por ser a primeira vez que vamos jogar, disponho eu mesmo a base sobre a mesa. O jogo começa: um por vez, no sentido do relógio, os jogadores selecionam e empilham as peças que escolheram, uma sobre a outra – Michele e eu também jogamos.

Algumas rodadas se passam. Entre risadas e comentários sobre as peças que são selecionadas, eles se divertem, mas também demonstram levar o jogo *a sério*⁹⁹, ninguém quer deixar cair a construção. Um dos participantes, grande e robusto, tem dificuldades motoras, o que não o impede de querer jogar, o seu vizinho se prontifica a ajudá-lo. Várias rodadas se passam e nada cai. Terminamos nosso primeiro empilhamento com sucesso, nossa primeira obra ergue-se sem nenhuma queda!

“*Mais uma rodada?*”, pergunto. “*Sim!*”, dizem-me. Desmonto o que fizemos e desta vez eles mesmos escolhem as três peças da base. Michele, desta vez, não joga, prefere perambular pelo espaço sacando fotos e fazendo vídeos. Nesta rodada, amiúde, uma ou outra peça cai, proponho que recomeçemos, mas eles insistem em continuar, pois, “*não fez kablam!*”. Várias rodadas se passam.

Enquanto jogamos, Michele se aproxima de um dos participantes, *Zacarias*, que pergunta a ela sobre a próxima oficina de grafite e lambe-lambe. “*Quinta que vem*”, ela indica. Os dois continuam uma conversa paralela ao jogo. Curioso, escuto trechos: “*Gosto de Rage Against The Machine*” (*RATM*), ele diz e, pela expressão de Michele, pergunta “*Curte a banda?*”. Ela diz que foi a um show desta banda. Ele comenta que tinha uma banda na qual tocava músicas de *RATM*. “*Eu toco bateria*”, diz Michele. “*Eu toco guitarra, a gente tocava ‘Devotos do Ódio’ e ‘Replicantes’ também*”. “*Replicantes? Que massa!*”, diz Michele e, apontando-me, fala, “*Luiz também toca, tinha banda*”. “*Sério? Tocava o que?*”, ele pergunta-me. “*Tocava guitarra e era vocalista*”, respondo, mas logo volto minha atenção ao grupo do jogo.

⁹⁹ Sobre a distinção entre “sério” e “a sério” cf. GOMES, R., 1986.

Mais algumas rodadas e o jogo termina, mais um sucesso! Nisto, um deles diz, “*o primeiro ficou melhor*”. Outro repara, “*parece um canhão*”. Incentivo-os a fazer outras associações perguntando com que se parece o objeto montado sobre a mesa. Eles me dizem: “*uma tubulação*”, “*um canhão*”, “*uma torre*”, “*fogueira de São João*”, “*uma casinha*”, “*o início da Torre de Babel*”. Omar põe a mão no queixo, fita o monte de madeiras empilhadas e lança: “*Eu preciso analisar...*”, e calmamente segue, “*Ficou boa a parte de cima, aqui do lado ficou bem equilibrado, aqui tem esses gravetos, eu coloquei este palito aqui*”, então, faz uma breve pausa e diz: “*É uma arte!*” – análise feita.

Desmonto nossa tubulação-canhão-torre-fogueira-casinha-obra-de-arte e proponho outro jogo: montar um boneco com os pedaços de madeira, construir uma obre (de arte). Proponho também que cada um dê um nome ao boneco e depois apresente-o para o grupo. Os participantes aceitam e cada um escolhe as peças com as quais criará o seu boneco, que aos poucos vão tomando forma. Desta vez não jogo, observo a construção. Finalizados os bonecos, eles começam a apresentá-los: “*Estátua da Liberdade*”, “*Susi*”, “*Rato*”; uns não falam nada sobre que fizeram, outros lentamente desenvolvem uma explicação, como no caso da “*Casa de dois andares*”, em que Miguel diz que fez uma casa porque acha importante que todos tenham uma “*propriedade própria*”, seja para vender, alugar ou morar, “*todo mundo tem que ter. É espetacular!*”. Outros são bem mais sucintos, como no caso da “*Utopia*”, que assim se chama porque o boneco tem “*um gingado fora do esquadro*”, como me diz o participante que a construiu. Algumas descrições vão além das minhas expectativas, ultrapassam os limites do objeto exposto, como por exemplo, o boneco “*Eike*”: “*É o nome do meu pai*”, diz Omar, que complementa, “*Não posso mexer porque tem algo aqui*”, apontando para um espaço vazio logo acima do boneco. “*Algo que não dá para ver?*”, pergunto. “*Uma lua e uma estrela. Estilo Paquistão*”, ele diz-me. Outras descrições, porém, ficam *alguém* do esperado, contentando-se apenas com o óbvio, e.g., a “*Tarântula*”, que recebe esse nome porque se parece uma tarântula.

[Mesmo tendo em mente que a ideia da oficina aqui é, no fundo, a produção do inútil (espaço inútil, tempo inútil, saber inútil, objeto inútil etc.) algo acontece em mim, sinto um desconforto, vem-me uma pergunta: que é que eu estou fazendo aqui, não aqui no HCTP, mas aqui nesta oficina? Ainda que propositalmente buscando o inútil, essa falta de utilidade gera em mim uma certa insegurança: será que isso vai ajudar-me na pesquisa?].

Finalizando, pergunto se eles gostaram de jogar e da oficina e se gostariam de brincar com outros jogos. Eles aquiescem. Agradeço a presença de todos, encerro a oficina e partimos, Michele e eu, deixamos para trás os muros brancos do complexo penitenciário.

19.5.16 – Lembretes da violência que habita esse lugar

Quinta, oficina proposta por Michele, das 9h às 11h.

Primeiro lembrete. Adentro os muros brancos do complexo penitenciário e, enquanto aguardo a chegada de Michel, um novo paciente-interno chega. Algemado, ele é escoltado por armas e posturas ostensivas e, ainda na área de espera (onde se encontram outras seis pessoas¹⁰⁰), é desalgemado, revistado e entrevistado. O constrangimento é notável, a voz de quem o entrevista é ríspida. [É-me impossível não sentir a violência, não só das armas e dos corpos, mas também da fala e da situação. Antes de entrar sou lembrado, por esta cena, da violência que habita o HCTP]. Assim que o paciente-interno é levado para dentro, além da área de espera, Michele chega e vamos à oficina.

Segundo lembrete. Antes de começarmos a oficina de hoje, criamos o nosso pequeno cinema: instalamos a tela e o aparelho de som, colocamos as cadeiras em filas e preparamos o notebook. O primeiro curta-metragem exibido chama-se “*The Maker*”¹⁰¹ (o fazedor). Trata-se de um *stopmotion* de pouco mais de cinco minutos, no qual um coelho de pano (antropomórfico) *cria* uma companheira, costurando-a com retalhos. Enquanto trabalha, ele observa repetidas vezes uma ampulheta que, mais tarde se descobre, marca o tempo de vida que lhe resta. Por isso ele se apressa em terminar a boneca e dar-lhe vida, tocando uma melodia no violino. Chega seu dia derradeiro e ele se vai. Entende-se que sua companheira, doravante, tem a mesma missão que seu criador: fazer um outro coelho e dar-lhe vida – em um ciclo infinito de dar e perder vida. Após a exibição do vídeo, Michele abre espaço para uma conversa. A psicóloga, de pé ao fundo da sala, logo diz: “*Veja se eles entenderam a coisa do ciclo*”. Um breve silêncio na sala e ela prossegue: “*Porque o tempo é assim, tem uma situação difícil... Um dia é difícil, no outro não*”.

¹⁰⁰ Além daqueles que vem visitar os internos, ali ficam as pessoas que aguardam atendimento médico, posto que, como hospital, o HCTP tem também de prestar esse tipo de serviço médico.

¹⁰¹ KEZELOS, 2011.

Nisso escuta-se um dos participantes replicar: “*Um dia é difícil e o outro também*”. [Este comentário, sutil e sagital, atravessa o que a oficina, deixa-nos atônitos, como fogos de artifício, ele sobe, explode, brilha e desaparece, restando apenas o cheiro de pólvora queimada no ar – cheiro que me lembra da violência que habita este lugar].

Terceiro lembrete. Paralelamente à exibição do segundo curta-metragem um dos participantes, *Zacarias*, sentado ao meu lado, aproxima-se mais de mim para contar algo. Ele cochicha, seu semblante é sério e ele olha para trás e para os lados verificando onde está e o que faz psicóloga. Sigiloso, ele narra de modo tão cifrado uma história que preciso de um tempo e de algumas repetições (que a vão abrindo, detalhando mais e mais, mas só o suficiente) para compreendê-la. Ele diz que foi violentado no interior da instituição; relata que dera um determinado valor para as compras do mês a que os pacientes-internos têm direito, teria recebido compras em um valor menor e, ao reclamar desta diferença, teria sido agredido dentro de sua enfermaria por três agentes de segurança. Ele ergue o boné e indica uma escoriação na cabeça, aponta para região das costelas que segundo ele está doída e com hematomas na pele. Depois tentamos seguir assistindo ao curta. [Ali em cochichos sou lembrado outra vez da violência que habita o HCTP].

Quarto lembrete. Em dado momento a psicóloga deixa o refeitório. Michele pergunta se eles querem fazer outra coisa “*como, por exemplo, ouvir uma música*”. Imediatamente eles respondem afirmativamente e ela passa de curtas-metragens a músicas. Ao som da música “Aonde o Filho Chora e a Mãe Não Vê”, do grupo de *rap* Facção Central, um dos participantes improvisa, modifica a letra incluindo nela o Hospital. Das caixas de som ouço: “Ratatá! Ratatá! O sangue vai escorrer. Aqui é onde o filho chora (bum!) e a mãe não vê”. Da boca do participante ouço: “*Ratatá! Ratatá! O sangue vai escorrer, aqui onde o filho chora (bum!) é no HCTP*”, ele repete esse refrão divertindo-se com a própria brincadeira. [O que por um lado é cômico por outro soa-me pesado, pois, a despeito dos sorrisos gerados pela composição, aquelas palavras reverberam em mim como um lembrete. Esses versos compostos na hora permitem a vazão de palavras densas – densas, mas bailarinas – e, mesmo que de forma bem-humorada, sou lembrado mais uma vez da violência que habita este espaço].

Quinto lembrete. Ao fim, seguimos pelos corredores e portões, alcançamos o lado de fora. Paramos em frente aos muros brancos que separam aquele lugar do resto do mundo, muros nos quais podemos ler

“Serviço humanizado. Cidadania respeitada” [Na ironia da inscrição, sou lembrado, ainda outra vez, da violência que habita este espaço.]

2.6.16 – “*Só fica útil quando a gente pega para usar*”

Quinta, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: produção de objetos inúteis (inutensílios); material de desenho e pintura; uma caneca de plástico; imagens de *ready-made*¹⁰² e de inutilensílios; um trecho de um documentário¹⁰³ que fala sobre “descoisas”¹⁰⁴; equipamento para projeção (projektor, *notebook*, caixa de som, extensões elétricas); e um jogo de cartas chamado “Nove”¹⁰⁵.

Chego ao HCTP carregado de bolsas e equipamentos para a oficina, felizmente Michele está presente para me auxiliar na oficina.

O caso do barbeiro. A caminho do refeitório paramos, Michele e eu, paramos para sacar algumas fotos da barbearia do Hospital; o agente que lá trabalha pergunta se eu não quero aproveitar para fazer cabelo e barba; agradeço a oferta, mas a recuso. O alvo é óbvio: meu cabelo comprido e minha barba grande destoam dos corpos (principalmente os masculinos) ali presentes, pois nem agentes nem pacientes-internos tem mais que uma barba rala e um cabelo curto. [Entretentes, o gesto de gracejo não soa ofensivo. O modo com o agente faz a brincadeira realmente me diverte, sem soar agressivo como facilmente poderia ser e como comumente são as falas (sérias ou jocosas) dos agentes – algo destoa].

O caso das janelas. Enquanto aguardo que a porta do refeitório seja aberta, paro para observar os cubículos do corredor. Apesar de já ter olhado outra vez para este pedaço do Hospital, sempre o faço quando *passo* por ali, e desta vez eu *estou* ali (uma pausa). A espera permite ver sem ser a pressa da passagem com objetivo de chegar a um lugar

¹⁰² “*Ready-made*” (feito pronto) é a proposta estética do artista francês Marcel Duchamp na qual um artefato comum, como um mictório, é tirado de seu contexto e exibido como objeto de arte.

¹⁰³ Trata-se de “Só dez por é mentira” (CEZAR, 2008), a desbiografia oficial do poeta Manoel de Barros.

¹⁰⁴ “Descoisa” é o termo que o poeta Manoel de Barros (2010) utiliza para cunhar os objetos poéticos e inúteis que ele inventa em seus textos.

¹⁰⁵ Jogo criado por Guilherme Blauch, que consiste na construção/improvisação de narrativas a partir de cartas criadas pelos próprios jogadores.

específico. Por entre as grades das pequenas janelas das portas trancadas dos cubículos, posso notar algumas coisas que outrora não atinei: a armação de algumas camas é de metal e poucos colchões tem lençol; a luz do sol inunda o quarto por uma janela na parede oposta à porta. Se a pequena janela por onde olho dá visão a quem está no leito para dentro do hospital, ou seja, fecha a vista a chaves, a janela no alto da parede – algumas com vidro inteiro, outras com vidros quebrados, algumas ainda sem vidro – dá visão ao fora, deixa os pacientes-internos mirarem o pátio e o céu, abre a vista. Aquela janela, que antes eu não percebi, amplia o tamanho daquilo que eles veem, apresenta o céu também à noite e um horizonte que o prédio costuma empurrar para longe de todo olhar, permite-lhes ser maior, ainda que confinados àqueles cubículos (àquela terra de clausura).

Introdução, a caneca azul. Começo a oficina pondo uma caneca azul de plástico sobre a mesa e perguntando o que eles veem. “*Uma caneca*”, “*Caneca azul*”, “*Vejo meu reflexo*”, respondem. “*Qual a utilidade da caneca?*”, pergunto. “*Colocar líquido*”, alguém responde. Proponho que nos tornemos inventores, que nesta oficina produzamos *inutensílios* (objetos inúteis) e pergunto: “*Como tiramos a utilidade dessa caneca?*”. Logo Paulo responde, rindo: “*Pisa em cima dela*”. [A imagem da caneca espatifando-se faz espatifar junto minha primeira estratégia: tirar a função do objeto não é a única coisa para se criar um *inutensílio*]. Reformulo a proposta: “*Como tirar a utilidade da caneca sem destruí-la?*”. Um deles sugere fazer um furo no fundo da caneca, eis um gancho para a primeira rodada.

Primeira rodada, os objetos inutilizados. Sugiro que eles escolham algum objeto útil que eles conheçam e que o desenhem em uma folha de papel. Depois de conversarmos sobre os vários objetos e coisas por eles desenhados (desodorante, toalha, xampu, relógio, sabonete, casa, HCTP, lápis, óculos e um gira-gira¹⁰⁶), eles então os desenham uma segunda vez, só que agora tornados “inúteis”: o desodorante perde seu bico *spray*, o relógio perde seus ponteiros, a casa perde o telhado... Chama-me a atenção o gira-gira que, segundo o participante, “*já é quase inútil*”, pois só serve para enfeitar, e que no desenho inutilizado é reproduzido amassado e não totalmente destruído, perdendo assim sua

¹⁰⁶ “Gira-gira” é o nome que os pacientes dão a um objeto de adorno em forma de casulo feito de tiras de jornal enrolado e cola.

beleza e sua função de adorno, mas não certa “consistência” enquanto gira-gira. O HCTP, por sua vez, perde sua utilidade “*paralisando*”, ou seja, “*ninguém atendendo*”, explica-me *Pedro*. Todavia a proposta que mais me intriga é a de *Miguel*, que afirma inutilizar seus objetos “*destintando-os*”, i.e., deixando-os “*quase sem cor*”, se bem que a forma dos objetos *destintados* é bem outra que aquela dos objetos (úteis) originais. [Será que para ele retirar a cor dos objetos traz consigo automaticamente a alteração de sua forma?]

O caso da folha de maconha. Hoje, excepcionalmente, duas estagiárias de serviço social acompanham a oficina. De repente, um paciente-interno, decidido, entra no refeitório dizendo: “*Desenhar, desenhar. Quero desenhar...*”. Dou-lhe um papel e ele começa a traçar uma folha de maconha e diz animado: “*Vontade de fumar um baseado*”. Logo depois ele desenha uma caveira e, ao perceber a presença de uma das estagiárias, ele, meio assustado, levanta-se da cadeira. Sua postura, até então descontraída e agitada, fecha-se e desacelera e ele, afastando-se da mesa, solta: “*E eu ali desenhando folha de maconha*”. Alguns riem e a estagiária diz que não há problema algum em desenhar uma folha de maconha. Todavia, o comportamento do participante se torna evasivo e cuidadoso: “*Aquilo é só uma planta, não tem nada de mais*”, diz desconfiado e receoso. [Talvez os jalecos brancos que elas vestem – destoando das roupas casuais que vestimos Michele e eu – sejam parte deste rosto que ele tem. Talvez, tanto Michele quanto eu, por sermos ‘de fora’ (por não usarmos jalecos brancos e não ocuparmos os cargos normalmente ligados à vigilância e à punição), inspiremos mais confiança aos participantes; quem sabe a franqueza e desconcentração que permeia as oficinas lhes favoreçam a não temer em nós essa função institucional. Essa confiabilidade que alcançamos com eles parece, no momento, fragilizar-se.]

Segunda rodada, os *ready-mades*. Apresento-lhes, então, uma série de imagens de *ready-mades* e de objetos criados propositalmente inúteis, e.g., talheres com cabos de corda ou botas de chuva abertas na ponta dos pés. Depois começamos a produção de objetos inúteis (diretamente). Eles desenharam: uma televisão sem tela, uma cama sem grade, cadeira sem assento; curiosamente, um deles desenha uma cartela de remédio, contudo, quando pergunto sobre seu desenho ele fala que na verdade o remédio não é inútil, ele tem muitas utilidades (utilidades que ele não aponta). Convido então as estagiárias a participarem: uma faz uma moto sem roda e outra uma panela sem fundo.

Paulo chama-me: “Ei, Luiz. Fiz uma bola de areia”. “Como assim?”, respondo, “Tem areia dentro ou ela é feita toda de areia?”. “Não, é igual uma bola normal, mas em vez de ar tem areia dentro”, e ele mesmo emenda, “Mas isso é usado já, né?”. Concordo dizendo que no atletismo se utiliza bolas cheias de areia. Por fim ele chega a um resultado que considera satisfatório: “Uma escada... Sem degraus”. Miguel faz o curioso desenho de uma pessoa em pé próxima a uma banqueta de três pés e explica sua lógica: “Quando a pessoa está sentada é um banco, uma cadeira. Quando está sentado no banco não é inútil. Quando a pessoa sai da cadeira fica totalmente inútil. Só fica útil quando a gente pega para usar”. [Enquanto até então toda a oficina de *inutensílios* estava pautada na subtração (ou adição) de algo *no* objeto, o participante propõe algo mais *essencial*: o que torna algo inútil é, obviamente, a *relação* com o objeto. O que fazíamos até então, não é senão modificar o objeto de forma a *obrigar* certa mudança de relação com ele, todavia, fica claro que para produzir um *inutensílio* não é necessário alterá-lo, basta mudar a relação com ele – não é a forma ou a matéria do objeto que o faz útil, mas a relação com ele].

Última rodada, dos desobjetos às tecnologias. Inicialmente exibio um trecho do documentário “Só dez por cento é mentira”¹⁰⁷, no qual um inventor dá materialidade aos “desobjetos” de Manoel de Barros. Entre eles figuram a “fivela de prender silêncio”, o “prego que farfalha”, o “abridor de amanhecer”, o “esticador de horizonte” e o “aparelho de ser inútil”; apresento-os com a intenção de criarmos coisas parecidas com as vistas no vídeo. Porém, como os comentários focavam mais a ideia das invenções do que das descoisas propriamente ditas, passamos a falar da tecnologia na atualidade. A psicóloga, que acaba de chegar, ouve um pouco da conversa e tenta participar afirmando: “As tecnologias não são nem boas nem más, é o uso que a gente faz delas que é bom ou mau”. [Outa vez a questão dá relação?] Os participantes, entretanto, parecem não aderir ao que a psicóloga diz, sua observação parece inclusive ser ignorada e eles continuam a discutir sobre importância do avanço e desenvolvimento tecnológicos, e sobre como estender esse conhecimento e tornar sua utilização acessível a todos. Ao fim, a conversa vai indicar as vantagens e desvantagens da tecnologia, a necessidade de sempre se atualizar, mas também que certas tecnologias podem afastar as pessoas

¹⁰⁷ CEZAR, 2008.

umas das outras.

Cena três o caso Santos Dumont. A essa altura da oficina o número de participantes é de pouco mais de um terço em relação ao início, e eu já não espero mais poder retornar nem ao tema da inutilidade, nem encontrar algo relacionado à amizade. Michele, sobre o uso do conhecimento e das tecnologias, cita que o conhecimento de Einstein foi utilizando para a produção de bombas para guerras. Pergunto, então: “*Sabem quem foi o Santos Dumont?*”. “*Foi o cara que inventou o avião*”, responde *Paulo*, que continua: “*Falaram que ele enlouqueceu ou se mantou porque usaram o avião para bombardear na guerra*”. Nesse momento, um outro paciente, *Daniel*, que trabalha na cozinha e que estava ali apenas esperando até que seja hora de servir o almoço, lança a *Paulo* um longo e alegre “*É!*”, encorajando-o. “*Mandei bem, né?*”; responde *Paulo*, virando-se ao cozinheiro, cumprimentando-o e dando um sorriso. Todos rimos. Instigo a conversa. *Paulo* diz: “*Foi ele que me falou isso. Foi bem ele mesmo*”, seus gestos demonstram uma intimidade e uma afeição que suas palavras reiteram. *Daniel* então fala: “*A gente conversa bastante lá no cubículo*”. Eu pergunto: “*Vocês convivem no...*”. “*...Na enfermaria*”, completa *Daniel*. *Paulo* continua a contar: “*A gente fica bem tranqüilão*”. “*À noite?*”, pergunto. “*À noite, à tarde, de dia*”, responde *Paulo*. E seu companheiro de quarto completa: “*...De madrugada*”. Uma estagiária pondera: “*Pelo menos estão trocando informações legais*”. Ao que o cozinheiro completa: “*...E coerentes*”. “*Ele me ensina bastante*”, diz *Paulo*. Então pergunto apontando para *Daniel*: “*Ele?*”. Nesse momento, a psicóloga tenta retomar seu discurso da bondade e da maldade da humanidade, do uso das tecnologias e do conhecimento, mas os pacientes continuam a conversa sobre sua relação. “*Ele estuda bastante lá na enfermaria. Livro, lê... Lê bastante!*”, fala *Paulo*. Continuo com as questões: “*E você não lê?*”. Ao que o participante responde: “*Aqui, eu vou ser sincero, aqui eu não estou tendo cabeça para ler, mas já li bastante livro*”. Pergunto: “*Mas daí vocês trocam ideia lá dentro?*”. “*Trocamos*”, diz *Paulo*, “*Ele consegue ler e ainda... contar um monte de histórias. É bacana. Um conta história para o outro*”. Indago: “*Que tipo de história?*”. *Paulo* responde: “*Sobre festa e esportes...*”. Infelizmente não posso prosseguir a conversa, pois é hora de encerrar a oficina. Deixo o HCTP, mas levo comigo um sorriso de quem descobriu, em um momento insuspeito, um pouco mais sobre como se vive ali.

9.6.16 – Sete notas

Quinta, oficina proposta por Camila, das 9h às 11h.

A viagem de hoje ao HCTP é marcada por uma série de encontros, cruzamentos de trajetórias em que algo se difere da homogeneidade que a instituição tanto produz; são nós de fluxos que deixam algo em mim tornando certos momentos singulares; são partículas que saltam do caldo grosso do corriqueiro e me afetam, capto-as e transformo estes momentos em notas, sete ao todo.

1. Como a porta de acesso ao refeitório que normalmente utilizamos não pode ser aberta, temos de traçar uma nova rota; Camila e eu, enveredamos por um caminho novo. Este outro caminho desemboca no pátio externo, que fica adjacente ao refeitório. No pátio, devido ao dia frio e ensolarado, os pacientes-internos se encontram a aquecer-se – eles caminham pelo espaço, sentam-se e se deitam ao sol. Ali próximo também há a obra de uma nova quadra (de basquete). Logo que nos aproximamos das grades da entrada do pátio para entregarmos a lista de participantes da oficina, alguns dos pacientes-internos vão se aproximando, eles vêm cumprimentar e conversar. Um deles, olhando-me firme, pergunta-me empolgado: “*E aí, Luiz, vens a nossa festa junina?*”. Surpreso com o acontecimento da festa e com o convite indago, “*Quando vai ser?*”. “*Ainda não tem data, mas tu vens?*”, diz-me ele. “*Se eu puder, virei sim*”, respondo, ele dá um sorriso e volta a caminhar enquanto me dirijo ao refeitório. [É justamente este convite para participar da festa que me marca ali, pois a festa parece algo valoroso para os pacientes-internos, ou ao menos julgo-o ser para este paciente-interno que me faz o invitamento.]

2. Entro no refeitório e logo *Marcelo* cumprimenta-me e conta, muito sorridente, que está para sair. “*Mas vais sair e voltar ou sair mesmo?*”, questiono-o. “*Não, vou sair mesmo!*”, fala e bate as palmas das mãos um contra a outra, mas de forma a deslizar uma para frente e outra para trás – gesticula seu escape do Hospital. A vibração dele é sensível, até mesmo visível em seu corpo, a força da saída é tamanha que ele repete que vai sair em diversos momentos ao longo da oficina, *Marcelo* precisa dizer, reiterar, repetir, ele o faz um pouco como se precisasse disso para tornar real a saída, um pouco como quem não pode reter tamanha alegria, ela transborda seu corpo, seus olhos, sua voz, sua fala, sua atenção, tudo está diferente, tudo remete a um contentamento pela saída em poucos dias. [É justamente esta alegria transbordante que me marca.]

3. O primeiro movimento da oficina, proposto por Camila, é

andarmos pelo refeitório variando a velocidade de 1 a 5 (sendo 1 quase parando e 5 quase correndo) conforme seu comando. Os participantes todos se movem, a rapidez vai variando, não observo uma uniformidade nem na velocidade *entre* os participantes, nem na variação *de cada* participante – a velocidade 2 de um deles é ora mais rápida que a minha, ora mais lenta, e essa variabilidade ou inconstância é mais ou menos generalizada. Eu já havia experimentado este exercício quando participara de uma montagem de uma peça de teatro e lá havia um esforço para produzir um movimento uniforme no grupo – do 1 ou 5 –, aqui, no Hospital, eu não sou capaz de visualizar (ou participar da produção de) padrão algum.

4. Logo no início deste exercício de caminhada, *Pedro*, que chega por último ao refeitório, entra a entoar, quase ininterruptamente, uma espécie de mantra: são frases ditas em alta velocidade e em uma dicção cuja compreensão é-me impossível senão enquanto palavras dispersas, “*Jesus*”, “*Maria*”, “*Mulher*”, “*Pai*”, “*Benção*” (entre outras), das poucas orações que compreendo, umas parecem ter um *leitmotiv* religioso, “*eu já fui perdoado*”, outras interagem com nossas falas, “*eu posso, posso, posso*”. Ele recita as frases ao longo de toda a oficina, atravessando todas as atividades, apenas, por vezes, diminuindo o volume quando repreendido por algum dos participantes e parando somente quando *Marcelo*, enquanto andamos pela sala, demanda que ele cante “O menino da porteira”, neste momento ele estaquei no meio do refeitório e, em alto e bom tom, profere: “*Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino, de longe eu avistava a figura de um menino, que corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo...*”. É como se *Marcelo* soubesse a palavra mágica para pôr o *Pedro* em outro movimento, de suas orações quase que praguejadas, ele torna-se um cantor no meio da atividade, de seu movimento de caminhar pela sala, ele queda ali parado enquanto canta.

5. Como segundo movimento da oficina, Camila propõe que cada um elabore e interprete uma cena a partir de um lugar do Vale das Glórias sorteado. Dentre as várias cenas destaco a cena da ressurreição, a cena do restaurante e a cena do hospital.

A cena da ressurreição. O lugar sorteado para este participante, *Marcelo*, é o “Cemitério da Saudade”. Ele oferece-se como primeiro a encenar; dois bancos em “vê” com uma grande angulação formam a área da plateia, que se abre a uma área vazia, a área de encenação; *Marcelo* adianta-se até essa área onde não há nada e coloca ali um banco, deita-se sobre ele e aguarda com as mãos sobre o peito. Enquanto isso Camila tira

dúvidas de alguns dos participantes referentes à atividade, o participante deitado abre o olho, levanta a cabeça e, virando-a para Camila, pergunta se já é suficiente, ela diz, “*Quando quiser você pode começar*”, “*Já comecei, estou no cemitério representando um morto*”, ele informa, Camila pede que ele repita a encenação, ele assente e volta a deitar a cabeça e fechar o olho. Assim, ele fica, quieto, imóvel e silente, por alguns segundos e a plateia o observa, todavia, a cena é atravessada por *Pedro*, que sai da plateia, dá a volta no banco, põe a mão sobre a cabeça do “*morto*” e começa a entoar novas palavras, frases quase indiscerníveis, até que ele diz: “*Em nome de Jesus Cristo você é agora meu irmão... Camarada... Meu irmão...*” e faz, com as mãos, o movimento de levantar a cabeça do participante repousado sobre o banco, que se levanta com o movimento das mãos e segue andando, ressurreto.

A cena do restaurante. Cabe a mim fazer elaborar algo no “Restaurante Bom Gosto”, assim, aproveito o banco em cena e sento-me nele; gesticulo indicando uma mesa a minha frente; logo sou atendido por um garçom imaginário, faço o pedido, que rapidamente é servido, e começo a degustar o prato à mesa – tudo sem usar palavras ou sons, apenas mímica. No entretanto de minha refeição os participantes começam a sugerir os pratos. “*Só no espetinho*”, diz um. “*Camarão à milanesa*”, sugere outro. “*Batata frita*”, fala ainda outro empolgado. Eles divertem-se elencando a comida a minha frente e, a partir do que eles sugerem, vario minha interpretação, até que, satisfeito, termino a refeição.

A cena do hospital. *Miguel* adianta-se até a área das cenas, olha seu papel escrito “Hospital” e diz, “*Hospital? O que é que eu vou fazer? Meu Deus, o que é que eu vou fazer no hospital? Hospital, eu já estou num hospital! Já estou no hospital e tem mais hospital aqui*”, inconformado. Camila explica que ele não está no mesmo hospital, que está no hospital dentro do Vale das Glórias, completo dizendo que no Vale o hospital poderia ser como ele gostaria que fosse, ele ouve-nos e queda pensativo; então Camila propõe-se a interpretar o lugar destinado a ela enquanto ele pensa no que fará. Passam-se algumas encenações e a cena do hospital é executada. Diante de todos o participante deita-se sobre o banco, um paciente em uma maca, ele estica os braços perpendicularmente ao tronco e começa a dobrá-los, depois, volta a esticar o braço e a movê-los a partir dos ombros, por vez retraindo os braços sobre o tórax e depois esticando-os como quem faz muita força para deixá-los tesos; os movimentos são lentos, repetitivos e pesados e o rosto expressa um grande esforço. Ao fim, Camila pergunta como ele

sentiu-se, ao que ele responde, “*Eu me senti mal. Eu me senti mal por estar no hospital, por estar ali já me senti mal. Daí passei mal, fui para o hospital e fiquei ali.*”. “*E o que eram os movimentos com os braços que fazias?*”, questiono. “*Na cena? Na cena eu fazia assim para esticar os braços, para parar de doer o corpo. Uma dor que a pessoa sente de ficar parada. Para parar de doer o corpo espicha o braço, faz a ginástica, faz o movimento do corpo*”, ele explica. “*E teu corpo estava doendo ali?*”, pergunto. “*Ali não, mas era como se fosse*”, ele diz. “*E do que é essa dor? Por que doía?*”, indago. “*Porque passa mal e vai para o hospital, daí tem pessoa que fica assim. A pessoa que vai para o hospital tem que se ajudar para melhorar. Quanto mais a pessoas se ajudar melhor ela vai ficar, logo ela sai do hospital*”, ele responde.

6. No último movimento da oficina, Camila pergunta a cada um onde gostaria de morar no Vale das Glórias; alguns, que já haviam construído suas casas em encontros anteriores, apontam para elas, outros escolhem lugares para construir suas casas; Vinícius participante, que vejo pela primeira vez em uma oficina, sugere: “*Clube da amizade...*”. “*Você gostaria do Clube da amizade?*”, indaga Camila. “*Gostaria*”, ele responde. “*O que você faria no clube da amizade?*”, complementa ela. “*Amizade*”, replica ele com tom de obviedade e todos rimos. Camila retoma, “*E como seriam os amigos?*”. “*Todos gente boa*”, diz outro participante. Em seguida Pedro emerge de seu transe e comenta que já brigou com um outro interno, “*mas agora já estou perdoado*”, ele explica. “*E rola briga aqui dentro, então?*”, pergunto ao grupo. “*Rola. Inclusive eu já apanhei, levei um chute na boca*”, diz Vinícius e, apontando para Zacarias, que está ao lado, complementa, “*Esse aqui me pegou pelas costas e me jogou no chão...*”, fico surpreso. Zacarias fala, “*Nós já brigamos, ele e eu. Hoje a gente não tem nada...*”. “*Já brigamos não! Você que me puxou pelas costas*”, corrige Vinícius. “*É briga, né?*”, retruca Zacarias. “*Mas, por que a briga?*”, intervenho. “*Por nada...*”, responde Vinícius, “*Por pouca coisa*”, complementa. “*Pouca coisa? Eu nem vou falar do que tu me chamaste, cara*”, diz Zacarias levemente irritado. “*Mas quando temos inimizades a gente resolve de outras maneiras, não?*”, apazigua Camila. “*Claro, é sempre um esclarecimento, não é? Tudo pode ser... Tudo pode ser uma reformulação*”, responde Zacarias. Dirijo-me ao participante recém-chegado e pergunto se ele tem amigos dentro do HCTP. “*Amigos? Tenho, tenho. Poucos, mas tenho*”, aponta para Alberto e segue, “*Esse aqui é o maior amigo que eu tenho*”. Ao que Alberto fala, “*Eu sou homem de Deus e acho que Deus se apieda*

de vós, da situação aqui dele...”, a indicar Vinícius, “...e de nós todos”. Pergunto se Alberto é seu único amigo e Vinícius afirma que “*É só ele, a bem dizer. Não gosto de me envolver porque rola muito mentiroso, muita bandidagem. Evito envolver-me para não dar confusão*”. “*E evitas te envolveres com as pessoas?*”, questiono. “*Evito me envolver para não dar confusão, mas mesmo te afastando sempre rola aquele cara que esbarra no teu ombro...*”. A explicação dele é interrompida por Camila, a pedir que façamos silêncio para que possa gravar um vídeo.

7. O vídeo em questão grava duas músicas sertanejas cantadas por Miguel. “Bastou Apenas Um Olhar”, conhecida nas vozes Chico Rey e Paraná, e “Prisão de Papel”, interpretada por Teodoro e Sampaio, ganham vida na voz do participante, uma voz que não é a de um profissional, mas que é plena de força e vontade, ela sai em alto volume, sem se importar com desafino, e deixa em seu rosto um sorriso. Assim, que terminamos de gravar a cantoria é hora de irmos; encerramos a oficina, despedimo-nos e seguimos para fora do HCTP, outra vez.

16.6.16 – Uma oficina de desobjetos

Quinta, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: produção individual de diferentes *desobjetos* em uma folha de papel; produção individual de um mesmo *desobjeto*; produção coletiva de *desobjetos*; o jogo de cartas chamado “Nove”.

Neste dia estão presentes todos os trêsicineiros, Camila, Michele e eu. Já no refeitório, com as mesas e bancos organizados, estamos sentados, oficineiros e participantes, ao redor da mesa. Introduzo a proposta da oficina de hoje explicando que se trata de um jogo, um jogo de faz-de-conta; pergunto o que se faz em uma oficina e eles sugerem, essencialmente, que se cria coisas na oficina, concordo e peço que imaginem todos que estamos em uma oficina, todos ali vamos trabalhar nesta oficina. Trata-se de uma oficina que cria objetos, objetos sob encomenda, todavia os objetos a serem criados são algo inusitados, poéticos, enfim, são “desobjetos” – objetos que não tem funcionalidade real ou que não existem até então senão como ideias. Eles aceitam a ideia e entram no jogo; distribuo folhas a todos, disponho material para desenho e pintura e começamos a primeira rodada que consiste em cada um sortear um objeto – cujo nome está escrito em pedaços de papéis que eu preparei

previamente com desobjetos extraídos das poesias de Manoel de Barros¹⁰⁸ e outros criados por mim mesmo – e inventá-lo, materializando-o na folha de papel. Os nomes são sorteados e todos, inclusive Camila e Michele, começamos a dar vida àqueles desobjeto. Em velocidades distintas uns fazem apenas um desenho, outros criam dois, três e até quatro desses objetos, que somam quase vinte nomes diferentes: “Alicate cremoso”, “Aparador de verdade”, “Aspirador de sol”, “Corda de alegria”, “Escora de brilhantes”, “Etiquetador de vazio”, “Folha de assobiar”, “Furadeira de silêncio”, “Germinador de estrelas”, “Lápis de riscar rio”, “Máquina de limo”, “Martelo de vidro”, “Mastigador de amanhã”, “Pá de cavar nuvem”, “Parafuso de veludo”, “Sacador de canto de passarinho”, “Tramela de caramujo” e “Travador de amanhecer”.

Conforme os objetos são finalizados as imagens são compartilhadas, seguidas muitas das vezes da explicação de seu uso e funcionamento – “*Aperta esse botão*”, “*Puxa ali*”, “*Gira esse negócio aqui*”. Alguns finalizam o desenho e saem, outros sorteiam outro desobjeto a ser criado. Desde o início, pela natureza ‘surreal’ daquilo que se tem de criar, já há um clima descontraído na oficina, todavia, paulatinamente a oficina vai tornando-se mais e mais descontraída, os risos tornam-se mais frequentes e, entre a produção, histórias da vida fora do HCTP são contadas pelos participantes. Ainda que o fio condutor – a elaboração de desobjetos – se prolongue por toda a oficina, as derivas vão se tornando frequentes, ri-se uns dos outros, uns com os outros, fala-se de coisas muito além do tema dos desobjetos. [Talvez seja justamente a natureza inútil e surreal destes que potencialize essa derivas e devaneios em que se conectam coisas muito distintas, sinapses que levam a lugares outros que aqueles da oficina.] Além de cômicas, as histórias que os participantes contam trazem uma carga de ‘confiança’, falam de experiências com drogas, com furto e outras ilegalidades – também versam sobre coisas lícitas, mas ainda assim perigosas como amor e as transgressões que ele pode provocar – e essas experiências “delinquentes”, por mais que carregadas de humor, trazem consigo algo que não se pode dizer a qualquer um ou a qualquer hora, haja vista que na presença dos agentes de segurança ou de algum técnico, por exemplo, as narrativas se extinguem, silenciam-se, ou ao menos, deslizam para algo menos ilegal, mais seguro.

¹⁰⁸ BARROS, 2010

O caso do garfo de sopa. Esse movimento de produção, permeado de conversas e histórias de vida, se prolonga quase até o fim da oficina, quando se dá o segundo movimento em que proponho que todos desenhemos, cada qual a sua maneira, um mesmo objeto; o nome sorteado é “Garfo de sopa”. Tão logo sortei o nome, aqueles que ainda estão participando da oficina – pois a essa altura vários participantes já saíram do refeitório – passam a elaborar seus garfos de sopa. Os desenhos, como bem se podem imaginar, variam de um para outro e é fácil perceber como a imagem de um garfo de sopa é diferente para cada um: (1) ao lado do prato de sopa – como me informa seu autor –, flutua um garfo, traçado em linhas pretas, com quatro longos dentes que se prolongam do cabo como um feixe que se abre; (2) uma espécie de colher cuja extremidade não se fecha numa elipse como um colher comum, mas exhibe pequenos dentes arredondados; (3) linhas quase abstratas que parecem compor o que suponho ser um prato com sopa, um garfo com cinco dentes e uma faca; (4) um garfo cujos dentes estão deformados de modo a largarem-se em determinada parte – cada um dos três dentes com um ‘achatamento’ em um ponto distinto; (5) meu sóbrio aparato, uma colher cuja extremidade é vazada de forma a desenharem-se três pequenos dentes; (6) e por fim, flutuando sobre um prato de sopa vermelho-vivo, um garfo traçado com linhas amarelas carregadas de tinta e nas laterais do cabo duas asas roxas. Assim, são completados os desenhos, um a um, apresentados ao fim aos demais participantes; divertimo-nos em pensar cada um daqueles garfos sendo usados para comer uma sopa; e é esse clima de alegria (?) que permeia a produção. [Quando proponho esse segundo movimento estou à espreita de algo: competição. Uma vez que proponho a oficina como uma espécie de jogo e há a produção como um desafio imagino que a competição entre eles possa aparecer, em especial nessa rodada onde todos tem de produzir algo a partir do mesmo disparador (o garfo de sopa) e uma competição em relação ao melhor desobjeto parece-me plausível; mas não a vejo, a competição não está lá, há elogios, mas nada que eu reconheça como um espírito competitivo; há antes ajuda, sugestões e, mais que tudo, *diversão* – tudo parece-me permeado de um gozo da brincadeira, de um riso de quem se deleita sem querer ofender ou reduzir a produção do outro, antes, a graça é sempre mais quanto mais coletiva.]

O caso dos desenhos em lápis preto. O conjunto de obras de um dos participantes chama-me muito a atenção; primeiramente pelo fato de os desenhos serem todos feitos apenas com lápis-de-cor preto. Enquanto

os demais participantes deleitavam-se com as variedades de cores e por vezes esperavam vários minutos para quem o lápis da cor adequada estivesse disponível para a elaboração de seu desenho, aquele participante parecia mais que satisfeito em traçar, silencioso, na folha apenas com um lápis, o lápis preto. Em seguida, o que me desperta a curiosidade é uma personagem solitária que aparece em dois dos quatro desenhos deste paciente; apesar de solicitar que sejam desenhados os *desobjetos*, há aí um humano, ele mesmo, segundo me informa *Frederico*, o autor; solitário na folha junto do objeto – em um, junto à “folha de assobiar”, em outro, junto ao “sacador de canto de passarinho”. Em um dos desenhos (folha de assobiar) o solitário está em pé e ereto próximo a uma árvore, onde vai “*descansar depois do almoço*”, diz-me *Frederico*, os olhos parecem cerrados, ou quase, como que relaxados, mas algo na face do personagem e em sua postura retraída, taciturna e concentrada me remetem a uma solidão. Pergunto: “*Ele vai sempre sozinho a este lugar ou às vezes está acompanhado, de um amigo, por exemplo?*”. “*É, às vezes... Às vezes tem alguém com ele*”, responde-me *Frederico* com certa displicência, a pergunta não parece afetá-lo de fato. Insisto...

Ainda, em seus desenhos, algo interessante se passa, mais especificamente naquele cujo nome do objeto a ser desenhado é “sacador de canto de passarinho”. Quando da elaboração do nome imaginei algo como um saca-rolhas de gorjeio, um aparato que extraísse o trino dos pássaros silentes, contudo, para minha surpresa, a folha guarda uma pessoa, aquele solitário, agora de olhos bem abertos, de frente para uma parede cujos limites são onde ela se liga a outra parede e ao teto, lá em cima, no canto – uma mirada *contre-plongée*. “*O que é esse desenho?*”, pergunto. “*É um canto de passarinho, um sacador de canto de passarinho*”, responde e complementa, “*O passarinho fica ali, no canto*”. Mutismo é o efeito daquela explicação. O desenho é bem outra coisa do que eu imaginaria e é essa *outra coisa* que me afeta. [Ele lê o que eu, que juntei aquelas palavras e as escrevi em um papel, não li, não leio, aquilo que só posso ler depois que ele explica, então o óbvio fica claro e (um)a potência daquelas palavras desvela-se – e eu só posso rir diante desse desvio que o participantes produz, ou melhor, só posso rir e derivar, pois o desvio me faz querer olhar para aquela imagem e viajar com ela para aquele “canto de passarinho”, onde as linhas convergem, onde não há passarinho...]

No desenho do “Etiquetador de vazio”, aquilo que *Frederico* me diz ser o “vazio” é uma sala vazia, cuja totalidade é vetada ao observador,

seu interior só é visível através de uma porta que deixa apenas *entrever* o interior da sala – que contém o “vazio”. Além disto, dentro da sala, que segundo o autor do desenho está vazia, há uma mesa e uma cadeira, acho isto curioso e indago-o sobre o vazio, no que ele me explica: “*Ela* (a sala) *está vazia, não há ninguém nela*”. [O vazio aqui é de pessoas, não de objetos, é o vazio de gente que lhe importa. É isso que há que ser etiquetado? Os objetos parecem fazer parte do vazio.]

O caso dos que fazem outra coisa. Ao fim da oficina já não somos mais tantos quantos éramos quando a oficina começou. Alguns permanecem do começo ao fim, todavia, dois participantes entre os que permanecem ficam quase sem desenhar, fazem um desenho aqui, conta várias histórias, outro desenho ali, fazem os outros rirem, mais um desenho acolá e novas narrativas (causos da vida fora desta terra de clausura) são compartilhadas. Um destes dois, *Ricardo*, nem sequer traça desenhos a partir do nome proposto, “máquina de limo”, ele desenha outra coisa, desenha o pássaro que dá nome a seu apelido; o outro, *Zacarias*, faz um desenho, apenas um, quase não conta histórias, comenta algumas, ri muito e segue até o fim da oficina – ambos presentes ao longo de toda a oficina com seu fazer-outra-coisa. Ainda que desenhem no papel, que tracem desobjetos, o que marca sua presença ali é justamente essa “outra coisa” que se acopla ao fazer deles, que faz alargar os contornos da oficina. [Por que desenhavam aquilo que desenhavam? Por que ficam ali mesmo sem desenhar?]

O caso do expressionista. Um dos participantes, *Vicente*, engaja-se na elaboração de desobjetos com afinco, atenta-se para as ‘encomendas’ que os outros recebem, comenta-as, anima-se com cada nome que é sorteado, elabora suas obras com cuidado, pensa-as, seleciona as cores com precisão; um dos desenhos é delineado com traços a lápis muito sutis, delicados e pintando com cores leves; há, nos outros, um estilo, arrisco dizer, *expressionista*: traçados carregados de tinta a formar texturas, que os olhos podem tatear sobre o papel, que compõe figuras que saltam por sua espessura, pelo contraste das cores (fortes). Entre a elaboração de seus desobjetos ele ainda interage com as histórias contadas, conta suas histórias, ri e faz rir. Ao fim da oficina ele agradece pela oficina, diz que aquele momento, aquele encontro faz-lhe muito bem. [Estar ali também me faz bem, ainda mais quando coroadado com palavras como estas de *Vicente*.] Vamo-nos, os oficineiros, dali, com sorriso nos rostos, cheios de energia e plenos – como quase sempre.

23.6.16 – Uma desistência

Quinta, oficina proposta por Michele, das 9h às 11h.

Entramos, Michele e eu, no HCTP para uma oficina de lambe; como alguns deles têm dificuldades e certo receio de desenhar, Michele propõe que a façamos colagens com revistas, jornais e outros materiais gráficos. Devido à pouca quantidade de agentes no dia, enquanto um deles vai abrir as portas-portões-grades para nós, começo a chamar os nomes na lista, os pacientes-internos chamados vão indo em direção ao refeitório, ao fim da chamada vários pacientes-internos (não listados) vêm até próximo da grade do pátio (interno) onde estão e perguntam-nos se podem participar também da oficina, Michele e eu assentimos e eles seguem para o refeitório, o grande número de interessados empolga-nos, seguimos atrás do último participante em direção ao refeitório.

O caso da desistência. Ando no corredor que leva ao refeitório, pela porta é possível entrever o refeitório repleto de corpos uniformizados esperando pela oficina começar; movem-se de um lado para o outro, sentam-se nos bancos ou apenas param em pé. Um corpo destoa, em sentido contrário ao meu caminhar, *Zacarias* – participante assíduo de nossas oficinas – anda a passos rápidos para fora do refeitório, carrega um semblante sisudo e não para quando lhe pergunto: “*O que houve, cara? Aonde vais?*”. “*Ah, Joshua está aí. Vocês chamaram-no para a oficina. Eu não vou ficar*”, fala irritado e segue sem que eu possa continuar a conversa. [Empolgados com a quantidade de pacientes-internos interessados em participar da oficina, nem pensamos que a presença de um poderia implicar na desistência de outro. A inimizade entre eles é tamanha que, mesmo para *Zacarias* que tem apreço em participar das oficinas e que demonstra estima por nós, a presença do outro torna-se insuportável; ele prefere não participar da oficina a ter que coabitar com a pessoa indesejada]. Ele vai-se, eu vou-me, tenho de ajudar Michele a organizar as coisas.

O caso da foto. Michele começa a introduzir o tema do lambe aos novos participantes, fala da arte de rua, mostra imagens de grafites, lambes e outras intervenções urbanas. A primeira foto é de um grafite mexicano, chamado “Apoio mútuo” – como nos diz a oficineira –, em que várias mãos, mãos diversas umas das outras, se sobrepõe, uma segurando o antebraço da outra, formando uma corrente de vários povos/nacionalidades. O grafite está pintado em um muro branco no

fundo da foto, mais a frente uma calçada e uma rua, na borda da calçada, quase no centro da foto, uma árvore. “*O que vocês veem na foto?*”, indaga Michele. “*Eu vejo um galho, parecido com o meu*”, diz Joshua (exatamente aquele que motivou a desistência de Zacarias), referindo-se à árvore na foto. “*Não começa, cara. Não começa*”, diz Ricardo rindo. Os palpites continuam, “*Elas (as mãos) estão se ajudando*”; “*Pensei que fosse um cabo de guerra*”; “*Pode ser uma mão dando força para a outra*”. De repente Ricardo dispara: “*Michele, presta a atenção bem nessa foto. Se prestares a atenção nessa foto, vais saber o que está de errado nela*”. “*De errado?*”, indaga-se outro participante. “*O que tem de errado aqui?*”, pergunta Michele. “*Tem uma coisa de errado nessa foto aí*”, Ricardo insiste. Contudo, ninguém parece fazer ideia do que “está errado”. Ele, então, explica: “*Tem pouca folha, tem bastante mato, bastante árvore e pouco galho. Olha lá. Resultado? Um galho seco, outro galho florido*”. Surpreende-me, o que ele nota não é aquilo que nos parece óbvio, não é aquilo que Michele nos quer fazer ver, ou sobre o que ela quer falar – a mensagem do grafite. Ele chama a atenção para a árvore seca quase no meio da foto; o “erro”, como ele chama, é a falta de folhas na árvore; mais do que a ajuda mútua, os galhos secos é o que o afeta na imagem, ou aquilo que a imagem faz disparar em seu pensamento. [Terá sido justamente aquela primeira fala do outro participante sobre a árvore, “...*vejo um galho, parecido com o meu*”, que o fez notar aquela árvore de galhos secos ali?]

O caso do manifesto. Michele segue com sua oficina, vai apresentando imagens quando Eduardo, que vejo pela primeira vez nas oficinas, levanta-se e começa a falar: “*As pessoas estão aqui e não estão doentes. Eles botam as pessoas aqui sem o direito de trabalhar. As pessoas não têm o direito de adquirir sua casa, porque o médico quer vender remédio e deixa um, dois, três ou cinco, seis, sete anos as pessoas aqui...*”. Outro participante tenta dissuadi-lo a parar, mas ele segue seu manifesto: “*Quando saem a juventude das pessoas acabou, a força delas trabalharem acabou-se*”. Joshua ri e Eduardo retruca, “*É verdade, cara*”. Eles começam a discutir e Joshua, então, de modo ríspido diz: “*Tu és doente mesmo, cara. Nunca vais sair daqui de dentro*”. Os ânimos exaltam-se, Michele interrompe a discussão e tenta retomar o tema das intervenções urbanas, todavia Ricardo diz, “*Michele, sabia que se não fosse por nós esses caras que estão trabalhando aí, os agentes, as psicólogas e essas pessoas não teriam trabalho?*”, volta-se para Eduardo e continua, “*É ou não é, Eduardo? Porque senão eles não teriam o que*

comer na mesa... Se não fosse por nós. Eles têm que nos respeitar”. Joshua afirma em seguida, *“Por isso que eles não explodem isso aqui. Tem que explodir isso aqui, é muito antigo, cara. Eles deveriam fazer um hospital de dois andares... Como mudar isso aqui? Só explodindo mesmo”.* Tão subitamente como começa, o manifesto parece terminar, uma imagem na mesa desvia o rumo da conversa para o primeiro lambe-lambe produzido por Michele, um ‘morador de rua’ em tamanho real, deitado, colado em vários pontos da cidade de Florianópolis. Porém, o assunto ressurgiu volta e Eduardo diz: *“É um lance que é uma tristeza... Tu não achas que é uma tristeza um médico querer mentir que as pessoas estão doentes para vender remédio? Aí ele não liberta as pessoas, ele deixa as pessoas trancadas nesse mundinho aqui...”*, agora todos o ouvem e ele segue, *“As pessoas perdem o tempo de trabalhar, as pessoas perdem o tempo de produzir e perdem a força, porque elas saem muito velhas daqui... Perdem os direitos trabalhistas. O direito que se tem de aposentadoria, ele se perde aqui dentro”.* Alguns parecem incomodados, talvez porque já ouviram-no falar disso antes, eu apenas observo, tentando apreender o máximo daquelas palavras, que seguem: *“Aí ele acha que com um prato de arroz que ele dá aqui... Ele consegue comprar quase tudo com a corrupção dele. Eles não visam mais o ser humano, eles não defendem a liberdade, eles não a defendem. Ela mostrou a pessoa dormindo na rua...”*, fala apontando para Michele, *“...imagina, cinquenta pessoas quando saírem. Quando o banco descobrir que essas pessoas não são doentes...”*, a fala segue e sua voz carrega de indignação aquelas palavras, *“...e todo mundo aqui sair com uma mão na frente e a outra atrás, o banco não vai querer aposentar ninguém, o banco não vai querer dar o tempo que nós passamos aqui, perdido. Está afundado o país cada dia que passa”.* [A despeito das rixas que parecem haver entre os participantes, há uma insatisfação e uma angústia em comum em relação a esses lugares. Há na fala de Eduardo uma preocupação com a utilidade de quem está ali, o trabalho é um tema forte, mas também a questão da energia de vida, da juventude que esse esvai dentro daquelas grades, paredes e muros, que escorre com a rotina, com os medicamentos e com o tempo].

O caso do segredo. Também quero fazer minha colagem, mas devido ao número de participantes sento-me em outra mesa em busca de espaço. Dois participantes se aproximam para conversar comigo, Joshua e Ricardo. Vou recortando, pensando, colando, compondo e conversando. Conversamos sobre várias coisas: gosto musical, religião, o que os levou

ao HCTP e a vida fora dali. Eles demonstram bastante intimidade entre si e se dizem “*amigos*”; contam-me que moravam na mesma cidade, mas que não eram amigos lá fora, “*a gente nem se conhecia. Até devo tê-lo visto, mas nem falava com ele*”, diz um. “*É, até lembro dele de vista, mas a gente não era amigo*”, complementa o outro. Em dado momento *Joshua* solta a seguinte frase: “*A gente comeu o mesmo bicha lá fora*”. Ambos riem, todavia ficam um pouco desconfortáveis quando pergunto: “*Como assim ‘comeram o mesmo bicha’?*”. Explicam-me, então, que fizeram sexo com o mesmo homem e troçam dele por sua homossexualidade, porém não fazem menção a si como homossexuais. Aproveito o ensejo e pergunto como são as relações sexuais ali dentro e eles explicam-me que não recebem visita íntima e que “*O que rola é que tem uns ‘viadinhos’*”. “*Mas quando? Onde?*”, pergunto. “*Ah, no quarto, à noite*”, responde-me um deles. Os dois dão uma olhada geral, o outro diz que “*Não tem nenhum...*”, flexiona a mão para baixo, “*...aqui*”, e ri. O outro corrige apontando um deles e dizendo, “*Aquele ali, ó. Ele é*”. Tudo se passa de modo discreto, como se se tratasse de um segredo, inclusive quando um deles fala em um tom um pouco mais alto o outro o repreende.

O caso do solitário. Entre colagens e conversas, vago pelo espaço da oficina olhando as produções, algumas montagens são simples, com poucos elementos, outras são carregadas de imagens. Em um dos cantos da mesa principal queda, silencioso, um dos participantes: *Frederico*. Aproximo dele e pergunto do que se trata sua colagem (uma folha branca com o recorte de uma foto em que figura uma árvore e um homem em pé próximo a ela). Ele aponta o homem e diz, “*O trabalhador e aqui...*”. Interrompo-o a perguntar, “*És tu trabalhador ou...?*”. “*Eu sou, eu sou.*”, apressa-se a responder e, apontando a árvore, segue, “*Aqui... Depois do almoço, descansando, domingo*”. [A algo se repete, um tema que retorna: a árvore, o solitário, o repouso – e ele, ele como presente na obra, ali solitário, sob a árvore, a descansar. Ele, ali, calado, só, compondo sua obra.]

Às pressas, despedimo-nos dos vários participantes que ainda estão ali e que nos ajudam a recolher as colagens e os materiais que quedam sobre as mesas; precisamos limpar para o almoço. Tudo guardado em nossas mochilas e maletas, partimos.

30.6.16 – *Happening*

Quinta, oficina (?), das 9h às 11h.

Hoje estamos os três oficinairos juntos para esta oficina. Uma vez que para nossas pesquisas é necessário manter em sigilo os nomes dos participantes, a ideia é usarmos da construção do Vale das Glórias para lá eles escolherem um novo nome para si e então usarmos esses nomes criados por eles mesmo quando precisarmos a eles fazer menção em nossos trabalhos. Além disto, como possivelmente tal oficina não durará todo o tempo de que dispomos, temos conosco um violão, um bongô e um par de autofalantes para colocarmos músicas de nossos celulares e *tablets*. Há muito que eles pedem por música – seja através de instrumentos (que alguns querem tocar), seja através de música mecânica. Estas são nossas estratégias de hoje.

Assim que chegamos, somos informados de que haverá uma atividade de leitura com alguns pacientes-internos do HCTP paralelamente a nossa oficina. Nossa estratégia então é manter nossa atividade até o horário da leitura e, na sequência, com autorização da assistente social que promove a leitura, acompanharmos a leitura – o que imaginamos será interessante para as pesquisas.

No refeitório estão presentes nem meia dúzia de participantes, nós três entreolhamo-nos e os olhares perguntam-se: o que fazer? Posicionamos quatro bancos formando um quadrado, enquanto aguardamos a possível chegada de mais alguns participantes, porém, é em vão. Então, dada pouca relevância que teria a produção de nomes hoje, sugiro que a abandonemos e partamos diretamente para a *jam* musical. Passo o violão para *Zacarias*, que sabe tocar o instrumento, os outros sentam-se ao redor e começamos a escutar as músicas. O violão vai passando pelas mãos de quem está ali e eu também arrisco algumas notas; o bongô também circula e vai-se fazendo com ele a percussão que acompanha o violão; também as vozes que cantam as músicas vão variando, ora é um, ora é outro, ora são dois, ora temos quase um coro (daqueles que cantam mesmo sem saber cantar, *amadores*). A alegria e a comoção são visíveis, é geral, quem não toca canta, quem não canta bate palmas ou apenas balança com a música – é admirável a força daquele momento.

Entrementes, algo acontece à parte. Tão logo começamos com a música, um paciente-interno recém-chegado, participando pela primeira vez nas oficinas senta-se perto de Camila e com ela começa a conversar. A conversa é longa, eles falam-se por pelo menos uma hora – a conversa parece séria.

Ao fim, da conversa entre Camila e o Estranho-no-ninho, eles

juntam-se a nós. Alguém diz, apontado para o novo participante, “*Ele sabe tocar ponto de capoeira*”, e logo o bongô está em suas mãos. Ele põe-se a tocar um, dois, três, vários pontos de capoeira. Em cada um, ele firma o bongô entre as pernas, abaixa a cabeça, percute o instrumento com as mãos com uma precisão de ritmo admirável e com um vigor – visível na palma de suas mãos avermelhadas ao fim – superado apenas pela intensidade da voz com que ele canta belissimamente as músicas. A energia é tamanha que, em um primeiro momento, o silêncio das caras boquiabertas se instaura, nenhum de nós, oficinairos, consegue acreditar no que acontece. [Ante à potência daquela voz, pasmo; algo em mim receia pela chegada de alguma autoridade a coibi-lo pelo distúrbio que poderia a cantoria do participante causar, mas não, nenhuma interferência, apenas olhares curiosos – de agentes e pacientes-internos.] Pela primeira vez em uma oficina em que estou presente, o número de participantes do fim é maior que do começo. Após o primeiro momento de estupefação, começamos a cantar juntos a música, acompanhamos com palmas – mesmo que algumas fora do ritmo, mesmo quem não consegue acompanhar é movido pela música –; sinto meu corpo vibrar como se estivesse em uma roda de capoeira; aquilo comove visivelmente os demais; ousaria dizer que é o clímax do encontro [um acontecimento!].

Com braços cansados, mãos avermelhadas e sorriso no rosto, o mais novo participante passa o bongô; a música não para, novos participantes tomam o violão e seguem com a... Oficina(?)

A esta altura, a psicóloga já está à porta do refeitório indicando que é chegada a hora de encerrarmos, todavia, o violão não para, os participantes pedem para tocar mais uma e essa mais ‘uma’ não termina, eles emendam um-duas-três músicas até que começa a movimentação de sempre para o preparo do refeitório para o almoço. Creio que é a primeira vez que estendemos nossas atividades por tanto tempo. Recolhemos nossas coisas, ajeitamos os bancos, despedimo-nos e deixamos o refeitório – sem que aquela oficina tenha deixado meu corpo. [O que se passa? Há um acontecimento? O acontecimento aqui é a oficina que “não aconteceu”; é a inviabilidade de realizar o que havíamos planejado, somado à disposição dos participantes e a nossa (à proposta e ao desvio), mais a potência da oficina de dissolver-se, enfim, são elementos que permitem esse acontecimento, esse *happening*].

Antes de deixarmos o prédio Michele quer tirar fotografias de dentro das enfermarias, quer capturar as colagens (proibidas) que os pacientes-internos fazem nas paredes. Enquanto Michele, acompanhada

de Camila, tira fotos, pergunto à psicóloga por *Miguel*, sem lembrar seu nome, que parou de frequentar as oficinas, tento descrever-lho, mas sem sucesso, então desisto. Ali, onde estou, no corredor, vão passando pacientes-internos para o refeitório, é hora do almoço – eis que *Miguel* aparece (!), cumprimenta-me e começamos a conversar. Pergunto por que ele não aparece mais às oficinas, ao que ele me fala que começou a trabalhar na rouparia e que está lá nos horários em que acontecem as oficinas, não podendo mais participar. [Curioso, ele que tanto gostava de participar delas, deixou as oficinas para trabalhar na rouparia.] Pergunto porque ele está trabalhando na rouparia e ele diz: “*É que lá a gente não fica ali, no pátio, com aquelas pessoas. Na rouparia é todo dia, daí a gente fica mais sozinho, não fica ali. Faz bem para mim, sabe? Ajuda*”. Assinto com a cabeça e digo que o compreendo, ele despede-se e vai para o almoço. [Por mais que a oficina lhe seja benquista, ela dura não mais que uma hora e meia (ou duas), e acontece uma vez por semana, enquanto o trabalho na rouparia ocupa-o mais tempo (mais horas e mais dias por semana). Nessa economia do bem-estar, ele prefere a rouparia à oficina. Imagino, então, quão bem lhe faz a rouparia, ou quão mal lhe causa estar naquele espaço de convívio-confinamento do pátio, com os demais pacientes-internos.] Logo Michele e Camila voltam das fotos e partimos, ainda entorpecido pelo *happening* de hoje.

Após sairmos do complexo penitenciário, Camila conta-nos a história que ouvira do recém-chegado: ele estava em uma penitenciária e, contou ele, por não suportar mais as condições terríveis do lugar – higiene, superlotação, desassistência etc. – ele simulou um ataque de insanidade, uma crise de loucura com o objetivo de ser levado a outro lugar; o lugar ao qual ele é levado: Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Ali (aqui), ele diz estar passando as piores semanas de sua vida – nas palavras de Camila: “*Ele é o Estanho-no-ninho!*”. Agora, ele intenta provar-se são para que possa apenas cumprir sua pena (em uma penitenciária), pois, além de achar o Hospital de Custódia um lugar pior do que aquele em que estava – seja pelo tratamento aos internos, seja pela convivência diária com certos graus de insanidade –, a perspectiva de ficar confinado ali mais tempo do que no presídio é-lhe assustadora (No presídio ele deverá ficar no máximo o tempo da pena estipulada pelo juiz e ali, como inimputável, ele depende de vários elementos para estar livre da medida de segurança, que manteria naquele lugar).

6.7.16 – Cartas a amigos I

Quarta, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Chego ao HCTP, pouco antes das 9h, aguardo Michele que, junto com um amigo, fará uma oficina de grafite. Logo que chego à portão-grade da entrada do Hospital, o chefe da segurança a abre, digo que sou do grupo que faz oficinas, ele assente com a cabeça e complementa: “*Sim, eu sei*”. Sento para aguardar Michele e uma enfermeira pede ajuda para lidar com uma pessoa (que já está em uma das salas de atendimento quando chego), o agente que me recebeu vai até a sala e cordialmente conduz um jovem à saída. O jovem se vai, o agente fica e, ao passar por mim, indago se aquele é um paciente-interno que acaba de ser liberado, o agente explica-me que se trata, em verdade, de um *ex-paciente-interno* que veio à instituição buscar ajuda, ele não dá detalhes sobre que tipo de ajuda ele busca, porém explica-me que o jovem é usuário de *crack*, “*O crack é fogo. Está destruindo com os jovens. Tem até um filho de um ex-agente nosso que se perdeu no crack. Eu tenho um sobrinho. Hoje uma família que não tenha problemas com essa droga tem que levantar as mãos para o céu!*”. Ele senta-se, continuo aguardando e logo Michele chega com uma notícia ‘ruim’: devido ao clima úmido a oficina de grafite é inviável. O que fazemos agora? Como estou portando em minha mochila materiais para realizar uma oficina de elaboração de cartas, proponho realizar tal oficina, ainda que esta seja preciso improvisar um pouco. [Aliás, há sempre um elemento de improviso nas oficinas, enquanto oficinheiro há sempre que se lidar com o imprevisto e estar aberto ao inesperado.]

Já instalados no refeitório, proponho aos participantes da oficina um jogo que consiste em, primeiro, imaginar um lugar em que se deseja estar, fora do HCTP, depois, pensar em um amigo, real ou imaginário, de dentro ou de fora do Hospital, todavia que não pode estar neste lugar imaginado, e, por fim, escrever, a partir do local eleito, uma carta para tal amigo. Distribuo folhas, eles pensam e começam a escrever.

A vontade de escrever. Um dos participantes dirige-se até Michele para pedir ajuda – ele tem dificuldades com a escrita e lhe é difícil articular as palavras, por conta dos medicamentos e da ausência de dentes, contudo ele quer escrever [Há aí uma vontade de escrever, de falar e de que aquelas palavras se materializem no papel?] Ele passa a oficina inteira ditando um texto de uma página, que Michele vai pacientemente escrevendo. A carta mistura elementos de vivências dele e elementos imaginários; o lugar escolhido não está nos mapas, ele vai inventado e

descrevendo a paisagem: “Faz uma noite de sol...”. “Uma noite de sol?”, pergunta Michele. “Não é para imaginar um lugar?”, ele retruca. Michele ri e responde, “É”. “Então...”, e ele volta a ditar, “Faz uma noite de sol, falava comigo mesmo sentado numa pedra de pau. É a noite onde os passarinhos pastam e as vacas pulavam de galho em galho...”. Algumas pausas para pensar e respirar, as frases saem fragmentadas, mas ele vai compondo o cenário, “E os passarinhos pastavam e os elefantes passavam por uma casa onde tinha um banheiro... Pulou para dentro, onde tirou a roupa, pendurou-a no cabide, correu para o banheiro... Correu para a cama”. A carta segue, a história dá seus saltos; ele viaja, dorme em um posto de gasolina, encontra um diamante, pega carona em um caminhão, chega em casa, encontra sua mãe – que fica feliz ao vê-lo – e, ao fim, sem endereçar a ninguém, ele assina com suas próprias mãos o texto.

Os usos do papel. Eu os acompanho, vou de um a outro, observando a escrita, conversando com eles, tirando dúvidas e ouvindo o que pretendem escrever. São vários os usos do papel, o modo de interagir com ele.

1. Um deles, *Jorge*, que tem dificuldades em saber o que escrever, pede que eu escreva para ele; pergunto, então, que lugar ele escolheu e por que. “*Brasília*”, ele responde, e conta-me que já morou lá um tempo e gostaria de voltar. Vou fazendo perguntas e vamos compondo sua carta, na qual conta a um amigo que habita a mesma enfermaria que ele, que voltou a Brasília, que ali já morou e trabalhou, que conhecia algumas pessoas por ali e inclusive ali morava um grande amor do passado. Ainda descreve em sua casa que pretende ficar um tempo ainda morando e trabalhando na cidade e a termina com as seguintes palavras: “*Assim como tenho amigos aí, tenho amigos aqui, são amigos porque gostam de mim*”. Assina a carta e dá seu trabalho por encerrado.

2. Outro começa a escrever a carta, cansa-se e decide desenhar, notas musicais, um carro, alguns traços ‘abstratos’ e, quando pergunto por que não escreve, ele diz ter preguiça e preferir desenhar a escrever. Ao fim dos desenhos, ele assina na parte inferior da página e põe-se a vagar pela sala na companhia de seu rádio portátil – que, aliás, é companheiro de muitos aqui nesta terra de clausura.

3. *Alberto* usa o papel para escrever a um amigo do lado de fora do HCTP, pedindo que o visite na instituição, pois diz ter sido vítima de um complô para que fosse internado ali como “*doente mental*”. *Alberto* pedenos, inclusive, que entreguemos a carta ao destinatário, dando-nos

informações para encontrarmos-lo. Entretanto, informamos que para que a carta seja enviada ela precisa passar pelas mãos das autoridades responsáveis do HCTP, o que torna *Alberto* descrente de que a carta será liberada: “*Ah, então essa carta não sai daqui. Eles não vão deixar*”. Ainda assim, ele termina o texto com sua assinatura e com o pedido de auxílio “*Mayday*”.

4. Há ainda *Joshua*, que usa a folha para escrever uma carta à mãe, informando que está tudo bem e que logo estará junto dela – fora dali –; ou para anotar um trecho da bíblia (Eclesiastes 11:10); ou mesmo escrever um desejo de viagem, de ir a um lugar fora do Hospital, um lugar que ouviu falar. Ainda que eu peça que eles se imaginem no lugar, *Joshua* escreve como se lá não estivesse e como se falasse de um futuro.

5. Um deles pergunta-me se pode escrever uma carta a Michele, respondo que a ideia é escrever a carta a um amigo e que se ele a considera uma amiga não há problema algum. Na carta ele está dentro do HCTP, mas ele fala de um lugar onde eles se encontrarão: “o paraíso”. Lá poderão desfrutar “das coisas boas” e “comer do fruto da árvore da vida”. Ele termina a carta com um “até lá”, sem assiná-la.

O cuidado da escrita. Um participante, demora-se na escrita; para, pensa e com uma caligrafia invejável escreve:

Meu caro amigo, como estás?

Bom, espero que estejas bem, porque aqui está tudo muito bem.

Lembra quando te convidei para vir conosco passar o final de semana na Ilha do Mel? Não sabes o que estás perdendo, pois, a ilha está hiperlinda no cenário que demonstra a chegada do natal, são diversas luzes e enfeites alegrando a todos. Cara, tinhas que ter vindo. Isso que nem citei ainda os fogos de artifício que estão sendo preparados para a virada do ano, acho que vai ser o máximo o *réveillon* aqui.

Estou com um pessoal muito legal aqui, mas sinto tua falta, camarada de tantas noitadas e várias festas. Mas tudo bem, eu te entendo, não é sempre que estamos bem para podermos realizar algumas vontades, sei que enfrentaste algumas situações durante esse ano e ainda não estavas bem psicologicamente quando te convidei para vir, mas quero que saibas que és um grande amigo e que

estou lhe escrevendo esta carta, para que saibas que estou torcendo para que dê tudo certo contigo e, quem sabe, no próximo ano, vais fazer tudo o que desejares.

Fica com Deus, estou torcendo por ti, mandarei notícias e fotos, qualquer novidade, me escreva. Vou finalizando por aqui desejando Tudo de Bom, Feliz Natal e um próspero Ano Novo.

E assina seu nome no fim.

As confissões da quadra. Noto que vários daqueles que costumam participar das oficinas não estão presentes hoje, enquanto perambulo entre os pacientes que escrevem as cartas percebo o que pode ser a resposta. Na quadra, logo ao lado do refeitório vejo que foram instaladas duas cestas de basquete e, apesar de o dia estar parcialmente nublado, a ausência de chuva é convidativa ao desporto. Lá ‘fora’ o professor de Educação Física está com alguns daqueles que costumam participar da oficina. Eles aparentam bem empolgados com jogo e concentrados nas explicações do professor, que além de jogar, parece dar instruções e/ou ensinar regras do esporte. [Por que não trabalhar esse tipo de jogo? Um jogo como basquete parece-me um ótimo lugar para buscar indícios da amizade. Talvez valha a pena pensar em uma oficina de basquete ou algum esporte.]

Todos vão terminando suas cartas, recolho-as, bem como o material de trabalho; Michele e eu despedimo-nos deles e vamos embora conversando sobre aquelas cartas, sobre essa oficina.

7.7.16 – Cartas a amigos II

Quinta, oficina proposta por Camila, das 9h às 11h.

Hoje, algo de semelhante à oficina anterior, é proposto, a saber, a escrita de uma carta a um amigo, entretantes, há elementos distintivos na proposta do dia. Primeiramente, a carta, ora, deve ser escrita a partir de um lugar do Vale das Glórias, à escolha do participante, ele deve *habitar* um lugar no mapa estendido sobre a mesa do refeitório e dali escrever sua missiva; em segundo lugar, o participante deve descrever a paisagem, contar ao destinatário – um amigo que não habita o Vale – como é este lugar em que se encontra; por fim, eles devem assinar a carta com um pseudônimo.

Vamos à escrita e hoje sou eu quem acompanha o participante com dificuldades de escrita, que na oficina anterior foi auxiliado por Michele,

em sua composição da carta. Ele vai até o mapa do Vale das Glórias e escolhe locais, aponta-os, eu vou explicando o que são e, a pedido do participante, listo-os junto a algumas observações que ele faz: aponta o “Restaurante Bom Gosto” e diz, “*Não há estrada até o restaurante, não há entrada para o restaurante*”; aponta o “HOP – Hospital Onorário (sic) Público” e indica ali seu “*porto seguro*”; aponta uma casa em uma área do mapa onde concentram-se as residências e indica que é ali onde ele mora; vai ao “Rio dos Prazeres” e de lá segue com o dedo à “Casa de Informação Turística”; depois aponta para a frase na borda do mapa, “Deus está vivo, glória, amém”, volta ao Hospital e dá por encerrado sua viagem pelo Vale.

Voltamos à mesa de trabalho onde ele começa a ditar-me sua carta. Ali, começa a narrar sua ida ao restaurante “Bom Gosto” (a narrativa possui um tom digno de Buñuel): “*Eu*”, ele dita, “*andando de carro, cheguei num restaurante na beira da estrada onde jantei. Entrei no restaurante de novo, onde tinha um elefante, que entrou dentro da casa onde passarinhos pastavam, onde sentei na pedra de pau olhando para os pássaros.*” Ele assina o trecho como Pablo Luiz Gonzaga, eis sua pseudônimo.

Antes que eu possa perguntar-lhe se algo motiva a escolha, ele pede-me que continue a escrever o que ele dita. Segue-se então a narrativa de seu encontro com um “*Velho*” quando *Pablo* fugia da polícia no meio da mata. O encontro com o velho mostra-se um tanto quanto hostil no começo, *Pablo* recusa compartilhar comida com o estranho, porém, depois de um pouco mais de conversa, o fugitivo decide compartilhar o palmito que tem consigo. O velho revela conhecer o pai de *Pablo* e saber do paradeiro daquele. Desconfiado, o velho diz que precisa ir – pois no fundo suspeita que *Pablo* é, na verdade, da polícia – as redondezas ali são cheias de ladrões.

A história termina de chofre, a narrativa é fragmentária como o parece ser o pensamento de *Pablo*, que não dita ininterruptamente, mas antes, dá pausas, fala sem parar uma frase longa inteira, para, então, em seguida, diz outra, em migalhas – uma palavra, depois duas, depois desiste, recomeça a frase, mais uma palavra, outra e outra... Fragmentariedade que seu olhar para o alto, sua mão que vai ao queixo, seus lábios que começam a articular os sons e logo param como se buscassem dar vazão a outra ideia, além de outros gestos parecem indicar. Assim, sua fala dá saltos – talvez para acompanhar seu pensamento – e eu, junto, esforço-me para dar saltos e ser digno de acompanhar aquele de

quem sou tradutor; e digo tradutor, pois, com a fala empolada e pouco articulada pelos remédio e pela falta de dentes, torno-me mais do que um extensão de sua vontade de escrever, sou também co-escritor, preciso ouvir, pensar, compor com os sons, transpor em linguagem escrita e criar; ainda que busque confirmar com ele as palavras que anoto, preciso fazer um esforço atlético com meu pensamento para acompanhar o que *Pablo* quer gravar no papel.

Os saltos da carta não são somente saltos narrativos, mas também estéticos; ele vai de uma história com ares surreal para uma espécie de conto e, agora, começo – ainda sem saber – a redigir uma carta de doação de bens: “*Eu, Pablo Luiz Gonzaga,*”, ele dita-me, “*afirmo para você: quero que, ao rapaz que está levando esta carta, você dê todos os carros... Os vinte e sete caminhões, quatro caminhonetes, quatro Pageros... E por agora vou terminando.*” Pouco a pouco vou me dando conta do que se passa. Ao fim da carta ele a assina – com seu nome de batismo, não com seu pseudônimo – e pede que eu vá até um de seus familiares para coletar a doação descrita na carta, diz que estes veículos são para nós, que fazemos as oficinas ali no HCTP, diz-me ainda que são os veículos que ele possui fora do Hospital, mas dos quais não pode dispor, não pode utilizar. Agradeço-o sem saber o que mais dizer.

A produção da carta junto com Pablo toma quase toda minha atenção, porém, ao fim da oficina, posso acompanhar a produção de um dos participantes, que pede que aguardemos ainda um momento para que possa finalizar o parágrafo que escreve – ele já está na segunda folha de sua carta. Ele não escreve apenas sobre *um* lugar do Vale das Glórias, mas a ele interessa descrever todo um passeio pelo Vale, um passeio que buscar vagar passar por todo o Vale: “*Eu ainda não acabei. Vamos poder continuar? Quero falar de alguns lugares que ainda não falei*”. Seu texto, com letra cursiva e bem trabalhada, traça uma cuidadosa carta a um amigo – que ele diz ser também seu irmão. Ele é tão cuidadoso que na ausência de um grampo ou clips, ele engendra, com um pedaço de barbante delicada e precisamente amarrado nos buracos no canto superior das duas folhas pautadas, um meio de lia-las. O primor da carta assinada como de *Eugenio V. Kaminski* é-me marcante: a caligrafia, o empenho (ou o desejo) em vagar e descrever as várias paisagens do Vale das Glórias, a empolgação em escrever aquela carta, o sorriso em seu rosto ao falar de seus planos em relação ao escrito e, especialmente, aquele laço que une as folhas destinadas ao amigo, ao irmão. [Gestos que ficam em minha memória, que me ligam a este momento, ligam-me à *Kaminski* e sua carta,

ainda que ainda não consiga lê-la agora.]

É chegada a hora de partir, despedimo-nos, agradecemos-lhes e seguimos para a saída. Já quase deixando o Complexo, Camila pergunta-me se eu já havia percebido que, a despeito de às vezes entrarmos sisudos, tristes ou de mal-humorados, nossa saída é quase sempre marcada por um bom-humor, um sorriso no rosto, quando não por conversas alegres acompanhadas de risos e comentários entusiasmados sobre o que experimentou nas oficinas. Respondo que sim, já o percebi; então ela complementa: “*E reparaste como as pessoas olham para nós quando saímos assim, alegres?*”. Respondo que não e ela segue dizendo, “*Então, eles olham como umas caras estranhas, como que espantados. Do tipo ‘o que essa gente faz, aí, que sai rindo daqui de dentro?!’*”. Assinto ao comentário de Camila. [Recordo-me dos rostos daqueles que ali trabalham: são rostos marcados ora por um ar grave, ora por um ar de cansaço e tédio, posso até dizer que alguns dos que ali trabalham transmitem tristeza no olhar, há ainda, claro, os que sorriem e carregam consigo certo bom-humor, todavia este ânimo não é, em geral, o que se possa chamar de alegria e, se riem, via de regra, não é por causa de seu trabalho ali – arriscaria dizer que muitas vezes até o sorriso vem quando eles falam daquilo que não é aquele lugar, quando fazem, ainda que por um átimo, suspender o peso daquela instituição e da rotina que marca sua habitação desta terra de clausura.] Seguimos conversando sobre o estranhamento dos que ali trabalham diariamente em relação ao nosso “estado de espírito”, nosso estado de *corpo* ao fim das oficinas.

27.7.16 – “Liberdade”

Segunda-feira, oficina proposta por Michele, das 15h30 às 17h.

Após uma semana de fortíssimas chuvas – que me impediram a realização de oficinas – e outra em que estive a viajar para uma cidade próxima, retorno ao HCTP para acompanhar uma oficina de grafite. Michele convida seu amigo grafiteiro, que, junto a outro amigo por ele convidado, vão ao pátio externo do Hospital, com os participantes riscar mais um dos vários muros que cercam aqueles que ali estão encerrados.

Pouco mais de dez participantes reúnem-se na quadra (pátio externo), que recém recebeu um par de cestas de basquete. Tal número não é apenas reflexo do interesse dos pacientes-internos em participar, mas de restrições de segurança colocadas pela instituição – há, segundo a instituição, um risco em estarem os pacientes-internos ao ar livre, é

preciso vigilância e, dado o contingente reduzido, é também reduzido o número de pacientes-internos autorizados a participar.

Sentamos em círculo no pátio e começamos a conversar sobre o que poder-se-ia traçar na parede branca, vibrante com a demão de cal que recebeu naquela manhã, e um a um o grafiteiro pede que os participantes sugeriam ideias: “*Um tema de basquete, já que agora temos as cestas, como nas quadras de basquete de periferia nos Estado Unidos*”, diz um. “*Um anjo*”, lança outro. “*Uma cidade*”, sugere ainda outro. “*Um preto – chapado*”, fala Omar, gesticulando um retângulo grande com as mãos. Diante dos gestos, da fala e da ideia de uma parede pintada toda em preto faz-nos rir. “*Algo que simbolize liberdade*”, indica um dos participantes dando sequência às sugestões. A sugestão reverbera nas várias cabeças que anuem à proposta, Outros participantes silenciam, preferem nada sugerir.

Coletando essas ideias, os dois grafiteiros põem-se a esboçar em um papel uma ideia que abarque o máximo possível das sugestões. O resultado é um anjo jogador de basquete ao lado da palavra “Liberdade” escrita em grandes letras farfalhudas – o que parece agradar muito aos participantes. Em seguida, rapidamente, os grafiteiros traçam na parede os contornos dos desenhos e os participantes passam a pintar o interior dos desenhos; ao fim, os grafiteiros dão alguns retoques e traçam mais uma vez o contorno. O resultado final é belíssimo, um anjo de cabelos bem encaracolados quica uma bola de basquete ao lado da palavra “Liberdade”, com pelo menos três metros de largura, em tons de azul. O contraste não é só de cores, a palavra destoa do regime de funcionamento da instituição. [É-me possível, por um lado, sentir a ironia daquele grafite, por outro, perceber a força que ele carrega para aqueles que aqui estão reclusos, quase como se a palavra lhes fosse um lembrete, ou uma suntuosa marca que não deixa “*perder a esperança*”, como frisa um dos participantes. Poder-se-ia dizer que há muita potência em ler-se e escrever na parede de uma instituição prisional em letras garrafais “Liberdade”. Entretanto há em mim uma nesga de desconfiança em relação à ‘facilidade’ com que se o pôde fazer. O que tornou possível tal ato? Um paciente-interno com algum material de pintura, por conta própria, poderia fazê-lo? Seria realmente tão potente a palavra liberdade? Ou teria ela se tornado tão trivial a tal ponto de poder estar ali, assim, tão escancaradamente gravada aos olhos de todos? Ainda que as respostas possam ser um tanto quanto desanimadoras, elas não podem negar aquilo que se dá no ato de escrever, aquilo que acontece na oficina: essa força

que faz os participantes quererem estar ali, quererem escrever, escolherem um desenho, comporem algo que faz, ao menos para eles, variar a mesmice das terras de clausura.]

Terminado o desenho, posamos todos para uma foto em frente à obra. Os grafiteiros agradecem a presença e o envolvimento de todos, além da possibilidade de estar ali e o convite de Michele para que eles fizessem aquela oficina. Despedimo-nos todos e seguimos, Michele, os grafiteiros e eu, para fora do HCTP.

28.7.16 – Uma festa no “inferno”

Quinta-feira, festa junina, das 14h às 17h.

Hoje não há oficina, mas festa junina. Enquanto a manhã é reservada aos preparativos, a tarde é consagrada à celebração da festa. Chego próximo às 14h e a entrada hoje não se dá pelos caminhos corriqueiros: acesso, indo pelos fundos do prédio do HCTP, direto o pátio externo, onde deparo-me não apenas com vários pacientes-internos – alguns trajados em roupas típicas deste tipo de festa –, mas com vários familiares, agentes e outros técnicos do Hospital.

O caso das camisas negras. Não são as roupas coloridas de festa junina que se destacam ali, e sim os uniformes pretos, que se espalham pelo pátio em vários pontos (pontos estratégicos), vestindo os agentes de segurança que circulam pelo espaço. Logo que adentro o pátio, encontro Michele que também comenta sobre o negro das roupas dos agentes. Coincidentemente também vestimos preto – eu, inclusive, visto calça e camisa desta cor – e, um pouco pelo frio que faz no dia, um pouco pelo desconforto que a similaridade da vestimenta nos causa, colocamos nossos casacos que são de outras cores.

O caso do inferno na terra. Vago um pouco pelo espaço, cumprimento vários pacientes-internos – que não raro demonstram seu contentamento por me verem na festa – e seus familiares, porém, a maior parte do tempo, fico próximo a uma mesa, à qual está sentado o *Zacarias* e sua mãe. A mesa está disposta próxima da quadra, onde acontecem as apresentações da festa: primeiro uma quadrilha formada por trabalhadores e pacientes-internos do HCTP e depois o tradicional “Boi de mamão”. Ali, na mesa, além de ver as apresentações converso com o *Zacarias*, Michele e outros pacientes-internos que passam por ali. Logo após dançar a quadrilha, *Zacarias*, ainda trajado com roupa caipira, conta-me com um sorriso largo no rosto que em breve saíra e que talvez este seja nosso

último encontro – “*Aqui dentro*”, ressalva ele. Pergunto se ele está ansioso para sair, ao que ele responde: “*Claro! Esse lugar é o inferno!*”. [E hoje, estávamos em uma festa no “*inferno*”.]

O caso dos amigos. Em dado momento os pacientes-internos que estavam trajados com roupa caipira são chamados para trocarem-se, voltando a vestir o uniforme. Aproveitando o momento, a mãe de *Zacarias* diz que irá embora, o que o irrita e o faz pedir para que sua mãe não se vá: ele é incisivo em ratificar o pedido quando sua mãe titubeia em voltar atrás e ficar, seguindo-se uma breve discussão que termina com a permanência da mãe na festa. Porém, em meio a discussão *Zacarias* diz: “*Poxa, mãe, meus amigos aqui e a senhora fazendo essas ‘partes’?*”, e, quanto refere-se aos amigos, aponta para Michele, um pouco afastada de nós, e para mim, sentado à mesa. A frase parece reverberar na cessão da mãe, que fica, mas também reverbera em mim, quando ele atribui-me o epíteto: “amigo”.

O caso do frio. Com o passar do tempo, o dia que já não está muito quente vai ficando mais e mais frio. Porém, nem todos os pacientes-internos dispõem de mais do que um casaco – quando não têm para vestir apenas uma camiseta –, pois muitas vezes depende de doações de amigos e familiares para ter mais do que as poucas roupas que o Hospital pode fornecer. Não obstante o frio e as poucas roupas para enfrentá-lo, vários pacientes-internos preferem ficar do lado de fora – para manter-se na festa e a céu aberto. A baixa temperatura e o corpo tremendo parecem suportáveis. Tolerar aqueles visíveis incômodos parecem, naquela situação, mais interessantes que o claustro do prédio e dos leitos. Vários destes pacientes-internos trêmulos só abdicam de estar ali, na festa, ao ar livre, quando são encaminhados pelos agentes para o calor dos leitos.

O caso da cultura inalienável. Na quadra, a apresentação do Boi de mamão inicia-se, os presentes na festa aproximam-se para apreciá-la, a assistência forma um arco ao redor do espetáculo no pátio. Eu, em pé próximo à mesa, observo de trás destes espectadores. Passa, então, entre eles e eu, um agente de segurança, em suas vestes negras assevera: “*Tem uma coisa que ninguém tira – a cultura!*”. A frase atravessou-me produzindo uma série de questões. [O que é cultura? O que pode a cultura? Qual o poder da cultura? Qual a potência da cultura? O que significa a cultura nesse lugar de clausura e controle? O que é essa espécie de elogio à cultura emitido por alguém que ocupa o cargo de na *segurança* de uma instituição como essa? Um pouco confuso, um pouco intrigado deixo as perguntas brotarem, deixo a suspeita espreitar nas savanas do

pensamento.] Ainda que sem respondê-las, sem esgotar aquela frase, volto a assistir à apresentação.

O caso do colóquio de pacientes. Conforme as horas passam os familiares vão deixando o lugar, alguns pacientes-internos são encaminhados para dentro por conta do frio e o pátio esvazia-se. Ainda sentado à mesa com *Zacarias*, vejo aproximarem-se alguns pacientes que vêm conversar. Fala-se da farta vianda da festa, da minguada refeição do dia-a-dia da instituição, fala-se da dura rotina do Hospital, do gosto que se tem por participar das oficinas, até que, ali próximo, depois das grades que separam o pátio do HCTP de um acesso à Penitenciária, uma frota de motocicletas do GRT – Grupo de Resposta Tática irrompe. Com alarido e suntuosidade o grupo de motos atravessa a vista, ao que um dos pacientes-internos, *Ricardo*, reage fazendo jocosas menções à seção especial da polícia. Os gritos do paciente-interno, por sua vez, desencadeiam uma reação num agente de segurança: ele repreende a postura, considerada desrespeitosa, de *Ricardo*, retira-o do pátio e envia-o para sua enfermaria. Ao passo que essa cena suscita um novo tema de conversa: a postura “*infantil*” de *Ricardo*. Os pacientes-internos, por mais que não parecem corroborar com a medida tomada pelo agente, enunciam a obviedade dos fatos: uma atitude como a do *Ricardo* teria obviamente uma reação repreensiva como a do agente de segurança. *Eugenio Kaminski* complementa a dizer que é justamente por *Ricardo* ser “*muito infantil*” que ele comete esse tipo de atitude sabidamente repreensível. A sobriedade de *Kaminski* é patente e ele continua sua fala a apontar outras atitudes infantis de *Ricardo* e de outro paciente-interno, *Joshua*, que juntos parecem formar uma dupla cujas atitudes amiúde incomodam os demais pacientes-internos. *Zacarias* comenta que, por vezes, sente vontade de dar um “*corretivo*” neles, usando de violência para censurar tais posturas indesejáveis (que não são apenas as atitudes infantis, mas também de violências físicas e verbais); *Kaminski* discorda dizendo que, ainda que a vontade possa ser por ele compartilhada, tal atitude, além de provavelmente gerar punições ao agressor, ainda recobre as atitudes violentas de *Joshua*. Se, por um lado, surpreende-me aquela conversa pelas reflexões sobre os comportamento dos pacientes e pela postura incisiva de que é necessário fazer algo em relação às infantilidades de *Ricardo* e as violências de *Joshua*; por outro, pasmo ante a temperança com que *Eugenio* pondera a situação, analisa os aspectos e efeitos das diversas atitudes e reações dos pacientes-internos e sugere o que, em sua opinião, é a melhor medida a ser tomada: não agredir, afasta-se e deixar

que a própria atitude dos pacientes-internos faça com que sejam punidos pelas autoridades do Hospital.

Ainda que no colóquio os pacientes não cheguem a uma conclusão, este é encerrado quando os agentes nos avisam que a festa chegou ao fim – é preciso que os pacientes-internos entrem para suas enfermarias e que nós, visitantes, deixemos o lugar. Assim o fazemos, não sem antes despedirmo-nos com abraços dos pacientes-internos presentes e com o lembrete de que na próxima semana voltaremos para realizar outra oficina.

4.8.16 – O que acontece quando o esperado não acontece?

Quinta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: pequenos cartões com uma lista de seis palavras cada um, para jogarmos mímica; o jogo de cartas “Nove”.

Entrego a lista de chamada aos agentes e sigo ao refeitório onde preparo o espaço para jogarmos mímica; organizo os bancos e uma mesa, sobre a qual coloco a pilha de cartas e um dado. Conforme os participantes vão chegando vou pedindo que se sentem no banco, porém surpreend-me a pouca quantidade de participantes, não mais que meia dúzia. Começo uma conversa sobre comunicação, o que é preciso para se comunicar, quais as formas de se comunicar e aos poucos vamos da comunicação oral/verbal para a comunicação por gestos – mímica. Proponho um jogo de comunicação sem fala, sem sons, um jogo de mímica. Metade aceita jogar, outros três não o querem: um levanta-se e sai dizendo que vai para a aula, outro quer ficar, porém sem participar e o terceiro – que a princípio também queria ir à aula – é convencido por nós a ficar e jogar, para que possamos ao menos formas duas duplas.

Começamos o jogo com as seguintes regras: um participante deve, através de mímicas, comunicar ao outro uma palavra escolhida dentre as seis presentes no cartão sorteado. Ainda que possam escolher aquilo que interpretarão, a escolha nem sempre é da palavra mais fácil, e.g., quando um deles elege fazer a mímica de “arquear” em vez de “boca”, ou “passar a ferro” em vez de “retângulo” ou “pinguim”. [Por um lado, tratam-se de palavras que a *meu* ver são mais fáceis, por outro, a escolha pelo mais fácil é a lógica que *eu* utilizaria; talvez não seja a deles, talvez lhe apraza outra lógica, outro crivo.] Todavia, não interfiro na escolha, apenas lembro-lhes do silêncio necessário para o jogo, que a todo tempo é quebrado, seja por expressões como “*Olha só!*”, “*Presta atenção!*”,

“*Quase, quase...*”, seja por pequenos ruídos e onomatopeias ligadas à mímica. Depois de três rodadas eles começam a pedir que haja limite de tempo nas mímicas – acordamos 1 minuto por mímica –, também modificamos outra regra, em vez de escolherem a palavra, agora devem sorteá-la a partir de um número lançar de dado. Mais três rodadas e não conseguimos mais impedir a desistência de dois jogadores, que se vão antes que eu ofereça que joguemos outro jogo que trago comigo.

Um incômodo, que já no começo da oficina acompanha-me, dado o pouco número de participantes na oficina, agora se amplia e certa sensação de fracasso me invade. [O que na oficina fracassa? Por que o pouco número de participantes? Por que aqueles que vêm desistem? Todavia, bem sei a resposta e uma vez que as oficinas são para quem quer participar delas, as desistências e abandonos são possibilidades das oficinas. Se, por um lado, algo parece não ter funcionado, por outro, a pergunta que realmente move a oficina é: o que acontece? O que acontece quando o esperado não acontece?] Ainda assim, insisto em ficar ali, com os três pacientes que não saíram, e não apenas não saíram, como querem estar ali, a positividade é essa: o desejo de ficar e continuar e, na impossibilidade de jogar, conversamos e isso parece colar, fluir – acontecer.

Quedamos, os quatro, ali, conversando até o horário limite da oficina.

Primeiramente, pergunto-lhes por que o pequeno número de interessado, eles respondem-me que devido ao clima nublado – que até então não considere como algo relevante – muitos pacientes-internos não saem para os pátios (internos), permanecendo em seus leitos onde os agentes não vão chamá-los. Paulatinamente, então, vou suspendendo a inquietação e a frustração e vou deixando-me interessar por aquilo sobre o que eles querem conversar. Um deles, parece ser o terceiro elemento, ele não participa senão ouvindo, não fala, porém silencioso atravessa toda a conversa que se desenrola. Os outros dois participantes, *Joshua* e *Ricardo*, demonstram grande afinidade e vão revelando-me dimensões da vida no Hospital, mormente daquilo que os dois vivenciam ali. Contam das brincadeiras que fazem e fazem chacota um do outro, sempre com um ar muito amical. Aproximam-se de mim, declaram confiar em mim e então revelam-me segredos, e.g., a transgressão de fumar um palheiro escondido – a fala é precedida e seguida de olhares que verificam se apenas eu ouço aquelas informações, é preciso garantir que nenhuma autoridade possa sabê-lo, é preciso cuidado para escapar à punição.

Contam-me dos planos que têm para quando saírem dali. *Ricardo* diz possuir muito dinheiro lá fora – dinheiro esse que utilizará para um empreendimento financeiro que lhe garantirá o sustento quando sair do HCTP, todavia esse sustento não é pensando apenas parai; há uma preocupação com o sustento de *Joshua*, a quem quer bem e que também fará parte do negócio, “*meio a meio*” eles dizem sobre a divisão dos lucros do projeto. A ajuda, entretantes, não é só fora do HCTP, várias vezes eles reiteram que se ajudam ali dentro, ajudam-se dando força a continuar e aguardar até a libertação, ajudam-se com dinheiro e troca de comidas e utensílios, ajudam-se nos contatos para o tabaco e na partilha do fumo; enfim, uma série de ajudas materiais e psíquicas.

Ao fim, da conversa selam a impressão de que tenho de sua amizade pedindo que tire uma foto deles, não uma foto de cada um, mas uma foto dos dois, lado a lado, posando para a câmera. O gesto ainda se refina quando me pedem para que, se possível, revele para eles a fotografia. A imagem é marcante. Aqui, onde as aproximações parecem ser suspeitas, os dois posam lado a lado para que a relação quede gravada.

Após a foto, despeço-me deles, agradeço por terem ficado comigo até o final, por terem participado e eles, além de sugerirem-me que traga um jogo de cartas chamado “Uno” para a próxima oficina – pois “*Este todos gostam de jogar*” –, dizem-me que lhes é um prazer participar das oficinas. Grato, vou-me – mais uma vez.

11.8.16 – Exercitar uma escuta

Quinta-feira, oficina proposta por Camila, das 9h às 11h.

Chego ao HCTP e Camila já me espera aí com os materiais para a oficina de hoje, ainda não sei bem do que se trata, mas como sempre o mapa do Vale das Glórias está lá. No refeitório Camila estende o mapa sobre a mesa e, com os participantes ao redor do mapa, ela explica que a oficina será de construção de uma paisagem: utilizando-se das revistas e materiais de desenho, cada um, a sua escolha, deve produzir uma imagem que corresponda à paisagem de um lugar no Vale das Glórias. Logo pomo-nos a trabalhar.

O caso da carta de Pablo. *Pablo*, que nas últimas oficinas temos ajudado a escrever cartas [ou seria *uma* carta, já que ele se refere a elas como *a* carta, no singular?], pede-me que o ajude a continuar escrevendo as cartas, ou melhor, *a* carta. Sento-me com ele e voltamos a escrevê-la. Cavalos mangas-largas comprados, viagens fugindo da polícia, conversas

com pessoas no caminho e roupas que ele recebe como doação dessas pessoas compõe a narrativa da carta. [A fala empolada de *Pablo* exige minha atenção, preciso aprender a ouvir, concentrar-me no que diz, compreender aquela história, mas também se trata de aprender a criar com ele, comunicar, tornar comum aquela história. É preciso exercitar uma *escuta*]

O caso do Sermão da Amizade. Em dado momento *Pablo* faz uma longa pausa para pensar e ouço algo disperso e distante que me chama a atenção. Desvio os ouvidos para outra mesa onde dois participantes conversam, ou melhor, onde um deles, *Joshua*, em ajudando o outro participante a realizar a atividade da oficina, diz-lhe enfaticamente:

Com a fé que nós temos em nosso Cristo. Anota aí... Com a fé que temos em nosso Cristo, conseguimos arrumar muitas amizades boas, muitas amizades que tenham beneficência. Não é à toa que o tema que escolhi como lugar foi o “Clube da amizade”. Várias amizades boas, enfim, por isso escolhi esse tema, por isso escolhi esse lugar: “Clube da amizade”. Então, agora, tenta encontrar nas imagens, na revista um lugar para ti e para teus amigos.

Joshua segue auxiliando o outro participante e eu volto a redigir a carta de *Pablo* [depois deste breve exercício de uma *escuta*].

12.8.16 – A banda de um

Sexta-feira, apresentação de Um-banda, das 9h às 10h.

Hoje a entrada no HCTP não se dá para a realização de uma oficina, mas de uma apresentação musical. Trata-se de um amigo músico, Luís Guilherme Holl; trata-se de uma banda de um homem só, um homem-banda, ou, como ele se intitula, o “Um-banda”.

Chegamos às portas do Hospital, Luís, Michele e Eu, e precisamos aguardar alguns minutos antes de entrar. Luís começa a preparar-se (aquecimentos, indumentária, instrumentos); peça por peça ele vai tornando-se Um-banda. Recebemos sinal verde para que se inicie a apresentação – Um-banda adentra as entranhas do prédio (gorro colorido e traje feérico, bumbo às costas, guizos nos pés e acordeom no colo),

enquanto carrego uma garrafa de água e tiro fotos e Michele vai filmando a apresentação. Como um cortejo vamos acompanhando o artista, que vai explorando as vielas daquele lugar que ele desconhece. Guiamo-lo até o pátio externo onde está combinada sua apresentação, lá ele põe-se a tocar. Ao longo da apresentação registro alguns movimentos:

Movimento dos corpos. Alguns pacientes balançam ao som da monobanda. Pouco a pouco, vão aproximando-se – alguns, outros permanecem à distância até o fim. O balanço vai aos poucos embalando e tornando-se dança – não são somente os ombros que se mexem, mas os joelhos começam a se flexionarem, alguns pés começam a sair do chão e, então, os corpos começam a dançar.

Movimento das vozes. De início há silêncio, ou, não há voz. Um-banda saúda e alguns vozes respondem. Depois, silêncio outra vez. Música após música e as vozes estão ou em silêncio ou, a cochichar, perguntam-se o que se passa aí. Por fim, quando Um-banda toca uma música de Raul Seixas, várias vozes passam a cantar a música, ainda que sem saber a letra completa, arriscam o refrão. Ao fim da apresentação Luís diz-me: “*Cara, todo louco adora Raul. É incrível!*”.

Movimento a dois. Várias das músicas tocadas são apenas instrumentais, tratam-se de músicas, ainda que eruditas, conhecidas, ‘populares’. Em dado momento, ouve-se uma tarantela, o ritmo dançante arranca Ricardo de suas palmas e ele ensaia alguns passos. Logo, ele toma-me pela mão e convida-me a bailar com ele. O gesto surpreende, mas, então, deixo-me levar pela brincadeira e dançamos dando pequenos saltos de um lado para o outro até que a música acaba.

Ao fim da apresentação o artista agradece aos presentes e é convidado pelo diretor a apresentar-se outras vezes, quiçá, em uma festa do Hospital. Partimos.

2.9.16 – A bricolagem

Sexta-feira, oficina proposta por Michele, das 9h às 11h.

Oficina de hoje: fazer uma bricolagem (coletiva) com fotos do HCTP, fotos de oficinas de lambe e imagens e palavras selecionadas de revistas e jornais. No refeitório, conforme a proposta vai sendo exposta, vários pacientes – impacientes, desinteressados ou por outras razões – desistem, vão-se dali. Ficamos em apenas cinco pessoas, a princípio – Michele e dois participantes, além de mim –, outros dois participantes transitam pelo espaço sem nele permanecer, interagem, conversam,

produzem algumas coisas, porém sua estada é ‘parcial’, se comparada a dos demais.

O caso da janela. Aproximo-me de um dos participantes, *Jorge*, que, em silêncio e acanhado, observa a atividade. Pergunto qual imagem ele quer pôr na bricolagem, ele seleciona uma foto inteira. Explico que para a bricolagem seria melhor usar apenas um elemento da foto, pergunto o que dali ele mais gosta e ele responde: “*A paisagem*”. Pergunto então o que ele mais gosta da paisagem e ele responde: “*Tudo*”. Tento outra pergunta: “*E se você tivesse que escolher uma parte dessa paisagem para guardar ou para dar de presente a alguém, qual seria?*”. Ele para, olha, pensa, olha, para e aponta para uma das janelas do prédio (do HCTP) na foto. “*A janela?*”, pergunto. Ele anui com a cabeça, sugiro que a recorte e ele o faz – da forma que a coordenação de suas mãos, afetada pelos medicamentos, permite. Ao fim, ele recorta todas as três janelas da imagem, cola-as à bricolagem coletiva, depois recorta borboletas e logo, o tímido *Jorge* (que há muito frequenta as oficinas, porém poucas vezes faz mais do que olhar e dizer-se incapaz de executar as atividades) está a recortar outra e mais outra imagem – várias que compõe a obra final.

O caso do maior dos guerreiros da Terra. Em dado momento, *Eduardo*, vindo do pátio externo, aproxima-se de mim e pergunta-me: “*Sabes por que um filho mata a mãe? Vou te dar duas chances*”. Arrisco: “*Por falta de amor?*” [Piegas.] Ele responde que não. Como *Eduardo* fala muito em trabalhar, ser produtivo e vender, como ele gosta de elaborar *slogans* comerciais, ideias de propagandas e promoções, experimento: “*Porque não aprenderam a vender?*”. Também não – minhas tentativas são miseráveis diante da resposta dele: “*É porque a mãe dele está cortando a carne do boi todo dia e o boi é o maior ser que pisou na Terra, é o maior dos guerreiros da Terra, podes ver que ele veio com dois cifres para lutar...*”, e posicionando os dedos como aspas em riste ao lado das têmperas, ele faz um gesto de chifrada. “*Eles começam a comer o boi, ficam loucos, o filho mata a mãe...*”, ele diz. E eu completo: “*Porque comem carne de boi*”. Ele segue explicando que a maldição do ser humano, a causa das desgraças das sociedades, especialmente a atual, está no trato desrespeitoso com o boi – animal forte que nasceu com duas armas na cabeça “*e o ser humano, que tem no máximo caspa e piolho... Para o ser humano ter chifres, como o boi, tem que ser muito honesto e justo*”, diz *Eduardo*, que segue “*E esse ser humano ousa violentar tal animal, matá-lo, picar sua carne em vários pedaços e comê-la*”. Para o participante há um sacrilégio em comer a carne bovina, esta é inclusive,

segundo ele, a causa de vários pacientes-internos estarem ali; *Eduardo* explica, e.g., o parricídio de *Pedro* através do consumo de boi. E *Pedro* agradece: “*Ô, Eduardo, você me ajudou, boa conversa que a gente teve, ajudou!*”. *Eduardo* segue sua explicação: “*O bom é deixar o boi livre. Quem mata o boi acaba se matando entre si. É a carne... Bom, essa é uma função que era para estar na escola.*”. Segundo ele, a escola deve ensinar a não comer carne, pois isso torna as pessoas “*louco*”, mas também deve falar do desrespeito que é o uso do couro, seja para roupas, calçados, seja para fazer uma bola de futebol – que para o participante é um esporte terrível, responsável por muitas das mazelas do mundo e do HCTP: “*Sabes o que é um jogador de futebol? Ele é um psicopata. Porque o boi é assassinado, é comido, é costurado – a bola – e eles não cansam de judiar dele, chutam-no todo dia.*”. Todavia, a teoria do (mau)trato ao boi se prolonga, vai mais fundo, “*Quando acontece de um boiadeiro matar o filho ou o filho matar um boiadeiro, bom, ainda não é tão perigoso, mas agora imaginasse se em vez de infernizar o boiadeiro ele (o boi) inferniza um comandante igual foi na Primeira Guerra, na Segunda Guerra?*”. Seu raciocínio segue afirmando que se vamos ao pasto os bois não comem ser humano, não furtam, não cometem crimes, porém se vamos à casa do ser humano, ele está comendo boi, ele tem algum objeto roubado. Pergunto: “*E se a pessoa for vegetariana, se ela não comer carne?*”. Ele responde: “*Ô! Ela ganha o céu, ela ganha as estrelas e ele vira amigo dela. Imagina, ele é o maior guerreiro! Dez milhões de almas, dez milhões de bois tudo amigo teu?*”, aponta uma imagem na revista sobre a mesa e segue, “*Ô, aqui tem uma comprovação!*”. Na imagem figura um carro de boi, puxado por seis bois e conduzido por um homem. “*Olha só que amizade, ganhou o boi de amigo*”, diz-me *Eduardo*. Pergunto, “*Aqui ele é amigo do boi?*”. “*Claro, ganhou o boi de amizade. O boi está puxando e fazendo a força para ele*”, ele explica. Logo abaixo da primeira imagem, uma foto de um cavalo sendo montado a qual *Eduardo* aponta e fala, “*Aqui o cavalo levou, um cavalo de amizade*”. “*Essa aí é uma boa relação?*”, pergunto. Ele logo responde, “*Pô, essa aí é uma boa... Quer ver quando ele colhe alguma coisa e divide com o bicho, para o bicho não ficar só no pasto... Que amizade bonita! Em vez de se matar carregando duzentos quilos o bicho puxa duzentos, trezentos quilos fácil! Seria bonito*”. Ainda pergunto se não é muito peso e *Eduardo* explica-me que não, pois para o tamanho e força do animal isto não é muito. [Penso nas palavras do participante, elas ecoam em minha mente, vou digerindo-as em silêncio agora.] Diante de meu silêncio *Eduardo* decide voltar a vagar, olha a bricolagem e parte

para o pátio externo; não volta mais.

A oficina segue-se, vamos compondo a imagem da bricolagem, sem vigilância dos agentes ou da psicóloga vamos prolongando a oficina, mas às onze horas as mesas já estão sendo preparadas para a refeição. Recolhemos nossos materiais, despedimo-nos, Michele e eu, dos participantes e partimos.

16.9.16 – Uma despedida

Sexta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: Baralho de Uno.

Estou só, nem Michele nem Camila participam da oficina de hoje, nem agentes nem qualquer outro técnico me acompanham, apenas a sensação de que estou só. No refeitório, com sete participantes, pego minha sacola e pergunto a eles, já sentados: “*O que vocês acham que eu trouxe para jogarmos hoje? Vocês sabem?*”. *Joshua*, que participou de minha última oficina (4.8.16), diz que sim e completa: “*Uno*”. Exato, como ele e *Ricardo* pediram-me naquela oficina. Ponho as cartas sobre a mesa. Dois ou três participantes não conhecem as regras, explico-as: basta colocar uma carta de mesma cor ou mesmo número do que a anterior. Ainda há as cartas com símbolos não numéricos, detalho as regras e efeitos destas. Estamos prontos. Distribuo as cartas (sete para cada um), viro a carta do topo do baralho e começamos. Conforme jogamos algumas regras vão sendo explicadas, exemplificadas.

O caso da história sem fim. *Pablo* aproxima-se da mesa e pergunta se vamos continuar a escrever sua carta. Como estou sozinho hoje, respondo que a atividade será outra, mas que outro dia poderíamos continuar a escrita. Calmamente ele vira-se e parte, pois apenas quer continuar sua história sem fim.

O caso da busca pelo mesmo desenho. Um dos participantes, não sabe o que jogar e não consegue reconhecer os números que lhe são falados, “*Joga um 1*”, “*Tem que ser um 7*”, “*Agora é 8 ou vermelho*”; suas jogadas procedem por tentativa e erro: ele mostra uma carta, negamos; mostra outra carta, negamos ainda; uma terceira e uma quarta, também negamos; na quinta – perfeito!, mesmo número. Amiúde, impacientes, os jogadores ao lado apontam para uma carta dizendo: “*Essa aqui, ó!*”. Um deles indica, não raro, cartas que o beneficiem em sua jogada; o outro, indica sem parecer ter o mesmo ardil. [Em minha mente uma rápida imagem se forma, a clássica dualidade dos desenhos: de um lado um

pequeno anjo busca aconselhar pautando-se no “bem”, dou outro um diabrete que sugere com malícia]. Então, suspeito e pergunto: “*Sabes ler? Conheces os números?*”. Mudo, ele balança negativamente a cabeça. Seus meneios curtos e rápidos indicam-me que é preciso outra estratégia. Outra vez ele tem de jogar, então, sugiro a ele que busque em sua mão por uma carta com o “*mesmo desenho*”, e contorno com os dedos os traços do número na carta, ou a “*mesma cor*”, aponto os cantos da carta em que figuram a “*cor da carta*”. Ele escolhe uma carta, mostra-nos – exato! – o mesmo desenho. O jogo segue, ainda com alguns trancos, dúvidas – “*Esse? E esse?*” –, nunca completamente fluido, mas segue.

O caso do basquete. O jogo segue, uns jogadores vão-se, novos vêm e assim o jogo segue por mais três partidas. Entre a segunda e a terceira um deles sugere substituir uma das regras, aceitamos. Quarta partida, nova regra. A partida acaba e pergunto, “*Mais uma partida?*”. Eles levantam-se e, antes que eu possa convidá-los a um jogo diferente, justificam-se que querem jogar basquete. [Outra vez o basquete aparece como algo muito atraente. Seria o ar livre em que o jogo se dá? Seria o exercício físico? Os dois? Outra coisa? Não consigo saber, não pergunto.] Eles vão-se e vou-me.

O caso da despedida. No caminho da saída, um tanto quanto cabisbaixo, vejo de longe, em uma área mais ampla onde alguns corredores desembocam, um círculo de pessoas, no qual figuram técnicos do Hospital, pacientes-internos desconhecidos e conhecidos – alguns com instrumentos musicais nas mãos. Paro por conta da presença de um dos pacientes-internos, em especial, *Zacarias*. Encosto na parede e o observo ainda de longe: ele toca violão, animado, acompanhado por outros pacientes-internos que tocam percussão; algo acontece, algo o faz sorrir como raras vezes o vi. Ele vê-me, porém não para de tocar. Espero. A música acaba e, então, aceno. Ele levanta-se, vem até mim. Cumprimentamo-nos, um abraço. Os corpos se afastam e ele diz: “*Estou saindo hoje. Recebi alta!*” A alegria de sair: sorriso largo, olhos brilhantes e a voz denunciam. Olha para os técnicos presentes, que confirmam a saída de *Zacarias*. Volto a abraçá-lo. Parabenizo-o. Ele convida-me a tocar uma música. Primeiramente nego, depois, motivado por ele e pelos demais presentes, sento-me, tomo o violão, abro a pasta com tablaturas, busco por uma música, uma música que lhe agrada, encontro, toco e *Zacarias* acompanha cantando. Toco outra a pedido dele. Várias vezes cantam, animo-me a cantar junto, arrisco. Agora é ele quem toca. “*Essa aqui tu sabes, né? É do Raul*”, ele diz. Cantamo-la e, sem tablatura, sem

querer, pulamos alguns versos, mas isso já não tem importância. O que importa é outra coisa, é algo do momento, do que *acontece*. O violão volta para mim. A música acaba. O violão roda o círculo de pessoas em busca de alguém que toque uma música, para em *Zacarias*. Ele toca uma a pedido de um dos técnicos, que canta com empolgação e insiste que os demais pacientes-internos a cantarem junto, sugerindo que eles já a conhecem, como se a música fosse ensaiada por eles. Não conheço a música. Não canto. Apenas observo *Zacarias* tocá-la. A música é interrompida pela passagem da panelada de comida. O violão volta a girar em busca de outro alguém que possa tocar a saideira. Ninguém parece disposto. Vejo a hora, preciso ir. Levanto-me. Despeço-me. À parte do grupo, converso com *Zacarias*, pergunto para onde ele vai, com quem ficará, ele responde, desejo-lhe boa sorte e força. Despeço-me. Normalmente, neste gesto, sou eu quem vou, hoje, quem vai é *Zacarias*. [No fundo há um desejo de que ele vá e não precise mais voltar, um desejo de que ele contrarie as estatísticas e as histórias que vagam por esta terra de clausura e dizem o contrário: quem vai, volta, *provavelmente* volta. Desejo o improvável. Há também uma ‘tristeza’ pela partida, por saber que se o desejado se realizar este *provavelmente* é nosso último encontro. Talvez pudesse pegar seu telefone ou buscar outra forma de manter contato, mas meu corpo trava e só desperta quando ele fala.] Antes que eu vá ele fala, “*Manda um abraço para a Michele*”. E respondo, “*Mando sim... Tchau*”. A sensação de despedida dobrada segue-me. Quase saindo prédio do HCTP ouço, lá no fundo, a saideira...

30.9.16 – Um exercício de listas

Sexta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: caneta; papel; jogo de listagem, no qual cada participante escolhe uma cor e lista todos os objetos no recinto daquela cor.

Neste dia a oficina acontece na sala de aula do Hospital. O ambiente é pequeno – aproximadamente dezesseis metros quadrados –, mas há uma quantidade muito grande de materiais, diferente do que ocorre no refeitório. Lápis de cor, caneta, canetinha, papel, revistas, mapas, cartazes, livros, quadro branco, armários, estantes, entre outras coisas que comumente se encontra em uma sala de aula. No centro da sala, uma mesa retangular, dois bancos; sobre a mesa, alguns materiais

citados e um globo terrestre. Estamos em seis – quatro participantes, Camila e eu – e, escolhidas as cores, começamos a listar os objetos.

O caso da lista de países. Em dado momento, após desistir de continuar a lista de objetos amarelos, *Omar* começa a listar países do globo terrestre que está sobre a mesa. Girando a esfera ele vai selecionando os nomes dos países que lhe aprazem e anotando-os no papel, um a um. Da cor, a lista passa para afinidade, países afins, países que agradam.

O caso do confidente. Enquanto converso com *Alberto*, que me explica o significado dos cartazes que ele insiste em colar na parede antes de começar sua lista, aparece à porta *Miguel*, um paciente-interno que há tempo já não aparece nas oficinas. Ao vê-lo *Alberto* exclama: “*Ô, meu amigo! Por favor entre.*”. Confirmando que *Miguel* pode entrar e, logo que ele se aproxima, *Alberto* o cumprimenta e diz-me: “*Ele foi meu confidente quando eu cheguei aqui*”. Percebendo que o “*amigo*” fica um pouco incerto em relação ao significado do adjetivo que lhe foi endereçado, *Alberto* pergunta: “*Sabes o que é confidente?*”. “*Confidente? De confiança?*”, responde *Miguel* um tanto quanto hesitante. “*Isso*”, exclama *Alberto*. [Há gestos aí, um gesto percebido (o olhar que desconfia do adjetivo), um gesto oferecido (o cuidado em esclarecer o adjetivo).]

O caso dos dois pacientes-internos sentados no banco.

Enquanto recolho os materiais para partir, pela janela vejo dois pacientes-internos sentados em um banco de cimento que circunda um pequeno canteiro no centro de um pequeno pátio (uma espécie de jardim interno). Ali, a sós, de costas para mim e a poucos metros de onde estou, eles conversam, próximos um do outro e em um tom parcimonioso, de modo que capto senão os movimentos dos lábios. [Algo na cena remete a uma serenidade incomum naquele lugar, pois não se trata da calma produzida pelas ordens ou da morosidade, efeito dos medicamentos.] Ambos trabalham na rouparia, um deles é *Miguel* com quem a pouco conversei e que justamente falou-me de um “*amigo*” que trabalha consigo na rouparia e cuja companhia lhe apraz – diferentemente da maioria das presenças naquele lugar, o que, inclusive o levou a trabalhar na rouparia como meio evitar os demais pacientes-internos.

14.10.16 – Poesia, jogar com as palavras

Sexta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: livros de poesia; papel; caneta; exercício de

leitura; exercício de cópia.

Sobre a mesa espalho vários livros de poesia. Peço que cada um selecione uma, depois a leia em voz alta e por fim começamos a copiar cada uma a sua poesia em um papel. Por meio destes exercícios nos *demoramos* nas poesias e nesta demora começamos a conversar sobre elas, mas fundamentalmente *conversar*.

O caso da mudança de regras. No movimento de aproximar poesia e jogo, começo uma conversa sobre as regras do jogo, como estas são necessárias para que ele aconteça e que não se pode modificá-las a bel-prazer – ao menos não sem *modificar o* ou *criar um* jogo. Neste momento *Alberto* pergunta-me: “*Você sabia o que dizia Albert Einstein, quando ele tinha um problema para resolver e não o conseguiu resolver?*”. “*O que?*”, devolvo. “*Mude o paradigma no qual o problema é exposto*”, ele responde-me. E seguindo a conversa percorremos a ideia de que não se é necessariamente expulso do jogo por se mudar as regras, mas elas devem ser mudadas coletivamente.

O caso das botas militares que falam de liberdade. Onde todos veem, no resultado da oficina de grafite (27.7.16), desenhado apenas “liberdade” em letras estilizadas, o olhar de *Alberto* vê o formato de botas, propositalmente assim desenhadas, “*botas militares que falam de liberdade*”, ele me explica.

O caso das maneiras de sobrevivência. *Alberto* escolhe o poema “*Science Fiction*”¹⁰⁹ de Drummond de Andrade e dois versos marcam nossa conversa: “Como pode existir, pensou consigo, um ser / que no existir põe tamanha anulação de existência?”. Falamos sobre a “anulação de existência” – presente nos corpos, nas regras, nas rotinas etc. – que ocorrem neste tipo de terra de clausura. Assim, pergunto: “*O que se faz para sobreviver aqui dentro, diante destas coisas que, como diz Drummond, anulam a existência?*”. *Alberto* responde: “*Pergunte para cada um como cada um sobrevivi... Uns ‘dão o rabo’... Cada um sobrevive do seu jeito*”. Algumas risadas. “*Eu sobrevivo lendo meus livros. Fico imerso numa outra dimensão*”, diz *Vicente*, cujos livros são presentes enviados pelo pai. “*Obviamente eu escolhi um exemplo extremo*”, retoma explicativo *Alberto*. Afirmo ter compreendido e então pergunto a *Jorge* como ele faz para sobreviver. “*Escuto música*”, diz-me ele agarrado a seu radinho a pilha. *Alberto* retoma a palavra e explica que

¹⁰⁹ ANDRADE, 2007, p.488-489.

sem pilhas ele já não pode mais ouvir seu rádio portátil como meio de sobreviver.

Busco instigá-los: *“Que outras formas existem de sobreviver, já que às vezes não dá para ler, não se lê o tempo todo?”*. Vicente responde: *“Exercício físico. Por exemplo, jogar basquete... Trocar ideia com os camaradas”*. Neste momento, Alberto faz uma observação, *“Eu nunca troquei ideia com você”*, indicando Vicente, que o ignora e continua o que dizia: *“Tem o outro. Quando tem o outro daí já se transforma em outra maneira de ser, de se pensar, de se conviver. Porque você está convivendo no dia-a-dia com as pessoas, tem que interagir com elas”*. Alberto tenta retomar sua observação, *“Você sabe por que eu nunca troquei ideia com você? Por causa das suas tatuagens. Não as aprecio, sou do sistema antigo”*. Então Vicente replica, *“É tua maneira de pensar”*. Alberto concorda e continua, *“É... O que não quer dizer que você é uma má pessoa, mas acho que foi isso... As pessoas sempre procuram seus iguais”*. Pergunto: *“É mesmo?”*. Vicente objeta: *“Alguns procuram o diferente”*. Alberto diz: *“Alguém falou isto, que se procura os iguais... Talvez Freud”*.

Tencionando prolongar o assunto pergunto, *“E como lhes parece essa frase de sempre procurar os iguais? Alberto está aqui há três anos e Vicente há seis meses e eles nunca se falaram. Por que será que isto acontece?”*. Alberto comenta, *“Realmente... São poucos que falam com poucos”*. Jorge afirma em uma repetição acelerado: *“É amizade, né? É amizade”*. Alberto explica: *“Você pega o círculo dos mais próximos e suas influências”*. Faço outra pergunta: *“E como é aqui dentro a amizade?”* Alberto diz: *“Aqui alguns são alcaguetes. Então você não pode se abrir com qualquer um, dado que a maioria é alcaguate por alguma razão, para ganhar vantagem”*. Indago, então: *“Saber de coisas dos outros pode trazer vantagens?”*. Ao que Vicente contrapõe: *“Pode gerar desvantagem também. Por exemplo, quando vamos comer temos direito a uma marmita. Se eu ganhar duas e algum de vocês ver e contar para o agente, é caguetagem, claro, e daí está gerando um problema”*. Alberto, em um tom elucidativo, expõe: *“Quer ver como se camufla a alcaguetagem aqui, a sacanagem dos guardas? Este guarda estava outro dia aqui, parado aqui, e eu ganhei uma marmita extra e sentei ali com o Miguel.”*, em silêncio ouvimo-lo seguir sua história, *“Depois o guarda disse que Miguel dedou alguém que me entregou uma segunda marmita, mas o próprio guarda me viu recebendo a segunda marmita, não precisava ninguém dedurar, o guarda viu. Uma certa malícia do guarda”*.

Em um tom curioso pergunto: “*Não dá para estabelecer amizade aqui? Não dá para se ser amigo aqui dentro?*”. Rapidamente Jorge diz: “*Dá*”. “*Por que?*”, pergunto. “*Porque sim*”, responde Jorge com ares de obviedade. Então, Alberto diz apontando Jorge: “*Ele não tem nada a esconder. Ele veio de longe e está aqui. Não tem nada a esconder, só uma pena expiar*”, e em um tom explicativo segue, “*Para ele aparentemente é vantajoso estar aqui. Ele não tem nada a perder, por isso para ele dá para ter amizade. Ele parece simplório, ao menos parece*”. Vicente, em retornando minha questão, responde, “*É possível*”. Indago, “*E como é que fica a questão da alcaguetagem e da amizade, porque o amigo talvez saiba de coisas que podem te prejudicar?*”. Vicente explica-me, “*É, mas se ele é amigo ele não vai fazer isso*”. Sigo perguntado, “*E como é que sabe que ele é amigo?*”. Vicente explica, “*Justamente por isso, porque não cagueta, porque não traz riscos para nós. Daí isso gera uma amizade*”. Questiono então qual o sentido do vocábulo “risco” e Vicente responde, “*Em relação aos guardas, às regras...*”. Alberto, então contamos, “*Muitos guardas trazem-nos pão no meio da noite e pedem-nos pelo amor de deus que não contemos que foram eles. Entre os próprios guardas há alcaguetagem*”. Pergunto a ele, então: “*E porque eles fazem isso de trazer o pão?*”. Alberto pensa por uns segundos e coloca, “*Por amizade. Quer dizer, há amizade*”. “*Entre vocês e os agentes?*”, pergunto surpreso. “*É*”, diz Alberto singelamente. “*E sem ganhar nada em troca?*”, questiono. Ao que Alberto responde, “*É, não podemos oferecer nada, absolutamente nada*”. Há um breve silêncio e então ele continua: “*Eventualmente algum dia lá fora você pode reconhecer, mas eu acho que o cara faz de bom coração. Não há nenhuma garantia, ao contrário, ele só se arrisca*”.

Silêncio pensativo. Olho o relógio, é hora de ir.

28.10.16 – Uma poética dadaísta

Sexta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Carta de ação: palavras impressas e recortadas retiradas de poesias selecionadas pelos participantes na oficina anterior (28.10.16); técnica dadaísta de composição de poesia.

Com um pote cheio de pequenos papeis começamos a experimentar uma composição poética um tanto quanto dadaísta, selecionando as palavras e colando-as em uma folha de papel. Somos quatro no jogo com as palavras e cada um utiliza sua própria *lógica* de

composição.

Eu vou cavoucando as palavras em busca daquelas que, em uma frase, produzem para mim belas imagens; escrevo um “Soneto sedutor” em que se lê: “Nasci distante; / soluço de vida, / navio errante. / Trago agonia, desejo / e sentimento ardente de aventura. / Rumo ao horizonte que não vejo. / Deixo naufragar em meu / pélagos negro de uivos / o torpor do eu. / Existir, / a condição humana de ninguém. / Viver deleita meu sangue, / no temporal consigo sorrir.”; também componho outro pequeno poema, este chamado “Colóquio”: “A falta de palavra / Fez-se corpo! / E a água fez-se mar. / A existência? / Por ondas / Desfez o escrever.”.

Pablo Gonzaga, que praticamente não sabe ler nem escrever, pega as palavras e as vai dispondo sobre o papel e depois colo-as ali para ele – já que sua motricidade fina é afetada –, formando uma constelação de palavras batizada de “pressentimento dignificar estremeço”. O poema pouco significado tem enquanto conjunto de frases – “marciano Para ser viver de areias”, “impossibilidade passou! morrendo”, “leves, ia frio; A finitudes que A diante vi tu ar” –, mas produz uma poética dadaísta com sua estética de dispersão e agramaticalidade.

Alberto apenas dá um título usando as palavras do pote, “descoberta, encontrou-me”, e segue sua poesia escrevendo com caneta uma ‘denúncia’ do uso de maconha no pátio do Hospital “sob o olhar complacente dos guardas”.

Vinícius, em uma poesia sem título, escreve: “desintegrou-se problemas de cidades colorindo paisagem... / no modelo tão silencioso”.

Um a um, os participantes vão deixando a oficina até que resto apenas eu. Guardo o material e parto.

18.11.16 – Zero em didática

Sexta-feira, oficina proposta por mim, das 9h às 11h.

Cartas de ação: O filme “Zero em comportamento”¹¹⁰; equipamento para exibição; conversação.

O caso da legenda I. Nesta oficina arrisco ignorar as ‘advertências’ quanto à exibição de vídeos legendados, dadas as experiências malogradas dos outros oficineiros, e exibio o filme “Zero em

¹¹⁰ “Zéro de conduite – Jeunes diables au college”, filme de Jean Vigo de 1933 (VIGO, 1933).

comportamento”, que, com toques surreais e através da narrativa de experiências de meninos em uma escola, dramatiza a sociedade da época e seu cenário de burocracia, autoritarismo e repressão. O tom libertário é explícito e extremamente humorado, de modo a fazer sua crítica social ridicularizando as figuras e aparatos de poder. Filme francês da década de 1930, legendado, preto e branco, como uma narrativa muito distinta dos filmes “*blockbusters*” contemporâneos – uma combinação de fatores que facilmente levaria a pressupor uma exibição desastrosa – ainda assim, sigo. E o que se passa é que o filme encanta tanto os participantes que, ainda que alguns não saibam ler ou que não consigam acompanhar a legenda, ao fim da exibição o número de participantes é praticamente o mesmo. [A linguagem das imagens em movimento toca-lhes a despeito da linguagem verbal, o que parece reforçar-se no fato de a maior parte também ter ficado para uma conversar sobre o filme na sequência.]

O caso da legenda II. Dentre os comentários (alguns um tanto quanto esperados, e.g., assemelhar escola e prisão), um participante, *João*, que esteve muito atento ao filme, pergunta-me sobre o que havia em uma legenda específica, “*A única frase que eu não consegui ler*”. A frase em si é irrelevante, o que marca é o desejo que o move a apreender o máximo possível do filme, nenhuma frase parece poder escapar-lhe.

O caso dos dois garotos sob a chuva. Outro comentário que me marca, ainda do mesmo rapaz, é sobre uma sequência de cenas em que, em meio a um passeio das crianças com o professor novato, uma dupla de jovens se destaca – eles andam mais próximos ao longo do percurso, trocam risadas e, ao final do passeio, quando o grupo chega à escola sob a chuva, os dois passam abraçados, com o caso de um deles sobre a cabeça de ambos a protegê-los da chuva. Na entrada da escola o diretor e um professor mais antigo na instituição observam a chegada do grupo. O professor novato (com quem as crianças fizeram o passeio) e os alunos passam pelas autoridades a passos rápidos e cumprimentando-as. Os dois garotos, que chegam por último, em seu próprio ritmo, ignorando o professor e o diretor seguem através do pátio para dentro da escola, sob a chuva, sem uma palavra, sem lhes olhar. A observação do participante ressalta a fala do diretor logo que os dois jovens chegam, “*Veja só, ainda juntos*”, e passam, “*Essa amizade se tornou excessiva. [...] Eles precisam ser vigiados.*”. *João* comenta a cena, “*É como se aqueles dois juntos fossem perigosos. Estar junto pode ser perigoso, suspeito, às vezes. Lá, mas aqui também*”. No filme a cena que se segue mostra um dos jovens amigos, o mais novo, indo à sala do diretor que o adverte: “*Meu pequeno,*

sou quase como o seu pai. Na sua idade, há certas coisas, não é mesmo?”, uma pausa ele segue, “Bruel (o outro amigo) é mais velho que você. Sua natureza, sua sensibilidade, não é mesmo? Depois há a dele: um neurótico psicopata...”, e finaliza com alarde, “...e Deus sabe o que mais!”. Vamos elencando a série de riscos que nos parecem indicados na cena: a sensibilidade, a neurose, a idade, a proximidade, a intimidade, a psicopatologia, a homossexualidade, a amizade... O tema empolga-me. O *João* parece tocado pela cena, que não tem o mesmo efeito sobre a maioria. Não obstante à vontade conversar, é chegada a hora de partir, interrompo a conversa, guardo o material, despeço-me deles, agradeço-lhes e sigo-me embora.

O caso do homem na escada. Logo que saio do portão principal do complexo penitenciário, deparo-me com um homem em uma escada a pintar a faixa do muro, é *Eugênio Kaminski*, ex-participante das oficinas. Ao me ver ele desce e me cumprimenta; pergunto o que faz ali e ele me explica que está repintando a máxima, “Serviço humanizado. Cidadania respeitada”, estampada logo à entrada da instituição. Este trabalho, explica-me *Kaminski*, permite-lhe reduzir a pena, já que conseguiu transferência do HCTP de volta ao presídio, onde retornou a cumprir sua pena inicial – a mudança do Presídio para o Hospital logo em frente acontece amiúde àqueles que passam a habitar o HCTP, o movimento de “retorno”, ao contrário, é assaz raro. Fico contente por ele conseguir a transferência que almejava (30.6.16), porém parte do sorriso em minha face é pela ironia da cena – justo alguém que sofreu e sofre a violência desse lugar repintando aquele *slogan*.

15.12.16 – Festim diabólico

Quinta-feira, festa de fim de ano, das 14h às 16h.

A convite de participantes das oficinas e da instituição, vou à festa de fim de ano do HCTP – provavelmente minha última visita à esta terra de clausura durante as viagens desta pesquisa. Como de costume, a festa é regada a muita comida e apresentações culturais; os visitantes (familiares em sua quase totalidade) também abundam. O que diferencia este ‘festim diabólico’ é um convite que recebo logo que chego: vou entrando no pátio e cumprimentando os conhecidos, quando sou reconhecido por dois agentes, sentados em uma das pequenas mesas de pedra, que me invitam a sentar com eles. Ainda que a estranhá-lo um pouco, aceito o convite e tomo assento. Como sei que são agentes que há

muito trabalham ali, vou fazendo perguntas sobre os tempos idos da instituição. Dentre as muitas coisas que eles contam, marcaram-me duas que remetem ao *status* de hospital da instituição: **(1)** segundo a percepção deles, houve uma transformação na natureza dos pacientes-internos: antes eles eram “*doentes mentais, loucos*”, diz o agente, “*agora a maior parte é viciado em crack*” [Teria o HCTP ainda a mesma função?]; **(2)** eles também falam, com certo saudosismo, de que até alguns anos atrás havia um interesse da Universidade Federal no espaço e que isto produzia diferença na instituição, nos tratamentos – estudantes de medicina faziam seus estágios aqui, aprendiam e ajudavam no tratamento (psiquiátrico) dos pacientes-internos – e que agora isto acabou-se [Agora, quem está aqui? Por que nós, do Geografias de experiências, não somos citados como parte desta relação interinstitucional? Compomos com esse jogo Universidade-Hospital?]. Entre uma fala e outra desta conversa com os agentes, participantes das oficinas se aproxima, cumprimentam e trocamos algumas palavras. A conversa com os agentes só termina quando tenho de ir. Despeço-me deles, levanto-me, vou me despedindo dos pacientes-internos (alguns a distância, outros aproximam-se para despedir-se e desejar boas festas) e vou-me. Atravesso portas-portões-grades, atravesso o grande muro branco que separa aquela terra de clausura de outra. Deixo uma para trás, adentro outra, a levar comigo uma sensação vibrátil de inacabado (*work in progress*) no corpo, um inquietante e violento e alegre e bailarino movimento do pensamento [A partir de viagens cartográfica e experiências em educação nesta terra de clausura, que pode a amizade?] que transborda o abismo e transpassa seus muros...

CARTAS A AMIGOS: NOTÍCIAS DAS TERRAS DE CLAUSURA

CARTA A UM ARQUITETO

Estimado amigo,

Escrevo em viagem. Viagem cuja pretensão de realizar te mencionara num dia em que jogávamos conversa fora num bar da capital. Dia em que me contavas como, no início da década de 1990 em um município de Santa Catarina, a lógica da cidade fizera moldar a arquitetura de um *Shopping Center* que lá tentava instalar-se. Moldar sua forma arquitetônica desde o exterior que incorporava o enxaimel ao interior que referenciava à imagem de uma cultura germânica que a cidade tanto quisera fazer sua. Não fora pouco o esforço do *Shopping* em torna-se parte da dinâmica da cidade, tornar-se um prolongamento de sua *arquitetura*. E, ao fim da década, o *Shopping*, símbolo da sociedade contemporânea, inverteu essa relação de forças, a ponto de tornar-se o modelo arquitetônico de toda uma cidade, ou ao menos do centro dela, imprimindo nesta área sua dinâmica sobre as ruas, as lojas, os veículos e as pessoas – a engolir aquilo que fugia à lógica de gentrificação e de fluxo de capital e prazer.

E se naquele dia, fascinou-me a maneira como a arquitetura desse território-*shopping* se relacionava com os corpos – carne e pedra – e como uma história tão próxima envolvia-se em temas tão globais; hoje, daqui, escrevo-te para dizer que, por onde passo em viagem, a arquitetura não me é menos *marcante*. Essa arquitetura que produz (e se produz em) territórios – menos os territórios que aprendemos nas aulas de geografia na escola e mais os de uma geografia viva e pulsante de relações, territórios povoados –; aqui, essa arquitetura é-me sensível na carne. Não há como adentrar o espaço sem ser visto, sem ter de parar e aguardar (o comando) para então seguir. É nítida a forma como ela imprime um modo de *habitar o território* a este meio. Quase não há espaços não-vigiados ou vigiáveis: os corredores retos dão sempre um acesso ao olhar, assim como as pequenas aberturas nas portas bem fechadas.

Há segmentos, alguns próximos, outros distantes, que envolvem um abismo, uma espécie de grande buraco negro. Nos segmentos, vigilância. O que se vigia? De um lado, « os movimentos, as manifestações súbitas, as infrações, perturbações e rebeliões que se produzem no abismo. » Essa vigilância detecta (ou produz) « o contorno

de células gigantes, de grandes divisões binárias, dicotomias, segmentos eles mesmos bem determinados, do tipo “sala de aula”, [...] ramos, cadeias, fileiras, colunas, dominós, estrias. Às vezes, descobrem, nas bordas, uma figura malfeita, um contorno tremido ». Então, nesses casos, « restaura-se a ordem molar por um instante ameaçada. » – *sobrecodificar* as coisas, na carne e no sangue – questão de Estado... Doutro lado, a vigilância sobre « uma micro-segmentaridade, detalhes de detalhes, minúsculos movimentos que não esperam para chegar às bordas, linhas ou vibrações que se esboçam bem antes dos contornos ». Tudo isto colabora para esta empresa de controle, ainda que por vez, pela proximidade e constância, gere uma « obscura simpatia » destes que exercem essa vigilância do abismo.

Esse modo de habitar, logicamente, não é o de um *shopping*, mas antes o das instituições disciplinares. Embora se os possa aproximar – com certo humor, é claro –, já que ambos são *terras de clausura*, posto que aqui, tanto quanto aí, « a vida é mais pequena que na minha casa no cimo [de um] outeiro », a vida nessas espécies de « grandes casas [que] fecham a vista à chave, escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo céu, tornam-nos pequenos porque nos tiram o que nossos olhos nos podem dar e tornam-nos pobres porque nossas única riqueza é ver ». Ainda assim, há um elemento fundamental que distingue os dois territórios – a *eletividade*. Enquanto num *shopping* a ideia de escolha (fortemente ligada à liberdade de consumo e à circulação de pessoas e mercadorias) dá o tom, aqui a disciplina marca uma *obrigatoriedade*, uma ausência (ou, ao menos, uma restrição) de escolha e um controle dos movimentos. Obrigação de estar aqui, de cumprir uma rotina, de seguir um tratamento, uma restrição (ou quase ausência) de consumo, uma regulação bem estrita dos gestos. São inúmeras as vezes em que um gesto desencadeia uma reação de controle: uma frase desviante insistente (« *Dá para enxertar uma parreira de uva em uma parreira de maracujá...* », diz um vigiado) que precisa tornar-se didática (« *A gente pode experimentar, desde que não seja algo perigoso.* », diz um vigilante), um desejo de fumar maconha expresso inadvertidamente na presença de figuras de controle, ou os inúmeros atos que levam os pacientes-internos a ficarem fechados, i.e., trancados em cubículos como forma de punição segundo me dizem os habitantes compulsórios desta terra ou « *trancando sob acompanhamento quando ele apresenta algum risco a sua própria integridade ou a integridade dos outros.* », como me explica uma técnica daqui. Trata-se de um regime de controle que se diz em cada centímetro

da arquitetura: a planta, funcional em cada um de seus ângulos; as portas, feitas de madeira espessa; as janelas poucas; as grades muitas; as paredes assépticas; os cubículos claustrofóbicos; os corredores vigiáveis; as entradas e saídas controladas; os espaços ao ar livre murados; os corpos... Os corpos cerrados, guardados, uniformizados, drogados, anestesiados, porém nunca mortos. Assim são os que habitam esse lugar, obrigados ou a trabalho.

Em dado momento da viagem, deparo-me com uma cena no pátio externo: vários pacientes-internos espalhados por uma quadra de futebol cercada. Uns vagam pelo espaço arrastando-se num ir-e-vir cíclico e exaustivo. A cena angustia-me, eles parecem animais enjaulados há muito andando em círculos por não terem espaço, por não terem saída. Ainda que guarde diferenças de uma jaula, o lugar não parece ter um efeito menos perturbador neles, ou melhor, em mim – a arquitetura aprisiona um animal cujo olhar foi esmorecido pelo vai-e-vem de mil barras « e além das mil barras nenhum mundo ».

Tal aproximação *arquitetônica* não é vã, meu caro amigo. Ora, não são estes lugares elaborados mais ou menos segundo as mesmas estratégias? Não é verdade, como outrora me disseste, que a arquitetura benthamiana é como que *inspirada* no primeiro zoológico (do rei) em sua forma moderna, aquela obra do arquiteto Le Vaux construída em Versailles em 1662 ao rei Louis XIV? Pois « o Panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem... », e em suas entranhas – e não apenas no pátio –, este território por onde viajo reproduz a arquitetura do zoológico/panóptico: o agrupamento específico e classificatório. Aliás, as classificações sobejam aqui; estão em cima das portas (nos números, nomes e identificações de “fechado”), nos laudos médicos, nos processos jurídicos, nos uniformes e nas medidas de segurança; agrupam por meio da disposição em cubículos, enfermarias e nos pátios – « *o da direita é onde ficam os mais loucos, os “fora da casinha”;* e o outro é a galera mais de boa... ». Parece-me que é essa lógica – que, por um lado, exaure as forças animais e indisciplinadas destes corpos enjaulados aqui e que, por outro, produz estes sujeitos controlados, mais ou menos disciplinados, capazes minimamente daquilo que chamamos de socialização –, parece-me que é essa lógica aquela capaz de tornar esse lugar, enquanto tal, funcional, eficiente.

Funcional e eficiente através dum jogo de *visibilidade* e controles dos corpos. A luz é suficiente para que nada fique à sombra dos olhares vigilantes, « naturalmente as formas podem, à noite, ser observadas à

vontade de maneira tão estrita como durante o dia », porém a pouca ventilação é insuficiente para eliminar o mofo que inunda os pulmões a cada arfada de ar e, ao mofo, misturam-se os cheiros de urina, fezes e produtos de limpeza, compondo um aroma único que parece impregnar os contornos duros deste lugar. Mofados e duros são os corredores do prédio, assim também o são os quartos e os demais espaços fechados, bem como os caminhos que levam para fora, os caminhos burocráticos e legais que permitem chegar ao juiz, que permitem deixar sair; assim como são os acessos ao conhecimento da situação legal de cada um ali, são os acessos aos pátios murados (externo ou internos), são os acessos ao mundo. Aqui a arquitetura disciplinar mistura-se à do Castelo (*Schloss*) kafkiano: as visitas são recebidas nos corredores em meio ao trânsito de pessoas, falas, papéis, aparelhos, drogas (lícitas)... As conversas e gestos entre visitantes e visitado ficam expostas a tudo e a todos e sua dimensão particular é sempre instável ou de difícil expressão. Foi deste modo que conheci os parentes daqueles enclausurados aqui, foi assim também que vi os olhares constrangidos (e corpos nada à vontade) destes parentes diante da circulação e dos olhares constrangedores daqueles que passavam à vontade.

Este lugar, meu caro, é produzido por meio de uma engenharia do espaço que reitera, facilita e potencializa uma rotina burocrática, exemplar nas assembleias – cada momento um momento, nada pode se antecipar nem se retardar, nada parece escapar muito aos trajetos corretos, às ideias regulares, aos procedimentos normais. Todavia, a rotina também está presente na comunicação com o juiz (esse que « não se conhece em absoluto » e que dificilmente foi visto), tão desejada pelos habitantes, porém tão restrita não só em termos de quantidade, mas no modo como se dá: caminho reto e, de certo modo, obscuro; há sempre um modo preciso e correto de fazê-lo, todavia, que não parece plenamente acessível a todos os habitantes, que sempre escapa ou se dissimula em sua codificação.

A rotina burocrática está presente das idas ao dentista às doses diárias de medicamento, passando pelas visitas à barbearia – para deixar o cabelo curto e a barba feita –, às assistentes sociais e às psicólogas. Está nas listas de chamada, geradas pela instituição, que autorizam uns e desautorizam outros a participarem das atividades, classificando-os. Tudo tão estriado, caminhos tão marcados, tão definidos; um território tão difícil de se repovoar, que, a miúdo, parece até impossível de ser des/refeito, de permitir fluir, *fuir*, fugir. E não falo de fluxo de escolha,

comércio e consumo, obviamente, e sim de um fluxo outro – fluxo que permita escapar às estrias, àquilo que se forma no entrecruzamento dum hospital e duma prisão e dum manicômio, no traspasso das linhas duras da loucura e do crime e da doença, no atravessamento das identidades do delinquente e do doente mental e do paciente, dos estigmas de ser criminoso e louco e doente – escapar a este aparelho que agencia tantas arquiteturas em um só território.

Uma estrutura arquitetônica que dá forma e articula uma série de violências: violências institucionais e simbólicas e físicas. Violências a quem entra e violências contra quem não sai – a violência de saber que, como mo disseram técnicos e pacientes-internos, a maior parte nunca deixará *de fato* esse espaço, seja porque logo voltará, seja porque nunca dele sairá. Violências também no modo pedagógico de se *ensinar* as coisas, modo escolarizado de ler o mundo (« *Veja se eles entenderam...* », « *Porque o mundo é assim...* ») – ainda que seja leviano identificar esse território à escola. Violências, na pele, nos ossos – os hematomas –, na mente. Violências expressas, às vezes, com humor, como ao ver um participante de uma oficina parodiar uma música e cantar, « *Ratátá! Ratátá! O sangue vai escorrer, aqui onde o filho chora – BUM! – é no HCTP* »; às vezes, com ironia – lembro do dia em que me deparei com um paciente-interno, que me havia contado das dores vividas ali dentro, enquanto repintava o letreiro no muro de entrada: « Serviço humanizado, Cidadania respeitada ».

Esse corpo arquitetônico, meu amigo, além das memórias que ativa – filmes a que remete, vivências que relembra, histórias que recorda, em suma, imagens que reproduz – de manicômio, hospital, prisão e escola; além disso, esse lugar marca meu corpo, minhas ações e relações. Essa arquitetura é explicitamente decisiva na forma de habitar esse território e nas maneiras e estratégias de (traçar) fuga, de habitar de outro modo esse espaço (e nele elaborar outros territórios). Territórios outros que experimento por meio de oficinas, por meio da *habitação do território*, por meio exercícios de liberdade – se esse lugar é um abismo, « esse abismo, é o inferno, de nossos amigos povoado! » –, mas isto deixo para nosso próximo encontro num bar.

Antes de finalizar, queria fazer uma ressalva, pois talvez, e só talvez, pareça que eu elogie a lógica do *shopping* em detrimento da disciplina, todavia, tu que me conheces sabes que não se trata disto. Trata-se, antes, de lidar com um estranhamento, produzir um estranhamento, dar-lhe língua. Outrossim, com tu, vivencio o território-*shopping*, porém

aqui, nesse território-disciplina, num dos vários territórios-disciplina (que na concretude estão mesclados aos territórios-*shopping* e deles só se separam por exercício de abstração do pensamento, da escrita, da linguagem), aqui *nessa* terra de clausura, pode produzir um estranhamento a esses aparelhos que tanto nos são familiares. Pois, em verdade, muito daqui não é tão estranho *per se* ao território aí: a vigilância, a assepsia, o controle, a segurança, a classificação, a rotina e outros dispositivos que compõem este lugar por onde viajo estão presentes neste lugar que habitas e o qual tão bem analisas com teu olhar de arquiteto, de historiador de espaços. Muito daqui é familiar, todavia precisei estar aqui para poder olhar com o estranhamento de um viajante, com o estranhamento de um cartógrafo.

Enfim, nem melhor nem pior, apenas *outro*...

Com afeto,
Cartógrafo

CARTA A UMA EDUCADORA

Querida amiga,

É engraçado escrever daqui a quem a aqui me ‘fez’ chegar... Claro, não fui obrigado a estar aqui, como acontece a outros que aqui habitam, e não foi nem pelo desamor nem pelo amor que faz com estes (outros) acabem por aqui que me indicaste este destino de viagem. Foi, antes, por amizade. Foste tu, como bem sabes, que me sugeriste as leituras que a aqui me enviaram, foram tuas palavras, em nossas conversas, que para cá me seduziram a viajar. E por isso sou grato!

Há sempre muito o que dizer deste lugar, desta viagem, desta viagem com estes que « não se deslocam. Estão sempre no mesmo lugar. Andam no mesmo lugar, sobre o mesmo solo. Às vezes, nos mesmos lugares desde a infância: de menor infrator a adulto criminoso, sempre indivíduo perigoso que vai de instituição em instituição... ». Estes que não se deslocam, mas viajam, « porque pensar é viajar. » Há sempre muito a dizer deste lugar, destas viagens, porém seleciono um pouco do possível. O que poderia eu dizer a uma *educadora* sobre este lugar? O que te seria interessante? O óbvio. O que te seria novo? O já dito. O novo e o interessante são uma repetição, como questão de estilo e como um estilo de questão. O novo e o interessante dessa viagem, a ti, seriam a *educação*.

Em meu movimento de *educação em terras de clausura*, a educação é uma presença à maneira de Ts'ui Pen: sobre ela (quase) nada se fala. « É neste silêncio que ela reverbera sua força ». E, se agora dela falo, é por meio da forma de um segredo que, devindo linha de fuga, já não tem mais nada a esconder e torna-se inapreensível, e não tanto na forma um tesouro encontrado – a verdade revelada. Não, antes: « a descoberta encontrou-me ». O que poderia eu dizer-te da educação, então, não é nenhuma *revelação*, pois ela tornou-se inapreensível às linhas segmentares duras e a seus cortes, que lhe dariam uma identidade. Neste estado de segredo, a escrita passa da representação à « dramatização » e, desta sorte, dramatize-se ao longo da habitação de território, da escrita de diário, dos movimentos das oficinas e da cartografia. Dramatiza-se em cada carta desta viagem, sem que se precise dizê-la. Ora, se o faço é, por um lado, por uma questão de estilo – preciso experimentar outra coisa que a representação – e, por outro, por uma questão política – preciso experimentar outra coisa que a escolarização. Se ela se torna aqui tal tipo de segredo inapreensível, é porque não se a deixa, em certa medida, sedimentar nas molaridades daquilo que *é*, daquilo que se pode bem determinar.

Entrementes queda a pergunta: *o que se passou?* Queda tua pergunta: *o que está pegando?*

Nestes dias que passo aqui, posso perceber a educação desmaterializar-se, evoluir « para um ponto em que dela não seja mais desejável dizer nada » e, assim como o navio afasta-se do porto, ainda que temporariamente, para se aventurar no mar, vejo-a afastar-se dum « sistema identificável, apreensível, avaliável, mas cujos efeitos se fazem sentir na capacidade de desmontar tentativas de docilização para a produção de homens úteis. » Dessa desmaterialização, aqui, devém a inutilidade, a inoperância, os vacúolos de não-comunicação – que não são buracos negros (fascistas) que dragam tudo para si, mas buracos brancos (artesãos) capazes de expelir de si até mesmo um universo *outro*.

Sabe-se que as arquiteturas religiosas haviam ritmado o tempo do trabalho, da prece e do prazer, a partir disto, o capitalismo pode fazer-se e, com este, eclodiu a prisão – e tudo o mais que buscou proteger a ordem do inquietante nomadismo (os filhos de Cain: pastores de rebanho, beduínos, *roma*, andarilhos, vagabundos, errantes, perambulantes, *flâneurs*, viajantes...) e seu devir incontrolável (elétrons, impossíveis de serem capturados, alocados ou fixados sem que com isso deixem de *ser*). Nas várias terras de clausura, que contra esta potência se ergueram, a

utilidade parece um de seus elementos primorosos! Não só a utilidade ligada ao *poder*, mas também as utilidades do *saber*, de onde a necessidade da escola e, mais, da escolarização, mas também das ciências humanas e psicologia e medicina e criminologia e...

Reunir algumas pessoas para oficinas, reunir os que queriam, é parte do meu exercício aqui. Jogar com *inutensílios*, *desobjetos* e outras coisas que não servem para nada é parte de minhas oficinas. De que serve, a um analfabeto, construir uma poesia? Qual a utilidade em escrever uma carta para um amigo que ‘não existe’? Sobre uma terra que ‘não existe’? Para que a diligência na elaboração de uma carta que nunca será entregue ao destinatário? Qual a utilidade (e a didática) de um filme francês legendado a quem não consegue ler e muito menos sabe francês? De que serve empilhar pedaços de madeira? Listar coisas da mesma cor? Jogar Uno? Mímica? Eis o que são ‘minhas’ oficinas...

Oficinas poéticas talvez, já que « as coisas que não levam a nada têm grande importância » para poesia, « cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia [...] Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado [...] Tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para poesia ». E quando se percebe por que e para que estas pessoas estão aqui, vê-se que são de certa feita algo que se rejeita e pisa. Nessa « Casa dos mortos », o cheiro de mijo parece entranhado na pele; é o reduto dos « loucos de água e estandarte », porém são estes mesmos que servem demais à poesia, « o traste é ótimo, o pobre-diabo é colosso, pessoas desimportantes dão para poesia [...] O que é bom para o lixo é bom para a poesia. As coisas jogadas fora têm muita importância – como um homem jogado fora ». Aqui, nessa grande casa que tanto nos empobrece, esse homem jogado fora sobeja e é dele que brotam e florescem as forças do *Fora*. Forças capazes de desmaterializar territórios, desterritorializar as matérias (de ensino). É das inutilidades deles que vertem as oficinas de *inutensílios* – não sou eu que as levo a eles, mas antes, são eles que me arrastam às oficinas.

Começo com um jogo, tentando abrir espaço para o inútil e para o improdutivo, acabamos por jogar com quaisquer coisas, todavia não de qualquer forma (passamos a sobrepujar as diferenças entre jogar e brincar e tocar e encenar e... Passamos a *to play* e *spielen* e *jouer* e...). E vez ou outra conseguimos inutilizar saberes e poderes – e aí a matéria de poesia faz a *poesis* de uma « nova terra » – um pé que se assenta, para que outro se mova; uma viagem dentro da viagem, uma viagem sem sair do lugar. Enquanto o tabuleiro queda sobre a mesa, brincamos de esconde-esconde.

Fresta, fissura e ruptura nessa terra de clausura: eu viajante, nós viajantes (eles e os vários viajantes em mim) vivemos instantes festivos, queridos e desejados. Os « muros brancos » que nos cercam e os « buracos negros » que nos vigiam impedem que saíamos fisicamente deste abismo murado, mas não impedem que produzamos outro território ao habitarmos de outro modo esse espaço – as oficinas e as festas e... Ainda que durem pouco tempo, neste abismo, é um tempo distendido; e ainda que as festas sejam no « *inferno* », « Esse abismo, é o inferno, de nossos amigos povoado! ». E tudo isso deveio, também, duma alegria anárquica que contigo aprendi!

Entrementes, as oficinas não são apenas um exercício de ‘produzir’, mas outrossim de esvaziar. Ao modo da postura de um viajante, houve que se dar lugar à « inocência de esquecer o que se leu, aprendeu e ouviu/entendeu (*entendu*) ». Para dissecar as entranhas desse lugar e chegar às profundezas da pele, precisei abandonar, o máximo possível, o « turista comparatista » e precisei a cada dia exercitar a difícil « arte de desler ». Ou então, não seria o caso « fazer gaguejar a língua » ao estilo do corpo apaixonado de Luca, « ouvir o que nos dizem as crianças », aquilo que elas mais pronunciam, as coisas que não têm nome », que em tem toda sua « ignorança », dizem de uma « didática da invenção », de uma « pedagogia profana »? Não haveria aqui o cheiro de um devir-criança, aroma de « crianceria »?

Bom, certamente, era uma questão aprender, sobretudo, a desler os « rostos » e as « paisagens », « desrostificar »: ver para além do rosto, ver as máscaras que ali se escondem, ver para além do louco, para além do condenado, do doente, mas também para além do médico, da psicóloga e do agente penitenciário – ver que além (ou aquém) desses contrastes preto e branco, há um matiz de sabores, uma nuance de odores: entre um louco e outro, há um inominável, entre um agente e outro, há um inesperado... A inocência, a ignorança, a gagueira, então, implica abrir espaço a uma deseducação do óptico e para uma sensibilização do háptico: uma percepção que habita, uma inteligência *sensível* – capaz de apreender blocos de sensações, conjuntos de *afetos* e *perceptos* – um olhar de artista, mais do que de filósofo.

Enfim, tanto dizer quanto perceber esse segredo inapreensível implicam uma dobra sobre ele mesmo: ela, uma educação, se apreende no próprio processo em que se a aprende ou se a exercita, um tipo de educação na qual se a aprende – aprendo a captar lascas de afeto, na medida em que apreendo uma educação em lascas. Não uma educação

que se possa delimitar, em um modelo, mas uma que se possa localizar em experiências, que é « indeterminada », mas não absente de rigor: nem conforme nem disforme – *informe*; nem exata nem inexata – *anexata*. Uma educação que se inscreva em uma ciência nômade, mais uma máquina de guerra e do que aparelho de Estado...

Quiçá eu me exceda na adjetivação, porém é na intenção de expressar forças que arranquem desse lugar de ‘terra firme’ (de clausura) e façam dela uma travessia arriscada – uma educação para além das paisagens pedagógicas, escolares e didáticas, uma educação como parte de uma geografia da experiência.

Se falo dessa educação em terras de clausura é porque ali vivo algo de outra natureza, ou ao menos (que vibra) noutra intensidade. Talvez seja mais prudente que eu retome o ensinamento de Ts’ui Pen e me silencie – entretanto pela potência do silêncio, ou em um silêncio potente... Volto, então, a exercício de (ex)pô-la em ação, em expressão.

Foi nesta viagem que pude entender o que falava um amigo, professor, a respeito do *Bildungsroman* e daquele que se expõe a experiência. E nesta travessia de risco, nesta viagem de formação – a antiguidade já bem sabia da « função formativa da viagem » –, uma vez mais: *o que se passou? O que está pegando?*

Um educar viajante! Ziguezagueante e interminável, no qual se devém amante da rota, do caminho, da leitura, sim, mas mais ainda da escrita que põe em marcha. « O trajeto conduz das coisas às palavras, da vida ao texto, da viagem ao verbo, de si a si » e nesse trajeto, a viagem compõe-se como um (re)encontro à subjetividade – viagem de rotas e buscas inquietantes que põe em jogo a identidade do viajante, que põe em jogo a *formação* do educador. « Que posso eu saber de mim? ». Que posso eu fazer de mim? E não se trata de um movimento egoísta, nem dum romantismo que levemente cairia na inversão dos papéis: não aprendi sozinho, tampouco foram eles que me ensinaram. O movimento é outro; nem no sujeito nem no objeto, o acento aqui recai sobre a relação (e sobre a experiência) – uma questão de encontro, de encontros: encontros com coisas e pessoas e lugares e sensações e... Haveria nisso qualquer coisa de devir-animal, talvez do nobre animal – o poeta? Haveria qualquer coisa de alargamento do corpo – uma *arte* de elaborar um corpo sem órgãos? Talvez, mas, fundamentalmente, há encontros.

Encontros com máquinas que emperram, onde algo acontece, mesmo quando a oficina não acontece, como quando uma oficina de dar nomes devém um *happening*, uma *jam session*, que inverte a fórmula

costumeira de ter maior número de participantes no início do que no fim, que subverte a lógica de ter de dar espaço à refeição, (já que, em sua maioria, as oficinas se realizam no refeitório) e seduzindo aqueles que chegam para preparar o almoço a prolongar a oficina, que já não era mais a oficina ‘planejada’, era o que se passava...

Encontros como exercício de « pensamento », pensamentos em derivas, narrativas kafkianas e movimentos brownianos. Como quando em meio a uma oficina um participante conta: « *O meu problema é que peguei cadeia e, quando estava na cadeia, deram-me remédio, senão eu não precisaria tomar remédio. Daí da cadeia eu vim para cá, que é quase uma cadeia. É uma cadeia, né? É igual a uma.* » Até sigo um caminho aparentemente já sulcado, creio saber onde a rota levará, então ela se bifurca e segue uma vereda inesperada: « *A diferença são as injeções que eles dão, mas isso aí é espiritual, é o sexo do homem e da mulher, que não se excluem, as injeções não têm efeito nenhum* ». São conversas que parecem poder, a qualquer momento, desviar-se para um caminho totalmente singular, as frases e gestos apontam para coisas imprevisíveis, pulos aleatórios. Um discurso que parece se encaminhar para uma zona conhecida dá um salto e, feito um tamanco de madeira lançado em meio às engrenagens, atravanca as expectativas, empena o funcionamento ‘confortável’, ou ao menos didaticamente esperado. É preciso estar pronto para reajustes, ouvir o que se passa com atenção para saber como seguir e dar o próximo passo. Repito, é preciso uma sensibilidade háptica. Não haveria aí toda uma arte criativa em contraponto a uma técnica « recognitiva »?

E ainda outra vez: o que se passou? O que está pegando?

A resposta talvez soar estranha a teus colegas pedagogos: foi aqui, nesta grande casa que tanto empobrece o olhar; aqui, onde cheguei como *educador*, que tive uma das experiências mais ricas em educação. Entrementes, e aqui está uma daquelas coisas que revelam a graça da vida, a riqueza não está naquilo que ensinei (se é que se ensina), não está naquilo que eles aprenderam (como poderia eu saber o que eles aprendem?), não está na educação *deles* (eles que muitas vezes são essa « completa alteridade »), e sim – na minha própria educação!

Eles, meu espelho d’Alice, meus olhos de Magritte. Esta viagem, ainda que silente, um intenso processo de formação de um educador, de um pesquisador, de um viajante, de um ser humano. Isto, uma educação capaz de escapar de alguns buracos negros – que devêm buracos brancos, que expelem em vez de sugar –, capaz atravessar algumas paredes brancas

– desfazendo os projetos, que devêm projéteis...

Isto que escrevo a ti, minha querida amiga, que busca desescolarizar em terras escolares (de clausura), que me instigou a essa experiência não-escolar em terras de clausura, isto, então, poder-se-ia chamar de uma carta sobre “Uma educação sem imagem”, ou “Uma experiência de viagem”, ou “A formação de um pesquisador” ou...

Enfim, onde houve quem esperasse que eu ensinaria a falar, eu aprendi a gaguejar.

Com afeto,
Cartógrafo

CARTA A UM PROFESSOR

Mon cher ami d'outre-mer,

Tu nunca me perguntaste, “O que ensinas?”, pois, antes de mim, já sabias que a resposta mais lúcida, corajosa e plena, i.e., a mais dotada de *parrésia* (παρρησία), seria: “Nada”. E há uma carga, um vetor e um rigor neste “nada” mais criadores do que anuladores, há mais a potência de uma ontologia diferencial do que de um moralismo niilista, haja vista que está em questão um nada capaz de impedir que a poesia – a *poíesis* (ποίησις) – acabe.

Tu, tão primorosamente, mais do que professar verdades, professastes palavras dignas, justas, certeiras – palavras de existência. Mais que conduzir a criança, como um *paidagogós* (παιδαγωγός), conduziste à criança. Não como sujeito, e sim criança como a figura nietzschiana criadora e amoral. Fizeste-me andar sem outro guia que a mim mesmo. E, em vez de conduzir-me da infância à maturidade – e todo esse ranço educacional da *aufklärung* –, instigaste a criança-em-mim; em vez de fazer da criança um porvir, abriste espaço a uma « crianceria », um devir-criança (e também -louco e -mulher e -animal e tantas outras minorias nobres).

Tu também nada me ensinaste em nossa relação. E o valor disto foi que nela algo de muito nobre, alegre e vigoroso pode passar-se comigo, nela houve *experiência*! Como quem atravessa um umbral no qual está inscrito: *SAPORE AVDE!*

Mon cher ami amante das palavras,

Falo aqui de uma experiência que tem sido insistente e obstinadamente impedida ou ao menos desprezada e enfraquecida. Impedida por quatro linhas de força: a informação; a opinião; a *ascholé* (*ασχολή*) ou o *negotium*; e o trabalho. Especialmente o excesso destas quatro linhas – tão elogiado pela sociedade contemporânea, tão fundamental ao sujeito moderno: « além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. »

Informação. Na sociedade de conhecimento, de aprendizagem, de ensino, de informação, a quantidade e a velocidade são a lei e todo esse processamento de informação ultradinâmico e hiperinstantâneo, nada tem a ver com experiência. Pobre Heráclito, não sabia a miséria (poética) a que se poderia reduzir seus versos! *Panta rhei* (*πάντα ῥεῖ*)? Aqui tudo *hiperflui*!

Opinião. Os meios de comunicação, o periodismo e a fabricação de informações e opiniões, em geral – o que incluiria boa parte dos aparatos educacionais modernos –, não produz experiência, produz falta de *silêncio*. E silêncio aqui é outra coisa que *silenciamento*, esse sim muito recorrente e fundado no excesso de comunicação (informação e opinião). O silêncio, *autrement*, dá-se nos vacúolos de não-comunicação, tão raros e caros a nós, vacúolos onde a experiência pode (se) passar.

Ascholé ou negotium. Pressa, obsolescência programada, instantaneidade, sensação pura, vida instantânea, marcas de um mundo habitado pelo « sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece ». A falta de tempo livre, o ócio, a *scholé* (*σχολή*) – ironicamente quase extintos nas escolas contemporâneas, esconjurado dos currículos atuais – inviabiliza a *experiência*.

Trabalho. Trabalho não é sinônimo de ‘ocupação’ ou ‘emprego’, « é essa atividade que deriva da pretensão » cuja a finalidade é uma dominação, ainda que parcial, das ‘forças da natureza’ para a produção de seu ‘mundo’. Trabalho é sinônimo de transformar, produzir. O sujeito moderno animado por uma mistura de progressismo, otimismo e agressividade, crê (e age por esta crença) de que pode transformar o

mundo a bel prazer, e, se ainda não o pode, num *futuro* – essa idealização moderna que substituiu a vida *post-mortem* da moral cristã – poderá fazê-lo. A partir de projetos que negam a tragicidade do mundo, esse *homo laborans*, cuja hipérbole manifesta-se no *workaholic* – ponto em que vértice dessa linha de força quase toca o eixo $x -$, não pestaneja em destruir aquilo que « percebe como obstáculos à sua onipotência ». Independente da natureza da vontade que os anima, do engenheiro ao pedagogo, do cientista ao jornalista, o hiperativo da transformação/produção coincide e sobeja. E muito pouco aí pode se passar.

Geografia da experiência. À experiência, somos *territórios de passagem* e não *terras de clausura*, somos superfície sensível àquilo que acontece, às marcas, aos vestígios, às lascas de afetos que pedem passagem. À experiência, somos, talvez, menos o *ponto* de chegada e mais o plano de incidência, a matéria que acolhe, que recebe aquilo que está de passagem. Se tratar-se-ia, então, de uma geografia de experiência? Nesta geografia, ao se esconjurar os excessos (de informação, opinião, *negotium* e trabalho), não se faz uma ode à ignorância, mas um elogio da exposição. Trata-se de uma relação com o risco e com a paixão, com a viagem e com o incógnito, com travessia e paciência...

Risco. Experiência, do latim “*experi*”, provar. O radical “*Periri*”, em *periculum*. “*Per*”, que remete à travessia antes de remeter a provar, indica o limite, o limítrofe, o limiar. E a *peirates* (*πειρατής*). “*Ex*”, estrangeiro, exterior, exílio, estranho, existência... Risco, travessia, viagem... Experiência.

Paixão. E como território de passagem à experiência, havemos com ela um *páthos* (*πάθος*), não no como (pura) passividade, mas como passionalidade: um tipo de padecimento no qual se é paciente, no qual se assume a paixão. Paixão como um tipo de heteronomia, que não se opõe à autonomia e à liberdade, mas à pueril crença da independência dos individualismos ensimesmados, tão moderna. Paixão como um tipo de desejo que oblitera a possessão, tanto de si quanto do outro, por parte do sujeito apaixonado – sujeito alucinado, para além da liberdade e da escravidão, apaixonado pela própria relação de ser território de passagem, pela morte do sujeito, pelo nascimento do Outro... A paixão e o risco, implicam uma experiência de vida e de saber, muito *autrement* que a vida biológica (*Zóo*) ou comunicativa ou econômica, que o saber útil, imparcial e intercambiável, uma vida e um saber distintos das necessidades e interesses do Capital e do Estado. Uma *páthei máthos*

(πάθει μάθος) em distinção à *mâthésis* (μάθησις), um saber singular, imanente e contingente, em vez de um saber universal, transcendente e invariável; um saber que transborde sujeito-objeto, objetivo-subjetivo, para os planaltos do relacional, para os altiplanos da experiência. Um saber ligado ao modo de conduzir a vida (*βίος*): uma estética da existência.

Mon cher ami poliglota,

A experiência – o que *nos pasa, ce que nous arrive, quello che succede a noi, that what is happening to us, was passiert mit uns*, o que nos acontece –, « a possibilidade de que algo nos aconteça [...], requer um gesto de interrupção [...]: requer parar pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. » E é a experiência que me deste – não me ensinaste, não a aprendi, mas, como dádiva (*donus*), a recebi – que agora carrego comigo em minhas viagens por esta *terra de clausura*.

Mon cher ami maestro,

Tu também me deste, uma vez, uma sugestão (*suggestio*) para uma oficina, dentre tantas outras pistas e dicas e *tickets*, diretos e indiretos. Agora, escrevo-te para contar de um acontecimento fruto desta sugestão, que talvez não soe muito ‘filosófica’ ou ‘grandiosa’, talvez soe ‘prática’, mas cujos efeitos implicaram uma *experiência*. Um dia apresentaste-me um vídeo, « *Zéro de conduit* », e de pronto comentei contigo que pensava, então, em exibi-lo a uma turma de pedagogos e pedagogas em formação, na qual eu daria algumas aulas. Tu me provocaste: « *Por que não exhibes este filme no HCTP?* »

Exibi o filme aqui, ainda que as condições fossem as mais ‘adversas’: dificuldade de conseguir e transportar o matéria necessário à exibição, dificuldades no dia para alocar o projetor em um lugar minimamente propício à exibição, adversidades relativas à natureza do filme – quem em sã consciência exibiria um filme francês, da década de

1930, legendado, preto e branco, para sujeitos muitas vezes analfabetos ou semianalfabetos, quase todos inquietos por conta dos remédios e da vida monótona naquela terra de clausura? Mas quem aqui está em função da Santa Consciência?

Exibi o filme no interior destas paredes que « fecham a vista à chave, que escondem o horizonte, empurram o olhar para longe de todo o céu ». A luz do projetor parecia perfurar as paredes deste lugar, era como se pudéssemos, então, olhar para fora do abismo que nos observava e vislumbrar uma « nova terra ». Isso que perfurou a parede também permitiu a alguns vazarem àqueles obstáculos da experiência, de que te falei acima, e ali, onde tudo parecia adverso, algo (improvável?) se passou conosco...

Quando exibira o filme à turma de graduação em pedagogia, em uma conversa didaticamente planejada logo após o filme, os alunos e alunas demonstraram-se críticos e rápidos em dizer que o filme fazia uma afronta às disciplinas e outras estratégias de controle; tão logo a conversa começara, eles identificaram nas crianças os sujeitos rebeldes que representavam a força e a necessidade de combate ao poder – todos os que emitiram suas opiniões eram contra aquele aparato repressor!

Se houve aqui (HCTP), entre aqueles que assistiram ao filme, quem apontasse semelhanças entre a escola do filme e a instituição em que habitavam, quem apontasse a repressão, essa não parecia ser a conversa que mais nos interessava, não era este ponto que nos *animava*... Algo aqui diferenciou... Talvez porque o fluxo de informações seja parco, quase restrito; talvez porque a opinião dos loucos e criminosos e doentes, que aqui habitam, pouco valha, pouco importe; talvez porque aqui o ócio sobeje – ainda que os horários sejam todos burocraticamente programados, a ocupação não é sempre uma regra –; talvez porque o trabalho aqui seja um tanto quanto utópico, ou rarefeito. Talvez por tudo isso junto. Entrementes, esses elementos dispersos e recorrentes no cotidiano daquelas pessoas, pareceram-me articularem-se sobre aquele plano liso em que algo aconteceu, aquela oficina.

Se me arrisquei a atravessar um terreno incógnito, percebi, tão logo o filme começara, que não o atravessaria sozinho... Não poderia dizer da experiência de nenhum dos presentes naquela oficina, mas poder-te-ia dizer da minha experiência com eles, em especial com um deles. A sensibilidade de um daqueles participantes foi apaixonante. Ali onde se via repressão, autoritarismo, homofobia, ele tornou sensível o perigo de uma amizade, o risco que atravessava a relação entre dois jovens amigos

e também a força estética e existencial que se expressava ali.

A primeira pergunta desse participante foi sobre o que havia em uma legenda específica, “*A única frase que eu não consegui ler*”. A frase *per se* é irrelevante ao que quero fazer nota: o desejo que o move ao filme é de um *páthos* que me comove. Depois que digo a frase que lhe escapara, ele permanece alguns minutos num silêncio ruminante.

Passado certo tempo, ele começa a falar sobre uma sequência de cenas, que te descrevo a seguir: em meio a um passeio das crianças com um professor novato, uma dupla de jovens se destaca – eles andam mais próximos ao longo do percurso, trocam risadas e, ao final do passeio, quando o grupo chega à escola sob a chuva, os dois passam abraçados com o caso de um deles sobre a cabeça de ambos, a protegê-los da chuva. Na entrada da escola o diretor e um professor mais antigo na instituição observam a chegada do grupo. O professor novato e os alunos passam pelas autoridades a passos rápidos e cumprimentando-as. Os dois garotos chegam por último, com certo retardo em relação aos demais. Em seu próprio ritmo, os garotos ignoram o professor e o diretor e seguem através do pátio para dentro da escola, sob a chuva, sem uma palavra, sem lhes olhar.

O participante da oficina ainda ressalta a fala do diretor logo que os dois jovens chegam, « Veja só, ainda juntos », e passam, « Essa amizade se tornou excessiva. [...] Eles precisam ser vigiados. » O participante diz, « *É como se aqueles dois juntos fossem perigosos. Estar junto pode ser perigoso, suspeito, às vezes. Lá, mas aqui também.* »

Na cena que se segue no filme, então, um dos jovens amigos, o mais novo, vai a sala do diretor que o adverte: « Meu pequeno, sou quase como o seu pai. Na sua idade, há certas coisas, não é mesmo? », uma pausa ele segue, « Bruel [o amigo] é mais velho que você. Sua natureza, sua sensibilidade, não é mesmo? Depois há a dele: um neurótico psicopata... », e finaliza com alarde, « ...e Deus sabe o que mais! ».

Nós dois elencamos uma série de riscos que nos pareciam indicados na cena: a sensibilidade, a neurose, a idade, a proximidade, a psicopatologia, os possíveis, segredos, a homossexualidade, simplesmente estar juntos... O tema empolga-me. O participante que destacou a cena parece tocado por ela, cena que não tem o mesmo efeito sobre a maioria aqui, nem mesmo a maioria lá fora. Nossa conversa só é interrompida pela chegada do horário de almoço que nos obriga a parar. Entretanto, minha alma não para, estou atravessado pela sensibilidade, talvez não possa dizer *dele*, porém ao menos deste *encontro*. Em meio a

uma terra de clausura, aparentemente devastada e quase inabitável por aquilo que difere, vejo uma sensibilidade à força de uma amizade (perigosa!). Aqui entre esses a quem muito facilmente se diz a amizade ser impossível, justamente aqui se demonstrou uma sensibilidade à amizade. E quando digo que a amizade é supostamente impossível, é porque há quem diga que entre aqueles que possuem transtorno mentais não há possibilidade de amizade, há também quem o diga improvável já que amizade é quase sempre ligada à eletividade, tornando-se inviável em terras de clausura. Em um lugar onde transtornados mentais são compulsoriamente alocados é que vejo uma sensibilidade ímpar à amizade. Em uma época em que o bem supremo parece ser a *eletividade* (liberdade de consumo, poder de escolha, direito ao voto – eleição proliferadas como grande marca da democracia capitalista) e o pior dos infernos é a *obrigatoriedade*, não poderia ser a amizade uma possibilidade de travessia para outra coisa? Como poderia uma terra de clausura compulsória, esse abismo que nos observa, ser povoado, ainda que apenas enquanto *sensibilidade* – pela amizade? Eu responderia: « *ce gouffre, c'est l'enfer, de nos amis peuplé !* »

O que se passa em mim, então, é a pergunta, que ainda não posso responder, mas que poderia chamar de minha mais valorosa experiência de pensamento até aqui: o que pode a amizade para além dos territórios da obrigatoriedade e da eletividade?

(Uma *coda* ou uma *ouverture*?)

Enfim, uma amizade « *dans les entrailles de la terre, qui ne connaît ni Dieu ni moi* »

Com afeto e à *bientôt*,
Cartógrafo

CARTA A OUTRO CARTÓGRAFO

Prezado amigo,

Agradeço-te por teu escrito sobre amizades contemporâneas, que me interessou, com tudo o mais que escreveste. Quem teria um dia sonhado que hormônios e neurotransmissores teriam influência na distribuição da amizade? A partilha de teus mapas e notas de tuas viagens animam a escrita de outros viajantes que, como tu, aventuram-se por

terras estrangeiras. Sinto-me como Wallace e Darwin trocando correspondências, ao ver que várias de minhas suspeitas não são solitárias, de que não se tratam de puro devaneio solitário. Sinto-me, assim, teu amigo.

As peculiaridades do que descreves são muitas, mas o caso dos sachês de açúcar parece-me emblemático. Ali onde pudeste ler, « sorria mais, descansar de mais leva a oxidar-se, encontre novas fronteiras, reconheça seu valor e [...] faça mais amigos », para mim, estavam reunidos os diversos aspectos dessas amizades de nosso tempo que apresentam: saúde, bioquímica, mercado e individualização.

No que tange à amizade, saúde e bioquímica rapidamente articulam-se através da ocitocina, que faz com que tratemos estranhos como se fossem de nossa própria família e, assim, se pode compreender a relação à luz de um hormônio. Ora, é justamente por meio deste ‘hormônio da amizade’ que se vai construir uma relação amical capaz de benefícios à saúde: « amizade era um bem, amizade fazia bem », não enunciavam os especialistas com quem cruzaste? Mas também falavam eles de neurotransmissores, da serotonina mais especificamente, mais presente nas relações de amizade entre mulheres, capazes de auxiliar no combate a depressão e na produção de uma sensação de bem-estar. Além de indicarem uma diferença bioquímica nas relações de gênero, reiteravam a ligação entre saúde, amizade e bioquímica – o que já estava, de certo modo, nos papéis de açúcar. Uma espécie de *slogan*: açúcar para o café, amizade para a vida. O que, por sua vez, é propagado (ou propagandeado) nos meios de comunicações mais populares, entretanto, ainda ali, esse deslocamento discursivo parece passar despercebido sob o manto do óbvio.

Bem apontas, estes benefícios amicais à saúde vão *plus ultra* à fisiologia. Amizade pode, indicam os especialistas, auxiliar no tratamento de distúrbios da psique dada a capacidade *influência* da amizade. Aí, sutilmente, o tema da saúde-bioquímica vai adentrando o mundo do mercado e da individualização. Esse procedimento vai apontar para uma saúde ‘pós-estatal’, um cuidado neoliberal com a saúde, e eu diria que aí a amizade encontra-se com o processo de formação de um *homo œconomicus* neoliberal, i.e., « um empresário de si mesmo ».

O campo que se forma no cruzamento da amizade, do mercado e da individualização tem se tornado cada vez mais profícuo e explorado. A intensificação do consumo por meio da individualização é patente na comercialização de produtos, com alimento, em porções individuais –

consumo rápido e solitário. Outro apelo mercadológico ao consumo advém, nada mais nada menos do que, da amizade – como no teu caso dos papalotes de açúcar. Mas também apontaste o caso do « dia dos amigos », em que um comerciante dizia: « Nem todo mundo tem pai, mãe ou namorado, mas todo mundo tem um amigo. E por que não prestar uma homenagem ao amigo no dia dedicado a ele » e homenagear ali obviamente era comprar algo. O que parece apontar é o que chamo de *capitalização da amizade* – que aparece nos dizeres do apelo de *marketing*: « Tem um amigo que mora longe? Aproveite as promoções », digo-te que tive de ler duas vezes essas frases para conseguir conectá-las, para entender a lógica que as liava. Também está no refrigerante que anuncia seus cinco milhões de amigos; ou em promoções, como na rede de *fast food* que anunciava: « pequenos amigos, grandes festas » em um site que assigna « amizade vence »; ou bancos que chamam de amigos seus clientes, quando, no cheque, « logo após o nome do cliente, lia-se: amigo desde novembro de 2001 » – na terra onde o trabalhador tornou-se colaborador, teria o cliente se tornado amigo?

Neste ponto sinto-me lançado outra vez ao que me há sido uma espécie de *ritornello* com o qual hei me deparado em diversos momentos de minha viagem: o *shopping*. *Shopping*-arquitetura, mas também *shopping*-lógica e *shopping*-subjetividade, uma terra de clausura que permeia a cidade – onde a capitalização da amizade sobeja: em nome de coleções de joias; nas publicidades do dia do amigo do *shopping* que pede a seus frequentadores que deixem seus recados sobre amizade em um mural no meio do centro de compras, depois tire uma foto e publique nas redes sociais com a marca « #muraldoamigo » e, em troca, a homenagem é exposta nas redes sociais do *shopping* « pra todo mundo ver. Inclusive seu melhor amigo! ». Talvez te soe enfadonho, mas prefiro que entendas com certo humor a intensidade dessas repetições. Além da homenagem no dia do amigo, a discursividade da capitalização implicava o convite ao consumo com os amigos, um elogio à felicidade capitalista: desfrutar um « cineminha », « fugir da dieta », « bater papo no café », com esse amigo « carinhoso », « descolado », « que conta piadas ».

Aqui no HCTP as pessoas respondem à pergunta do que se compartilha com um amigo com algo que se parece semelhante, a princípio, aos amigos do *shopping*: « *um passeio no campo, pode até ser a cavalo. Compartilham um jogo de cartas, um dominó, assistem a um jogo de futebol, vôlei, handebol na televisão* ». Essas « ocasiões », como eles chamam, designam momentos de alegria com o amigo, mas também

momentos de ócio (*otium*), como parece ser o caso do *shopping*. Entretanto, ele logo mostra a que veio e faz outro uso destes momentos com o amigo, que « não resiste a promoções », que é « fã de vitrine », que « esquece onde estacionou », momentos de negócio (*negotium*). Essas características comporiam não apenas um, mas uma diversidade de amigos *capitalizados*, posto que « todos eles são muito felizes aqui [no *shopping*] ».

Neste íterim, quão primoroso é o termo que cunhaste, « amizade empresarial », para designar uma amizade de sujeitos em que « a economia de mercado deve necessariamente funcionar como um princípio de inteligibilidade das relações sociais e dos comportamentos individuais »! Amigo como forma de prestígio e *status* social (e se essa ideia talvez não pareça nova, é certamente novo o fato de sua legibilidade dar-se por meio da ideia de “capital humano”); amigo como meio de « ascensão profissional »; e a *friendship* do sujeito empresário de si vai culminar naquilo que encontre sob o signo da « *workship* »: mais do que um contrato social, menos que uma amizade de infância, « limites seguros em relações profundas ». Elementos de uma estratégia de subjetividade empresarial, que, se não substituí, ao menos diferencia-se da, até então ‘hegemônica’, subjetividade burguesa.

Em minhas viagens deparei-me como alguns dimorfismos dessa amizade que, creio, poderiam contribuir ainda para essa amizade capitalizada, empresarial. Já ouviste falar de « *friendship marketing* »? Termo cuja tradução é tão difícil quanto desnecessária. Falo de um conceito estampado em um livro cujo subtítulo diz: « fazendo crescer seus negócios através do cultivo de relacionamentos estratégicos ». Um modo de fazer funcionar a amizade controlando-se os riscos da relação, presentes na « amizade tradicional », deliberadamente selecionando e conectando apenas certos pontos da amizade aos negócios. E como a amizade é definida dentro desta lógica? Assim: « Amizade é baseada no alinhamento de metas ». Vale notar também que aí também se pode ler que, apesar dos momentos prazerosos, « amizades carregam uma etiqueta de preço ». Vejo aí uma *ratio æconomica*, que vai capturar a amizade, definindo-a a partir de uma lógica de mercado, para depois dobrá-la sobre o negócio, fazendo-a um conceito « intercambiável de sua vida pessoal para sua vida empresarial ». O que culmina no projeto otimista e progressista de formação das novas gerações. *Friendship marketing* seria um saber voltado para o futuro, projeção e estatística, incluindo o pensamento sobre o futuro de nossas instituições educacionais. Algo

sobre o que escreverei se tiver forças.

Ora, espantas-te quando vês que porcentagens são usadas para falar dessa amizade, que é individualização na frente, bioquímica atrás, no meio mercado? Em minhas viagens encontrei três tipos de evolução dessa *matematização da amizade*: (1) uma linguagem algébrica, mais próxima da *máthêsis*; (2) outra, mais próxima da sociologia, estatística; (3) e, entre elas, uma terceira, algorítmica. Envio-te, então, alguns desenhos disto que encontrei.

Primeiro seguem três exemplos dessa forma algébrica (1), que mormente estão encadeadas em uma série de funções matemáticas:

$$(a) IS(i, j) = 1 - \frac{\sum_{h=1}^n w_{ih} |v_{ih} - v_{jh}|}{\sum_{h=1}^n w_{ih}} \quad (\text{SUN; YANG, 2007, p.1285})$$

$$(b) IG(A) = H(S) - \sum_{t \in T} p(t)H(t) \quad (\text{KHADANGI et al., 2013})$$

$$(c) P(D|w, \theta)P(w, \theta) =$$

$$\left(\prod_{(i,j) \in D} P(z^{(ij)})P(z^{(ij)}|x^{(i)}, x^{(j)}, w) \prod_{t=1}^m P(y_t^{(ij)}|z^{(ij)}, \theta^t) \right) P(w)P(\theta_t)$$

$$\alpha \left(\prod_{(i,j) \in D} \left(e^{-\frac{1}{2v}(w^t s^{(ij)} - z^{(ij)})^2} \prod_{t=1}^m \frac{e^{-(\theta_t^T u^{(ij)} + b)(1 - y_t^{(ij)})}}{1 + e^{-\theta_t^T u_t^{(ij)} + b}} \right) \right) e^{-\frac{\lambda w}{2} w^T w} \prod_{t=1}^m e^{-\frac{\lambda \theta}{2} \theta_t^T \theta_t}$$

A linguagem “estatística” (2) utiliza-se de tabelas e gráficos como meio de « decodificar emoções », mas não envio aqui exemplos desta linguagem posto que já é bem conhecida, e produzida aos borbotões.

E, por fim, segue uma série de exemplos desta linguagem algorítmica (3):

$$(a) 0.03q_1 + 0.3133q_2 + 0.455q_3 + 0.03q_4 + 0.03q_5 = q_1$$

$$(b) 0.455q_1 + 0.03q_2 + 0.03q_3 + 0.455q_4 + 0.88q_5 = q_2$$

$$(c) 0.455q_1 + 0.3133q_2 + 0.03q_3 + 0.03q_4 + 0.03q_5 = q_3$$

$$(d) 0.03q_1 + 0.3133q_2 + 0.455q_3 + 0.03q_4 + 0.03q_5 = q_4$$

$$(e) 0.03q_1 + 0.03q_2 + 0.03q_3 + 0.455q_4 + 0.03q_5 = q_5$$

$$(f) q_1 + q_2 + q_3 + q_4 + q_5 = 1$$

Há nisto que compartilhaste de tua viagem, nobre amigo, tanto

sobre o que eu gostaria de conversar... Por exemplo, as relações entre amizade, escolarização e pedagogia – que agora tornaram-se um « monumento discursivo » –, desde quando se lê que « o *bullying* é a negação da amizade » até a possibilidade ver em « Homero e seu guia », de Bouguereau, o signo de uma pedagogia que dá ao infante o direito (e o dever) da amizade. Pedagogia que vê na amizade um elemento de ensino-aprendizagem, tanto na relação professor-aluno, quanto na aluno-aluno – seja quando se diz, « Aprendendo com os amigos », seja quando a amizade é tema de reflexões sobre o exercício (ético-estético) da docência, ou ainda no momento em que ela é posta como elemento importante às questões pedagógicas contemporâneas, como a inclusão e o rendimento escolar. Amizade tornou-se, aí, elemento da escolarização contemporânea, mas sobre isso escreverei se tiver forças.

Preferiria usar o espaço que resta desta carta para o tema, para a problemática que tem sido para mim a grande aventura de meu pensamento nesta travessia pela terra de clausura chamada HCTP: em que amizade apostar em terras de escolha e obrigação?

Desta tríade – amizade-eletividade-obrigatoriedade – tu dás a mim algumas pistas em tua pesquisa. Quando falas das redes sociais virtuais, a mesma que aparece em meus encontros com o *shopping*, torna-se visível uma auxese desta eletividade – procurar um amigo, eleger um amigo, aceitar um amigo, sem jamais precisar ter a experiência da *sorte* (o contingente e o acaso e o inexorável). A “amizade virtual” seria um jogo cujas informações são quase todas abertas, cujas variáveis são quase todas controláveis, cujo tempo é quase sempre instantâneo e manipulável. Qualquer semelhança com a amizade empresarial não seria mera coincidência: « esta é a moeda de troca nos sites de relacionamento: você expõe um pouco sua intimidade, eu exponho a minha e assim se criam vínculos ». As relações entre estas amizades seriam algo interessante a ser estudado, quem sabe seja tema para outra viagem.

Ainda não seja preciso um estudo aprofundado da questão que ponho, creio poder adiantar que, aqui e agora, ali e lá, a linha de força eletivo-obrigatório parece atravessar todo o discurso contemporâneo da amizade, todos os jogos de verdade que animam essas relações, todos a « veridicção » aí implicada. E, para iniciarmos uma conversa neste sentido, aponto mais algumas evidências... Já aponte a presença da eletividade na amizade empresarial, bem como na virtual, aponto agora, então, um outro ‘polo’ das amizades contemporâneas: “amizade política”, ou *politização da amizade*. Muitas vezes ligadas a um projeto de *repolitização* da

amizade, esse processo parece inserir a amizade em um campo de relações deliberadas, racionais e implicadas no comum (viver comum, interesse comum, espaço/tempo comum...). Não seria essa implicação no comum justamente aquilo que faria da amizade uma relação *obrigatória* entre os cidadãos? Mas há aí toda uma nuance entre os ‘polos’ e um cruzamento entre as várias linhas de força. Na retórica, por exemplo, da *familiarização da amizade*, qual aspecto salta aos olhos quando se quer diferenciar um amigo de um irmão? A escolha – o irmão é irmão por laços que independe da escolha, o amigo, ainda que chamado de irmão, é fruto de uma eleição. Os enunciados de uma “amizade moral”, se entendemos o termo “moral” à maneira spinozista, não poderiam formar outra tensão entre essas linhas de força? Posto que estes enunciados dizem de uma metafísica da amizade, uma lei imutável, universal e, por consequência, obrigatória. Ou ainda, quando se vê atualizar a questão da « *philautía* », um amor/amizade a/sobre si mesmo, em uma cultura do *ego*, não parece plausível ver aí vibrar essa corda da eletividade, a colocar o “eu” (e sua vontade) como eixo da amizade? Em lugar do Deus-Lei da amizade moral, não quedaria o Eu-Vontade de uma “amizade individualista”? Enfim, deixo-te apenas as pontas soltas do fio que, quiçá, pode levar para fora deste labirinto.

Claro, quando falo aqui destas amizades, não ensaio classificá-las, julgá-las ou hierarquizá-las dentro de um jogo de verdadeiro e falso, certo e errado, libertadora e alienante. O que está em voga em minha *anima*, é mais da ordem da questão: que modos de vida são produzidos por estas amizades?

Amigos feito coquetéis de remédio, feito cifras e equações, feito investimentos e negócios, amizade em terras de silício, em terras de clausura eletiva (?)... « Um pouco de possível, senão eu sufoco... ». Estou de acordo quando dizes que uma opção é « aceitar o inferno », outra é « saber quem ou o que, no meio do inferno, não é inferno », o que não é uma tarefa das mais fáceis. Especialmente, quando se está, como acontece aqui no HCTP, enclausurado numa espécie de abismo vigilante e murado. Entrementes, isto me fez experimentar a alegria do *amor fati*, pois « este abismo, é o inferno, de nossos amigos povoado ». Terra de clausura povoada de amizades. Experiências de amizade!

Como sobreviver às terras clausuras? Nosso gesto de cartógrafo faz-nos atravessar por experiências de « amizade como dimensão radical de uma inventividade de existências inauditas ». Em relação a isto, em tuas viagens falas de sonhos derridianos, « uma comunidade em que a

política seja a amizade ». Entretanto, interessa-me mais esta ideia de uma « amizade infantil », em que se assume a vida como um jogo de profanação. Jogo do qual esta terra pela qual viajo é farta. Em cada oficina que emperra, em cada gesto que desvia, em cada frase que deriva, profana-se aquilo que estampa o brasão da educação contemporânea: não só a amizade pode materializar-se nesta quimera, individualização-mercado-bioquímica. Ora, os mais altos padrões educacionais não implicam numa personalização e individualização das didáticas? Numa bioquimicização dos sujeitos desviantes, na qual a medicalização de crianças talvez seja apenas aponta desse iceberg? Numa mercadologização educacional, em que aprender, estudar e qualquer outra prática ‘educacional’ podem muito bem ser entendidos em termos de investimento? Não me tomes como pessimista, pois, como disse, aqui brincamos com a realidade – e levamos « a sério » essas brincadeiras; e de profanação em profanação – estas lacas de experiência dispersas ao longo de minha aventura – vou encontrando a alegria necessária à sobrevivência em terras de clausura... Necessárias a quem não sobrevive com ela, mas apesar dela.

Encantadoramente falas da arte de « persistir na habitação estranha a um mundo estranho – uma habitação, portanto clandestina ». Escrevete de uma terra de clausura que, feito um espelho d’Alice, redobrou este efeito que sugeres: habito de forma estranha tanto esta terra estrangeira quanto àquela de onde venho. Diria mais, o jogo de espelhos é tal que, ao mesmo tempo em que uma permite estranhar a outra, posso ver o que em um se replica na outra e até mesmo se prolonga...

Enfim, uma mão que toca o espelho, estabelece um *continuum* entre o mundo dentro e fora do espelho e estende através dele a realidade (do corpo).

Com afeto,
Cartógrafo

CARTA A UM POETA

Amigo poeta,

Para contar-te de minha viagem por essa terra de clausura, envio-te um ensaio fotográfico ao estilo manolês. São recortes e *closes* e retratos de coisas e palavras e gentes e gestos e afetos – tudo roubado!

Ora, numa terra onde uma imagem vale mais que mil palavras, um poema não valeria ao viajante mais que mil imagens?

ouverture – retrato duma janela

É preciso abrir a janela
faz bem uma janela aberta
uma veia aberta
a pergunta sobre “de que outro modo”
faz um bem
e ela
não pode ser outra coisa que uma abertura...

ein kunstwert

A arte tem valia porque nos tira daqui.

retrato da cosmogonia duma língua

No princípio, era a Poesia. No cérebro do homem só havia imagens...
Depois, vieram os pensamentos... E, por fim, a Filosofia, que é, em última análise, a triste arte de ficar do lado de fora das coisas.
Verdade, mentira, certeza, incerteza...
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.
Bem: verdade, mentira certeza e incerteza o que são?
O cego para na estrada,
Desliguei as mãos de cima do joelho
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade – os meus joelhos e as minhas mãos.
Qual a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.
Ser real é isto.
Mas por que prender a videm em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas

E não degraus de ser!

retrato da cosmogonia doutra língua

No descomeço era o verbo.

Só depois que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava lá no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função do verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz do poeta, que é a voz de fazer nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio.

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de humanas.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de árvore.

Daqui vem que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.

Os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.

A água passa por uma frase e por mim.

Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos.

A boca desarruma os vocábulos na hora de falar

E os deixa em lanhos na beira da voz.

close duma escrita em outra língua

Eu gosto dos absurdos divinos das imagens:

El pez naufrago.

E sabes, as coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis:

Elas desejam ser olhadas de azul –

Que nem uma criança que você olha de ave.

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças

retrato duma língua gagá

Gostar de fazer casamento incestuoso entre palavras.

Amor pelos seres desimportantes tanto com pelas coisas desimportantes.

Mania de comparecer aos próprios desencontros.

esse súbito não ter
 esse estúpido querer
 que me leva a duvidar
 quando eu devia crer
 esse sentir-se cair
 quando não existe lugar
 aonde se possa ir
 esse pegar ou largar
 essa poesia vulgar
 que não me deixa mentir
 que pode ser aquilo,
 lonjura, no azul, tranquila?
 se nuvem, por que perdura?
 montanha,
 como vacila?

o
 soo
 u
 oou
 o
 sin
 o
 o
 sou
 o
 sig
 n
 gno
 n
 nim
 o

close duma vida

la vie en close
c'est une autre chose
c'est lui
c'est moi

*c'est ça
c'est la vie des choses
qui n'ont pas
un autre choix*

retrato dum homem

Um homem estava anoitecido.
Se sentia por dentro um trapo social.
Igual se, por fora, usasse um casaco rasgado
e sujo.
Tentou sair da angústia
Isto ser:
Ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no
lixo.
Ele queria amanhecer.
“Faz uma noite de sol,
Falava comigo mesmo sentado numa pedra de pau.
É a noite onde os passarinhos pastam e as vacas
pulavam de galho em galho”.
Ele era um andarilho.
Ele tinha um olhar cheio de sol
de águas
de árvores
de aves.
Ao passar pela Aldeia
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.
O silêncio honrava a sua vida.

retrato duma borboleta

A maior riqueza do homem é sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, puxa válvulas, que
olha relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que
aponta o lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

retrato dum viajante

He quedado extranjerizado de mí mismo. No sólo minusvalidado, sino que no me conosco y no me siento.

No retrato que me faço
 – traço a traço –
 Às vezes me pinto nuvem,
 Às vezes me pinto árvore...

Às vezes me pinto coisas
 De que nem há mais lembranças...
 Ou coisas que não existem
 Mas que um dia existirão...

E, desta lida, em que busco
 – pouco a pouco –
 Minha eterna semelhança,

No final o que restará?
 Um desenho de criança...
 Corrigido por um louco!
 Eis que invento para me conhecer.

retrato doutra borboleta

Passa uma borboleta por diante de mim
 E pela primeira vez no Universo eu reparo
 Que as borboletas não têm cor nem movimento,
 Assim como as flores não têm perfume nem cor.
 A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
 No movimento da borboleta o movimento é que se move,
 O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
 A borboleta é apenas borboleta
 E a flor é apenas flor.
 E cada palavra é uma borboleta morta espetada na página:
 Por isso a palavra escrita é sempre triste...

retrato dum coração de cristo

Num meio-dia de fim de primavera
 Tive um sonho como uma fotografia.
 Vi Jesus Cristo descer à terra.
 Veio pela encosta de um monte
 Tornado outra vez menino,
 A correr e a rolar-se pela erva
 E a arrancar flores para as deitar fora
 E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
 Era nosso demais para fingir
 De segunda pessoa da Trindade.
 No céu era tudo falso, tudo em desacordo
 Com flores e árvores e pedras.
 No céu tinha que estar sempre sério
 E de vez em quando se tornar outra vez homem
 Hoje vive na minha aldeia comigo.
 A mim ensinou-me tudo.
 Ensinou-me a olhar para as cousas.
 Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
 Mostra-me como as pedras são engraçadas
 Quando a gente as tem na mão
 E olhar devagar para elas.
 Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
 Ele é o divino que sorri e brinca.
 A criança nova que habita onde vivo
 Dá-me uma mão a mim
 E a outra a tudo que existe
 E assim vamos os três pelo caminho que houver,
 Saltando e cantando e rindo
 E gozando o nosso segredo comum
 Que é o de saber por toda a parte
 Que não há mistério no mundo
 E que tudo vale a pena.

retrato duma marca na parede

Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh.

retrato doutra marca na parede

palpite

o graffiti
é o limite

retrato duma arquitetura do corpo

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(É nem que fosse o meu corpo!)

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes
Mas o beco,
o beco é a instituição que une o escuro do homem com a indigência do lugar.
O beco é um lugar que leva o homem até o seu melhor aniquilamento.
E nas plantas que vingam por rachaduras
lavra um poder mais lúbrico de antros.
Claro que o corpo não é feito só para sofrer,
mas para sofrer e gozar.
Na inocência do sofrimento
como na inocência do gozo,
o corpo se realiza, vulnerável
e solene.

Salve, meu corpo, minha estrutura de viver
 e de cumprir os ritos do existir!
 Amo tuas imperfeições e maravilhas,
 amo-as com gratidão, pena e raiva intercadentes.
 Em ti me sinto dividido, campo de batalha
 sem vitória para nenhum lado
 e sofro e sou feliz
 na medida do que acaso me ofereças.

Será mesmo acaso,
 será lei divina ou dragonária
 que me parte e reparte em pedacinhos?
 Meu corpo, minha dor,
 Meu prazer e transcendência,
 És afinal meu ser inteiro e único.

retrato duma arquitetura da alma

– *Yo nací el 1º junio 1874.*
 – *¿Y la otra vez?*
 – *¿Como? ¡Solo nací esa vez que le digo!*
 – *¿Y com esa sola vez se há bastado há ahora?*
 (Assim como não se nasce, não é de uma vez que se morre...
 Todas as horas são horas extremas!)

retrato de mais uma marca na parede

Sentir sin Porvenir es mística.

o que se passou?

Passou?
 Minúsculas eternidades
 deglutidas por mínimos relógios
 ressoam na mente cavernosa.

Não, ninguém morreu, ninguém foi infeliz.
 A mão – a tua mão, nossas mãos –
 rugosas, têm o antigo calor

de quando éramos vivos. Éramos?

Hoje somos mais vivos do que nunca.

Mentira, estarmos sós.

Nada, que eu sinta, passa realmente.

É tudo ilusão de ter passado.

retrato dum *happening*

Entre flores da montanha,

bebemos você e eu.

Um copo, outro,

e ainda mais um.

No fim, bêbado,

eu fecho os olhos:

Melhor ir agora,

mas, se quiser,

volte amanhã.

Só não esqueça a cítara!

retrato do som duma máquina

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r* eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo o que eu sinto!

Tenho lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações

Como um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Que rói e range:

ê

mê

e m

e m e a m a

q u i q u i

e n e a n a

e m a a m a
 q u i q u i
 e n e a n a

e m e a m a
 q u i q u i
 n a
 n a
 n a
 n a
 n a
 n a

maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 m a m a
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 maquina maquina
 na na na na

retrato duma pedagogia

Provisoriamente não cantaremos o amor,
 que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
 Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
 não cantaremos o ódio, porque este não existe,
 existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
 o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,

o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

retrato duma imagem

só sabia o nome
só sabia o medo
que esse nome dava

se era um mendigo
um gigante um bicho
isso não sabia

mas fosse o que fosse
viria do escuro
viria da noite
que oculta o mundo:
a rua da Alegria
e a mobília da casa

retrato doutro homem

Da primeira vez em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que tinha.
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Com o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Horror! Voejai!
 Que a luz, trêmula e triste como um ai,
 A luz do morto não se apaga nunca!

recorte de notícias dos que saem

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

retrato dum dia

Porque cada manhã me traz
 O mesmo sol sem resplendor
 E o dia é só um dia a mais
 E a noite é sempre a mesma dor
 Porque o céu perdeu a cor
 E agora em cinzas se desfaz
 Porque eu já não posso mais
 Sofrer a mágoa que sofri
 Porque tudo o que eu quero é paz
 E a paz só pode vir de ti
 Porque meu sonho se perdeu
 E eu sempre fui um sonhador
 Porque perdidos são meus ais
 E foste para nunca mais

Oh, meu amor
 Porque minha canção morreu
 No apelo mais desolador
 Porque a solidão sou eu
 Oh, volta aos braços meus, amor, amor...

retrato de mais um homem

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
 Quem há nesse largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
 Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
 E eis que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
 Como posso eu falar com meus superiores sem titubear?
 Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

close das tábuas da lei das terras de clausura

Poderás ir até a esquina
 Comprar cigarros e voltar
 Ou mudar-te para a China
 – só não podes sair de onde tu estás.

close dum abismo

ce gouffre, c'est l'enfer, de nos amis peuplé !

fim do manicômio?

Não importa que a tenham demolido:

A gente continua morando na velha casa...

close dum olhar

O último olhar do condenado não é nublado sentimentalmente por lágrimas

nem iludido por visões quiméricas.

O último olhar do condenado é nítido com uma fotografia:

vê até a pequenina formiga que sobe acaso pelo rude braço verdugo,

vê o frêmito da última folha no alto daquela árvore, além...

Ao olhar do condenado nada escapa, como ao olhar de Deus

– um porque é eterno,

o outro porque vai morrer.

O olhar do poeta é como o olhar de um condenado...

como o olhar de Deus...

retrato duma grande mensagem

– *Amigo, lo veo um poco triste.*

– *Sí, acabo de publicar un libro de versos y todos me lo han entendido.*

...mas a Grande Mensagem

– quem diria?

Era mesmo a daquele profeta que todos pensaram fosse um louco

Só porque saiu desfilando nu pelas ruas,

Com um enorme cartaz inteiramente em branco...

coda – outra janela

Da mais alta janela da minha casa

Como um lenço branco digo adeus

Aos meus versos que partem para a humanidade.

Meto-me para dentro, e fecho a janela.

Trazem o candeeiro e dão as boas-noites,

E a minha voz contente dá as boas-noites.

Oxalá a minha vida seja sempre isso:

O dia cheio de sol, ou suave de chuva

Ou tempestuoso como se acabasse o mundo,

A tarde suave e os ranchos que passam

Fitados com interesse da janela,

O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

Com afeto,
Cartógrafo

P.S.: Quem disse que a poesia é apenas agreste avena? A poesia é a eterna Tomada da Bastilha, o eterno quebra-quebra, o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas as esquinas!

SEGUIR O COELHO, DE DENTRO PARA FORA DA TOCA

O QUE SE PASSOU?

(O que se passou?)

Entrou-se na toca e seguiu-se um coelho – que pode a amizade?; rabiscou-se em um caderno de notas – que fez um cartógrafo? que fez um oficinairo?; registrou-se observações em um diário de bordo – viagens a uma terra de clausura; escreveu-se cartas a amigos – notícias das viagens, das terras de clausura.

(O que se passou?)

Perseguiu-se um coelho para fora da toca. Alice nunca saiu da toca, ela despertou. Não a imito e não me torno Alice. Devenho Alice. Ela arrasta-me. Exponho-me à leitura. Não parto nem chego ao mesmo lugar que Alice. Não desperto de um sonho (*daydream? nightmare?*), atravesso um espelho (d’Alice?, de Magritte¹¹¹?). Adentro uma terra, que não é de maravilhas, mas de – clausura!

Persegui um coelho, para fora da toca. Para fora da toca em uma terra de clausura (quase) sem fora – seja porque se a enclausurou *do* Fora (*homo æconomicus* e biopolítica), seja porque se enclausurou *o* Fora (loucura e doença mental)¹¹².

E se há nisso uma relação com uma toca, ela tornou-se seguramente mais kafkiana (KAFKA, 1994) do que como a toca-de-coelho de Carroll. Ela tornou-se uma toca que se cava, que se constrói, que se adentra para se proteger – ao abrigo da questão – e que no próprio processo vai tornando mais vivas as inquietações. Inquietações gravadas nas palavras usadas, nas linhas traçadas, nas experiências vividas, nas oficinas que aconteceram – isso! no que *aconteceu...* Não seria, pois, a pergunta sobre o que acontecerá menos relevante do que a pergunta sobre o que aconteceu?

(O que se passou?)

Ao adentrar a toca, ao entrar *numa* terra de clausura, por um jogo

¹¹¹ Sobre os “espelhos” em René Magritte cf. MAGRITTE, 1928; 1937.

¹¹² Sobre “*homo æconomicus*” e “biopolítica”, cf. FOUCAULT, 2009a e PELBART, 2016; sobre “loucura” e “doença mental”, cf. FOUCAULT, 1995 e PELBART, 2009.

de espelhos, eu viajava por *terras* de clausura, vagabundeava por movimento cartográficos, vagava numa *STULTIFERA NAVIS*¹¹³. Terras de clausura que se proliferam e se estendem em seus modos de enclausurar não tanto o indivíduo ou a sociedade, mas – o *Fora*. Enclausurá-lo sobre si e enclausurar-se sobre si... Entretanto, como jogar com o espelho, como dizer de terras de clausura tão distintas e tão similares, tão vicinais e tão distais, tão adjuntas e tão disjuntas? Como refletir algo em terras de um discurso em excesso da realidade (FOUCAULT, 2016) e de uma realidade de excesso de discurso (LARROSA, 2017). Buracos! Talvez, cavar buracos nas frases seja mais pertinente aqui do que colocar tijolos de palavras. Buracos brancos¹¹⁴ em vez dos buracos negros: expelir ao vácuo da experiência, ao vazio do acontecimento, em vez de dragar ao centro maciço da comunicação, ao abismo da razão. Um exercício de produção de pequenos vazios de não-comunicação, um exercício inspirado na arte da *blackout poetry* e em um filme (FRANÇOIS, 2007). Esvaziar as salas, esburacar os discursos, borrar os retratos de rostos e paisagens...

¹¹³ Sobre a “*stultifera navis*” ou “nau dos loucos” cf. FOUCAULT, 1995, p.7-51.

¹¹⁴ Cf. Diário de bordo, dia 6.11.15.

I

█ modelo de comportamento █

█ típico da civilização █:

- sexualidade restrita à fornicação, sem conteúdo afetivo, ou mais prosaicamente, incapacidade de amar;
- fragmentação das relações humanas e do engajamento social; atividades compartimentadas, parciais, por vezes incompatíveis entre si, que geram a impessoalidade e o esfacelamento;
- pseudorracionalismo cientificista que encobre ou justifica o imaginário;
- puerização do comportamento (a sociedade prolonga ao máximo a infância e cria adultos dóceis e infantis);
- perda do sentimento de identidade, despersonalização (inclusive borramento das diferenças sexuais). (PELBART, 2009, p.176)

II

Quanto ao diretor, ele não pode perder nenhum [REDACTED] de vista, porque em qualquer setor que se encontre o [REDACTED], esteja ele entrando, esteja ele saindo, ou que fique, o diretor deve igualmente justificar os motivos de sua manutenção em tal classe ou de sua passagem para tal outra. É um verdadeiro contador. Cada [REDACTED] é para ele, na esfera da educação individual, um capital colocado no interesse [REDACTED]. (LUCAS, 1838, p.449-50 apud FOUCAULT, 2009b, p.237)

III

fundamentos pedagógicos

conteúdos a serviço do desenvolvimento de competências

resultados aprendizagens utilizar conhecimento aplicá-lo pertinentes conhecimento aplicado

competência

competências enfoque competências currículos resultados aprendizagem

competências

currículos currículos competências reformas curriculares enfoque

avaliações

Desenvolvimento Econômico Avaliação

Avaliação Qualidade

competência utilizada aplicação conhecimentos

ser competente problema utilizar conhecimento

enfoque compromisso garantia direitos aprendizagem assegurados competências

fazer devem saber devem saber
resultado aprendizagem
assegurem direitos

compromisso

inovador inclusivo
aprender aprender
ensinar redes de aprendizagem
avaliar aprendizado
comunicar-se ser criativo analítico-crítico participativo produtivo
responsável acumulação informações
Aprender a aprender informação
discernimento responsabilidade
aplicar conhecimentos resolver problemas
autonomia decisões proativo
buscar soluções competências
conhecimento

aprendizagens sintonizadas necessidades possibilidades
interesses desafios
autônomas

aprendizagens

aprendizagem

curriculares
aprendizagem desenvolvimento
conhecimento
aplicação protagonismo aprendizagem

competências

curriculares

conhecimentos

habilidades

IV

Vivemos | respiramos | comemos | alcançar
 nossas próprias necessidades | desejos | progredir muito
 resultado | vontades competitivas
 resultando em conflito | falhas de comunicação | desapontamento e
 fracasso | problemas com relacionamentos
 relacionamentos com clientes
 competição de necessidades
 solução | motivado
 relação longa | leal | verdadeira | cabe a você
 naturalmente | amizades
 amigas | algo em comum | algo
 importante a ambos
 amizade | final desejado
 relacionamentos empresariais | modelo para entendê-los
 saberemos | desenvolver
 relacionamento que buscamos | um alinhamento de
 metas | (BARON, 1997, p.ix)

O AVESSO

Ao esburacados os discursos, recortadas as palavras, borrados os retratos, o que se passou? O que restou de tudo isso? Quem é quem? Quem é o que? O que sobrou dos vários rostos, das várias paisagens, senão uma identidade, senão um aparelho de captura refinado, sutil e eficiente; senão uma máquina que não mais maquina (apenas) um rei, um gesto, um corpo, uma população, uma saúde, uma segurança, uma organização, mas sim – desejo?

Não se trata de um mero jogo de semelhanças – dizer que a escola parece prisão que parece hospital que parece... parece já tão fácil (embora dizer que a prisão se pareça com a escola talvez seja uma inversão interessante) –, não se trata de dizer que as coisas se parecem e que tudo é um grande pastiche e que tanto faz e que tudo é disciplina ou biopolítica ou controle ou... O que assusta é o fato de, em suas diferenças e em sua pujança, tudo isto fazer ver, reverberar, saber, cheirar um *processo*, um *movimento*, uma *desterritorialização* (ainda que relativa), um *fluxo* (*pantha hiper-rhei*) que multiplica essas terras de clausura. Terras de clausura cujo nativo é “um ser que no existir põe tamanha anulação de existência” (ANDRADE, 2007, p.488) e cujo “Tudo é possível equivale ao Nada é possível” (PELBART, 2016, p.49). Terras de clausura que nos entendiam e paralisam num mundo de possíveis já dados de antemão, à espera apenas da escolha (ZOURABICHVILI, 2000)!

Em esburacando estes textos e olhando para esta dissertação, não se experimentaria: a violência? Os registros? As grades? Os cheiros? As marcas nas portas? As marcas nos rostos? Os rostos nos corpos? Olhos nas máscaras? Os buracos negros nos olhares? Os tijolos nas paredes? As paredes brancas de instituições totais e austeras? Lembretes de que aquela terra de clausura continuaria a existir? Que ali há um abismo – que me olhava de volta? E ainda que eu sentisse no acontecimento que algo escapava à rotina. E ainda que eu percebesse, pelos gesto, que habitávamos outro território. E ainda que eu ouvisse da boca dos enclausurados que aquilo era uma fuga da clausura. Cada vez que a hora do almoço chegava, ou a festa acabava, ou que a luz apagava, que o povo sumia, que a noite chegava, que a porta-portão-grade se fechava, o abismo não permanecia lá? E esse abismo, era um “inferno” – onde fazíamos nossos festins (diabólicos!). Um lugar cujos dias, dizem, estão contados;

uma máquina cuja espécie, dizem, está ameaçada¹¹⁵.

No entanto, estas promessas, ainda que elas se realizem, nada têm a ver com o fim das terras de clausuras (dos abismos, dos castelos, das distopias, das grandes casas, dos infernos, dos limbos...). Ora, guardadas as devidas proporções, não seria tudo isto muito similar à imagem da queda do Muro de Berlim feita por Peter Pál Pelbart (2009, p.13)?

O fim da clausura política, como a do bloco soviético, foi recebido como alívio e alegria pelo Ocidente. Mas logo percebeu-se que essa presumida libertação vinha acompanhada de um sentimento de fechamento ainda mais inquietante, no interior do neoliberalismo sufocante, porque planetário. A derrocada do bloco soviético dramatizou um processo em curso há já muito tempo, num outro plano – a saber, a abolição de toda *exterioridade*. [...] o capitalismo globalizado redesenhou inteiramente nossa geografia mental. Não só engoliu seus limites, margens, exteriores, como também parece ter esvaziado a dimensão mesma da alteridade.

Ter-se-ia, então, esgotado o outeiro do possível e esburacado o platô dos devires em um grande abismo, sem saídas?

Não! O que pode soar niilista é, em verdade, seu avesso. Ao adentrar a toca (*der Bau*), ao cavar a toca, a falsa e primeira sensação de proteção dava lugar a outra: sob os pés, o chão ruía – encontro da “vontade do espírito”, que quer elevar, com a verdade trágica da “necessidade da natureza”, que tende a descer: a ruína¹¹⁶, a desobra, o *désœuvrement*¹¹⁷, o

¹¹⁵ O movimento de substituição das instituições (disciplinares) de clausura para transtornos mentais (criminosos) por serviços de atenção diária (como as experiências dos primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Núcleos de Apoio Psicossocial (NAPS), Hospitais-dia e também os Serviços de Residência Terapêutica) já estão presentes em documentos do início do século XXI, como a Lei nº10.216/01 (BRASIL, 2001) e o relatório apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental (BRASIL, 2005).

¹¹⁶ Sobre a “vontade do espírito”, a “necessidade da natureza” e a “ruína” cf. SIMMEL, 1998

¹¹⁷ Traduzido por Roberto Machado (2000) como “inoperância” e por Peter Pál

*abgrund*¹¹⁸. “Em certo sentido, com o Muro desmoronou um modo de pensar o possível no domínio político. Foi varrido o possível *dado de antemão*, idealmente – as utopias, as ideologias, projetos de outro mundo.” (PELBART, 2016, p.48) Porém, seu avesso foi a emersão de “outra modalidade de possível (o ainda não dado) [...], a criação *necessária* de um possível sob um fundo de impossibilidade.” (PELBART, 2016, p.48)

Niilismo reformista, niilismo conformista, niilismo (megalomaníaco) progressista? Não, seu avesso. Em vez de fazer do abismo dor, fatalismo ou glória; em vez de torná-lo punição, segurança ou poder – um devir-(des)obra: mesa esquizofrênica, “que não se teria conhecido seu emprego. Mesa desumanizada, que não tinha nenhuma comodidade, que não era burguesa, nem rústica, nem de campo, nem de cozinha, nem de trabalho”, nem redonda, nem de negócios, nem biopolítica. “Que para nada prestava, [...] que se recusava ao serviço e à comunicação”¹¹⁹ (MICHAUEX, 1966, p.156-7 apud DELEUZE; GUATTARI, 1972, p.14) e ao consumo e ao planejamento e...

O que pode soar niilista é, em verdade, seu avesso – reticências para uma cartografia de esgotamentos... Seu avesso, do “nada é possível” abre-se uma janela ao “tudo é possível”... Seu avesso, destocamento da toca, desobramento da obra, desdobramento da dobra – nem clausura *no* dentro nem clausura *do* Fora: Fora da clausura... Seu avesso, passar, feito volatim, do medo do abismo à coragem abissal: negar niilismo seria, assim, aceitar o risco de viver na iminência e na imanência de não ter porto-seguro nem no passado (da história) e nem no futuro (do progresso), nem no além-mundo e nem no além-mar... Seu avesso, celebra com Leminski (2013, p.340): “aos deuses mais cruéis / juventude eterna / eles nos dão de beber / na mesma taça / o vinho, o sangue e o esperma”! Da

Pelbert (2009) como “desdobramento”.

¹¹⁸ Em alemão “abismo”, formado por “*ab*”, negação ou ausência, e “*grund*”, chão, solo, fundação e fundamento; assim “*abgrund*” é literalmente sem-fundo, sem-fundamento, infundado. A palavra “abismo” também faz etimologicamente um jogo similar, ainda que de modo mais oblíquo: originada do grego “*abyssos*”, donde “*a*”, negação ou ausência, soma-se a “*byssos*”, fundo.

¹¹⁹ No original: “...*dont on n'aurait pas eu l'emploi. Table déshumanisée, qui n'avait aucune aisance, qui n'était pas bourgeoise, pas rustique, pas de campagne, pas de cuisine, pas de travail. Qui ne se prêtait à rien, qui se défendait, se refusait au service et à la communication.*”

verdade trágica à arte trágica. Da passividade à paciência e à paixão – à força do “*pas*” francês, que é o passo de quem se põe em marcha, a caminhar, na travessia (da experiência); e é a negação necessária à abertura de quem pergunta: de que outro modo?

CODA OU OUVERTURE?

...de que outro modo uma viagem, uma pesquisa, uma terra, uma educação, uma amizade, uma vida – corpo, afeto, experiência? **Corpo, afeto, experiência:** um corpo exposto à experiência capaz de ser afetado (corpo sensível) não seria o hiperexcitado corpo (organizado/organismo) contemporâneo, em que a hiperexcitação (*panta hiper-rei*) produz um corpo não mais sensível (uma questão de sobrevivência). Para a vitalidade de um corpo (que ainda continue a ser) sensível, seria preciso que ele fosse capaz de escolher tanto quanto acolher, evitar tanto quanto perseguir. Um corpo *exposto* (à experiência) não seria aquele com “seu estômago fenomenal, na indiferença de quem nada abala” (PELBART, 2016, p.32), mas antes, aquele capaz de certa ‘dieta’ (da alma?); aquele que reconhece a fraqueza, a paciência de ser afetado. Fraqueza de um corpo embrionário (aquele entre o formatado e o informado); fraqueza que demanda certa imobilidade, certo esvaziamento, certa palidez capaz de levar o corpo ao *limiar* – Bartleby (MELVILLE, 2016), o artista da fome (KAFKA, 1994), o príncipe *Vogelfrei* (NIETZSCHE, 2012) – e não à “blindagem”. Um corpo ainda capaz de afeto e de experiência é “sinônimo de certa impotência, mas é dessa impotência que ele e extrai uma potência superior, nem que seja à custa do próprio corpo. *Uma vida.*” (PELBART, 2016, p.33, grifo do autor)

...de que outro modo uma pesquisa, uma educação, uma questão, uma amizade? Desobramento ou inoperância da pesquisa: ela já não é mais capturar o Coelho, mas, antes, a própria *perseguição*; pesquisar como movimento de viajar por/através de uma questão, que já não precisa de respostas, mas insinua janelas¹²⁰ – **movimentos cartográficos.**

¹²⁰ **“ouverture la vie en close** / em latim / “porta” se diz “janua” / e “janela” se diz “fenestra” / a palavra “fenestra” / não veio para o português / mas veio o diminutivo de “janua”, / “januela”, “portinha”, / que deu nossa “janela” / “fenestra” veio / mas não como esse ponto da casa / que olha o mundo lá fora, / de “fenestra”, veio “fresta”, / o que é coisa bem diversa / já em inglês / “janela” se diz “window” / porque por ela entra / o vento (“wind”) frio do norte / a menos

Desobramento ou inoperância da educação: ela já não é mais o ensino (ou aprendizagem) do educador, mas, antes, a *educação do educador*; através de viagens, experienciar a formação de um educador, de um oficinheiro, de um pesquisador, de um cartógrafo, de uma pessoa – **educação em terras de clausura**. Desobramento ou inoperância da questão: ela já não é mais sobre as amizades entre aquelas pessoas em seu limiar, mas, antes, é sobre os *limiares do pensamento*, da experiência, do corpo, da palavra naquele lugar e com aquelas pessoas. O que se passou foi, sobretudo, como este *movimento* e esta *educação* exercitaram o pensamento (enquanto prática de criação da realidade, de elaboração de uma estética da existência) e permitiram recolocar a questão: **que pode a amizade?**

Fresta. Corpos que têm de estar no mesmo lugar; que muitas vezes precisam dum amigo ou dum gesto de amizade¹²¹, fizeram-me estranhar a ideia de amizade como algo que se escolhe, fizeram-me estranhar a tão banal dualidade entre eletivo-obrigatório – e se amizade for um gesto, um momento, um devir que acontece, que se nos passa, que nos afeta (sem necessidade de afeição, sem ser pura eleição, sem necessidade)? E se ela for dita de outro jeito, ainda sem palavra? (Espanto mais que epistemológico)

Fresta. Corpos enclausurados compulsoriamente, funcionaram a mim como um espelho – e sem um espelho o que é o (próprio) corpo senão utopia (FOUCAULT, 2013)? – no qual pude ver meu corpo (minhas relações, tuas relações, nossas relações), pude ver o que me era sem-lugar até então, pude *dar corpo* à multiplicidade, enxergar (apalpar, cheirar, lamber, ouvir) o real muito além das dualidades do ser e do não-ser. Não seria a amizade muito mais do que ou isso ou aquilo? Não poderia muito mais do que ou ser estratégias de captura ou linha de fuga? (Espanto mais que ontológico)

Fresta. Ainda que não me fosse claro à época, quando de minha pesquisa sobre o que a relação entre amizade, Iluminismo e governamentalidade moderna pôde produzir no século XVIII em termos de governo; lá já estavam traços destas questões que se abririam na atual pesquisa (AUGSBURGER, 2011). Lá concluí através de textos iluministas que amizade no século XVIII “pode ser entendida como

que a fechemos / como quem abre / o grande dicionário etimológico / dos espaços interiores.” (LEMINSKI, 2013, p.248)

¹²¹ Cf. Diário de bordo, dia 30.9.16.

aparato de governo”, mas que nela também aparece “a possibilidade criativa da elaboração de éticas, práticas e experimentações outras, concedendo aos sujeitos outras ‘estéticas da existência’” (AUGSBURGER, 2011, p.60). Lá a dúvida sobre o *status* unilateral ou puro da amizade insinuava-se; aqui a dúvida encorpa-se e transborda a amizade. Aqueles com quem habitei a terra de clausura-HCTP, os loucos-criminosos-doentes mentais, esses que não são isso OU aquilo, esses que não “são” senão Outro¹²² abriam uma janela¹²³ à experiência do pensamento: “ser” isso E aquilo E isto E... Não poderia, então, a amizade ser *realmente* pensada (experienciada e elaborada) a partir da questão do que *pode* a amizade? Pensá-la como podendo (ser) isso e aquilo e isto e... Quem sabe, arriscarei, pensar não amizade como “filiação” ou “aliança”¹²⁴, mas como sendo ao mesmo tempo e de uma só vez (sem nunca se fechar no *é*) alianças-e-filiações-e...

Fresta. Desobramento e inoperância da amizade: ela já não é, mas, antes, *devém*; ela já não serve para nada e torna-se possível aos que não tem mais nada a perder e nada a oferecer, mas ao mesmo tempo possibilita (sobre)viver¹²⁵: “Esse abismo, é o inferno, de nossos amigos povoado!” (BAUDELAIRE, 2012, p.84). A amizade, vista do interior de uma terra de clausura, junto àqueles habitantes desarrazoados, já não precisa mais caber nos eixos: identidade-diversidade; obrigatoriedade-eletividade; sujeição-liberdade. Que diabos pode a amizade então? Em sabendo-se que se trata de “uma pergunta pela *produção de diferenças* e não pelo *encontro com o diferente*” (PREVE, 2010, p.14, grifo nosso), respondo: Outro. Outro do outro. Outro que “*transforma em outra maneira de ser, de se pensar, de se conviver*”¹²⁶. Ser pré-individual e metaestável simondoniano (SIMONDON, 2005). Devir. Repetição da diferença. Dobra do Fora. E tudo o mais que eu disser fechará mais do que abrirá janelas, frestas.

¹²² Cf. Diário de bordo,

¹²³ Cf. Diário de bordo, dia 2.9.16, O caso da janela.

¹²⁴ Sobre as noções de “filiação” e “aliança” cf. DELEUZE; GUATTARI, 1972, especialmente p.231-40 e 267-288, e DELEUZE; GUATTARI, 1980, especialmente o platô “1730 – *Devenir-intensive, devenir-animal, devenir-imperceptible...*”, p.284-380.

¹²⁵ Cf. Diário de bordo, dia 14.10.16, O caso das maneiras de sobrevivência.

¹²⁶ Cf. Diário de bordo, dia 14.10.16, O caso das maneiras de sobrevivência.

Fresta. Educar. Esburacar. Cantar¹²⁷. Escutar: há quem brinque de esconde-esconde¹²⁸. Há ainda *uma vida*.

...de que outro modo uma vida em terras de clausura? Ora, uma vida não *com* elas, mas *apesar* delas. Não se apoiar na terras de clausura para revoltar-se contra elas, mas resistir esgotando-as, esgotando o ser (delas e quaisquer outros “ser”), rachando-as e fazendo medrar reticências *entre* as terras, – *entre-abismo* –, *entre* ser e não-ser. E, aí, talvez a revolta mais radical de uma filosofia (da educação), de uma política (da vida), de uma ética (da amizade): **?-ser...**¹²⁹

¹²⁷ “Para cantar é preciso perder o interesse de informar.” (BARROS, 2010, p.458)

¹²⁸ “*O tabuleiro onde acontece o jogo está sobre a mesa, a mesa sobre o assoalho que está sobre os pilares apoiados sobre o chão... o chão é tanto, tanto que nem se sabe. E sobre ele o céu! Vamos brincar de esconde-esconde.*” (CORRÊA, G. C., 2006, p.187, grifo do autor)

¹²⁹ Sobre a questão do ser, do não-ser e do “?-ser” cf. DELEUZE, 2011. Ainda sobre ontologia do devir cf. SIMONDON, 2005.

*L'écriture n'a pas
d'autre but : le vent...*
(DELEUZE, 1996)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O amigo & O que é um dispositivo?** Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC : Argos, 2014.

AGUIAR, Odílio Alves. A amizade como *amor mundi* em Hannah Arendt. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, n.28, p.131-144, Dez. 2011.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia** : Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre : Sulina, 2015. p.131-49.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa** : conforme as disposições do autor. 1.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2007.

AUGSBURGER, Luiz Guilherme. **Amizade disciplinar** : uma problematização das estratégias de governo e da amizade no Iluminismo. 2011. 67 f. Trabalho de conclusão de curso. 2011.

AUGSBURGER, Luiz Guilherme; CERVI, Gicele Maria. Fanzine e oficina: articulações para uma prática molecular em educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 875-888, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646446>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

AZEVEDO, Livia Godinho Nery Gomes; FERRERI, Marcelo de Almeida; CHAGA, Luana Costa; FARIA, Wesley de Sá; NASCIMENTO, Gicelma Barreto; ALMEIDA, Livia Mendes de. Experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir

da teoria dos afetos de Espinosa. **Psicol. USP**, São Paulo, v.26, n.2, p.208-220, Ago. 2015.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARON, Gerald R. **Friendship marketing** : growing your business by cultivating strategic relationships. Granst Pass, OR: The Oasis Press/PSI Research, 1997.

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. Paris : Flammarion, 2012.

BELCHIOR. Máquina II. Belchior. São Paulo : Chantecler, 1974. LP

BOHÓRQUEZ LOPEZ, Catalina; RODRIGUEZ-CARDENAS, Diego Efrén. Percepción de Amistad en Adolescentes: el Papel de las Redes Sociales. **Rev. colomb. psicol.**, Bogotá, v.23, n.2, p.325-338, Jul. 2014.

BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.

BOUGUEREAU, William-Adolphe. **Homère et son guide**. 1874. Óleo sobre tela. Milwaukee, Art Museum.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Relatório apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em:

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_15_anos_caracas.pdf> Acesso em: 20 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BRIGNOL; Sandra Mara Silva; DOURADO, Inês; AMORIM, Leila Denise; MIRANDA, José Garcia Vivas, KERR, Lígia R. F. S. Social networks of men who have sex with men: a study of recruitment chains using Respondent Driven Sampling in Salvador, Bahia State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.31, p.170-181. 2015.

BROUSSAIS, F.-J.-V. **De l'irritation et de la folie**, ouvrage dans lequel les rapports du physique et du moral sont établis sur les bases de la médecine physiologique. 2^a ed. Paris : J.-B. Baillière, 1839.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

CAMUS, Albert. **Diário de viagem**. 3. ed. Rio de Janeiro : Record, [1988].

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures on Wonderland and others stories**. San Diego, CA : Baker & Taylor Publishing Group, 2013.

CERVI, Gicele Maria. **Política de gestão escolar na sociedade de controle**. Rio de Janeiro : Achiamé, 2013

CEZAR, Pedro. **Só Dez Por Cento é Mentira**. Direção: Paulo Cezar. Produção: Artesanato Eletrônico. Brasil, 2008. 82 min., Son., Cor.

CORRÊA, Guilherme Carlos. Oficina : novos territórios em educação. In. PEY, Maria Oly. **Pedagogia Libertária : experiências hoje**. Rio de Janeiro: Editora Imaginário, 2000.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Educação comunicação anarquia : procedências da sociedade de controle no Brasil**. São Paulo : Cortez, 2006.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **REU**, Sorocaba, SP, v.37, n.2, p.181-202, dez. 2011.

DELEUZE, Gilles. **Logique du sens**. Paris : Minuit, 1969.

DELEUZE, Gilles. **Critique et clinique**. Paris : Minuit, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo : Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. O método de dramatização. In. DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos : textos e entrevistas (1953-1974)**. São Paulo : Iluminuras, 2006. p.131-162.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **L'Anti-Œdipe**. Paris : Minuit, 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mille plateaux**. Paris: Minuit, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la philosophie ?** Paris : Minuit, 2005. 219p.

DERRIDA, Jacques. **Politiques de l'amitié:** suivi de l'oreille de Heidegger. Paris: Galilee, 1994.

DERRIDA, Jacques. ALBORNOZ, Suzana. **Políticas da Amizade, de Jacques Derrida.** Disponível em:
<http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=834:politicas-da-amizade-de-jacques-derrida-1&catid=42:artigo-de-fundo>. Acesso em: 8 jul. 2016.

DINIZ, Debora. **A casa dos mortos.** Direção: Debora Diniz. Produção: Imagenslivres. Salvador, 2009. 24 min. Son., Cor.

ELOGIO DA ESCOLA, 2016, Florianópolis. *Seminário.*

FERNÁNDEZ, Macedônio. **Textos selectos.** 1.ed. Buenos Aires : Corregidor, 2014.

FLUSSER, Vilém. A não coisa [2]. In. FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado** : por uma filosofia do design e da comunicação. Organização de Rafael Cardoso, tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo : Cosac Naify, 2007. p.59-65.

FLUSSER, Vilém. **Da amizade.** Disponível em:
<www.flusserbrasil.com/art301.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2016

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica.** 4.ed. São Paulo : Perspectiva, 1995.

FOUCAULT, Michel. O que é a crítica? (Crítica ou Aufklärung). Tradução de Antônio C. Galdino. **Cadernos da F.F.C.** – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília, v. 9, n.1, p.169-189, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits I, 1954-1975**. Editado por Daniel Defert e François Ewald. Paris : Éditions Gallimard, 2001a.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits II, 1976-1988**. Editado por Daniel Defert e François Ewald. Paris : Éditions Gallimard, 2001b.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica** : curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população** : curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** : nascimento da prisão. 36. ed. Petrópolis : Vozes, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias/Le corps utopique, Les hétérotopies**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Edição bilíngue. São Paulo : n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade verdade** : curso dado no Collège de France (1980-1981). Tradução de Rosemary Costhek Albílio. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FRANÇOIS, Emmanuel. **La question humaine**. Direção: Nicolas Klotz. Produção: Sophie Dulac, Jean-Christophe Gigot e Michel Zana. França, 2007. 143 min., Son., Cor. 2007.

FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. **O lambe-lambe como potencializador de aprendizagens em fuga**. 159 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2016.

GOMES, André Procópio. **A cidade e o shopping: do mundo da via expressa aos processos de gentrificação em Blumenau-SC (1990 – 2000)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2016.

GOMES, Livia Godinho Nery; SILVA JÚNIOR, Nelson da. Semânticas da amizade e suas implicações políticas. **Psicol. USP**, São Paulo, v.16, n.3, p.119-142, Set. 2005

GOMES, Livia Godinho Nery; SILVA JÚNIOR, Nelson da. Implicações políticas da semântica familialista nos discursos de amizade contemporâneos. **Psicol. estud.**, Maringá, v.13, n.2, p.267-275, jun. 2008.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 8.ed. Curitiba : Criar Edições, 1986.

GULLAR, Ferreira. **Melhores poemas de Ferreira Gullar**. Seleção e apresentação Alfredo Dosi. 7.ed. São Paulo : Global , 2004.

HANDKE, Peter. **A perda da imagem ou Através da Sierra de Gredos**. Tradução de Simone Homem de Mello. São Paulo : Estão Liberdade, 2009.

HUXLEY, Aldous. **Retorno ao admirável mundo novo**. São Paulo : Círculo do Livro, 1989.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo : Globo, 2009

KAFKA, Franz. **Um artista da fome e A construção**. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

KAFKA, Franz. **O castelo**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Lilianda (orgs.). **Pistas do método da cartografia** : Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre : Sulina, 2015. p.32-51.

KATZ, Chaim Samuel. Crianceria: o que é a criança. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1, n1, p.91-98. 1993.

KEZELOS, Christopher. **The maker**. Direção: Christopher Kezelos. Produção: Christopher Kezelos e Christine Kezelos. Los Angeles, CA, Estados Unidos da América, 2011. 6 min., Son., Cor.

KHADANGI, Ehsan; ZAREAN, Zarean; BAGHERI; Alireza; JAFARABADI, Ali Bagheri. **Measuring relationship strength in online social networks based on users' activities and profile information**. Computer and Knowledge Engineering (ICCKE), 2013 3th International eConference on, 31 Out.-1 Nov., 2013. Mexed, Coração Razavi, Irã.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** : danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre : Contrabando, 1998.

LARROSA, Jorge. **Tremores** : escritos sobre experiência. 1.ed.; 3. reimp. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. 1.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Raymundo de. "Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil..." - novo ensaio sobre a crise da amizade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.10, n.144, p.189-195, Nov. 2010.

LINS, Daniel Soares. **Antonin Artaud** : o artesão do corpo sem órgãos. 2. ed. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2000.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Amizades: o doce sabor dos outros na docência. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.39, n.138, p.919-938, Dez. 2009.

LUQUE PARRA, Diego Jesús; LUQUE ROJAS, María Jesús. Relaciones de amistad y solidaridad en el aula: Un acercamiento psicoeducativo a la discapacidad en un marco inclusivo. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v.20, n.65, p.369-392, Jun. 2015.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2010.

MAGRITTE, René. **Le faux miroir**. 1928. Óleo sobre tela. Estados Unidos da América, Nova York, Museum of Modern Art.

MAGRITTE, René. **La réproduction interdite**. 1937. Óleo sobre tela. Países Baixos, Holanda do sul, Museum Boimans Van Beuningen.

MASSCHELEIN, J. “Pongámonos en marcha”. In: MASSCHELEIN; J.; SIMMONS, M. (org.). **Mensajes educativos en tierra de nadie**. Barcelona, Laertes, 2006, p. 21-30.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, the Scrivener : A Story of Wall-street**. United States : Createspace Independent Publishing Platform, 2016.

MIZOGUCHI, Daniel Hausen. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**. Porto Alegre : Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

MORAES, Vinícius de. **Todo amor**. Organização e apresentação Eucanaã Ferraz. 1.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

MORENO, F. J.; HERNÁNDEZ, S. An algorithm for identifying the best current friend in a social Network. **Ingeniería e Investigación**, [S.I.], v.35 n.2, p.80-88, Ago. 2015.

MORRIS, Wendy L; STENRGLANZ, Weylin; ANSFIELD, Matthew E.; ANDERSON, D. Eric; SNYDER, Jillian L. H.; DEPAULO, Bella M. A Longitudinal Study of the Development of Emotional Deception Detection Within New Same-Sex Friendships. **Pers Soc Psychol Bull**, [S.I.], v.42, n.2, p.204-218, Fev. 2016.

MOSÉ, Viviane. **O homem que sabe : do homo sapiens à crise da razão**. 5.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2012.

NEUMARKET SHOPPING. [comentário pessoal]. Facebook. 19 julho 2016.

Disponível em: <www.facebook.com/shoppingneumarkt>. Acesso em: 9 out. 2016.

NEUMARKET SHOPPING. [comentário pessoal]. Facebook. 20 julho 2016.

Disponível em: <www.facebook.com/shoppingneumarkt>. Acesso em: 9 out. 2016a.

NEUMARKET SHOPPING. [comentário pessoal]. Facebook. 25 julho 2016.

Disponível em: <www.facebook.com/shoppingneumarkt>. Acesso em: 9 out. 2016b.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal** : prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo : Cia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra** : um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ONFRAY, Michel. **Théorie du Voyage** : poétique de la géographie. Paris : Librairie Générale Française, 2006.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro : Graal, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade** : Arendt, Derrida e Foucault. Rio de Janeiro : Relume Dumara, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo : Editora Iluminuras, 2002.

PASSETTI, Edson. **Éticas dos amigos** : invenções libertárias da vida. São Paulo: Imaginário; CAPES, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura** : loucura e desrazão. 2.ed. São Paulo : Iluminuras, 2009.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do nihilismo** : cartografias do esgotamento. 2.ed. São Paulo : n-1 edições, 2016.

PESSOA. Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. Seleção e introdução Massaud Moisés. São Paulo : Círculo do livro, s/d.

PESSOA. Fernando. **Livro do Desassossego**. Organização e fixação de inéditos de Teresa Sobral Cunha. Coimbra : Presença, 1990.

PESSOA. Fernando. **Tabacaria e outros poemas**. Rio de Janeiro : Ediouro, 1996.

PESSOA. Fernando. **Livro(s) do desassossego**. São Paulo : Global, 2015.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Liliana

da (orgs.). **Pistas do método da cartografia** : Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre : Sulina, 2015. p.52-75.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2010.

PRÉVERT, Jacques. **Paroles**. Paris: Éditions Gallimard, 1949.

QUILLIOT, R. Introdução. In. CAMUS, Albert. **Diário de viagem**. 3. ed. Rio de Janeiro : Record, [1988]. p.7-13.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2013

QUINTANA, Mário. **Quintana de bolso**. Porto Alegre : L&PM, 2014.

QUINTANA, Mário. **Antologia poética**. 1. ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

RAGO, Margareth. Michel Foucault e o Zoológico do Rei. In. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de. **Cartografias de Foucault**. São Paulo : Autêntica, 2008. p.253-67.

RECHIA, Karen Christione. **O jardim das veredas que se bifurcam** : cinema e educação. . 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2013.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, [S.I.], v.10, n.1, p.83-98, mar. 2007.

RILKE, Rainer Maria. **Poemas a noite**. Edição bilíngue. Tradução de Georg Trakl. Rio de Janeiro : topbooks, 1996.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental** : transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre : Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença** : Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro : Contraponto, 2012

SIMMEL, Georg. A Ruína. In. SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília : UnB. 1998. p. 137-144.

SIMONDON, Gilbert. **L'individuation á la lumière des notions de forme et d'information**. Paris : Éditions Jérôme Millon, 2005.

SOUZA, Eloisio Moulin de; GARCIA, Agnaldo. Amigos, amigos: negócios à parte?. **Revista de Administração**, [S.I.], v. 43, n. 3, p. 238-249, sep. 2008.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. **Psico (PUCRS)**, Porto Alegre, v.38, n.2, p.125-132. 2007.

SOUZA, Luciana Karine de; SEDIYAMA, Cristina Yumi Nogueira. Amizades internacionais: panorama da literatura empírica e um estudo descritivo. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n.36, p.6-28, jun. 2012.

STENGEL, Márcia. Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v.21, n.49, p.217-225, Ago. 2011.

SUN, Caihong; YANG, Xiaoping. An Interest-Oriented Network Evolution Mechanism for Online Communities. In. International Federation for Information Processing. **Research and Practical Issues of Enterprise Information System II**. v.2, Boston : Springer, 2007. p.1283-1287.

TEDESCO, Anderson Luiz; STRIEDER, Roque. A formação do *ethos* contemporâneo: desafios à educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v.19, n.3, p.96-116, set./dez. 2014.

VESENTINI, J. William; MARTINS, Dora; PÉCORÁ, Marlene. **Ápis**: história. São Paulo : Ática, 2011.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade** : uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VIGO, Jean. **Zéro de conduite** : Jeunes diables au collège. Direção: Jean Vigo. Produção: Jean Vigo. France, 1933. 42 min. Son., P/B.

XIANG, Rongjing; NEVILLE, Jennifer; ROGATI, Monica. **Modeling relationship strength in online social networks**. Proceedings of the 19th international conference on World wide web, 26-30 Abr., 2010, Raleigh, Carolina do Norte, EUA.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In. ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze** : uma vida filosófica. São Paulo : Ed.34, 2000.